



BRUNO SILVEIRA PIRES

**VESTÍGIOS DA MEMÓRIA SOBRE DANTE ALIGHIERI
NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

CANOAS, 2026

BRUNO SILVEIRA PIRES

**VESTÍGIOS DA MEMÓRIA SOBRE DANTE ALIGHIERI
NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof(a). Dr(a). Lúcia Regina Lucas da Rosa

CANOAS, 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P667v Pires, Bruno Silveira.

Vestígios da memória sobre Dante Alighieri na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul [manuscrito] / Bruno Silveira Pires – 2026.

129 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2026.

“Orientação: Profª. Drª. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

1. Memória. 2. Memória cultural. 3. Memória social. 4. Dante Alighieri, 1265-1321. 5. Biblioteca Pública do Estado (RS). I. Rosa, Lúcia Regina Lucas da. III. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecária responsável: Michele Padilha Dall Agnol de Oliveira - CRB 10/2350

BRUNO SILVEIRA PIRES

**VESTÍGIOS DA MEMÓRIA SOBRE DANTE ALIGHIERI NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação **aprovada** para obtenção do título de
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória
Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Evandro dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Dr.^a Rute Henrique da Silva Ferreira
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Lúcia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais
Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 10 de julho de 2026.

AGRADECIMENTOS

Existem diferentes concepções do que é o amor. E, na verdade, damos o mesmo nome para sentimentos ou desdobramentos muito diferentes, dependendo do tipo de relação. Para classificar melhor, poderíamos usar outros nomes: amizade, companheirismo, doação, solidariedade, paixão e admiração. Existe, por exemplo, do grego, o amor ágape, o filia, o eros e o storge. Diante da multiplicidade destes sentidos quero aproveitar este espaço e agradecer a tantas pessoas, por diferentes tipos de amor que me dedicaram.

Agradeço Àquele que é a causa de toda a existência, o motivo de tudo que permanece e o sentido dos mistérios da vida. Através do limitado saber que a humanidade construiu tentamos nos distanciar da certeza de nossas dúvidas e angústias para vislumbrar, através da mente ou espírito, um pouco da Sua ciência. Imagino que o Seu amor é tão grande que Ele decidiu criar o Universo e todos os seres que existem para compartilhar desse amor. O amor se realiza na doação. Não existe solidão no amor. Ele é amor ágape. O Seu amor é criativo. Ele amou primeiro. A consequência inevitável, para mim, foi que eu o amasse também.

Agradeço à família: Ao meu pai, minha mãe, meus avós, meus tios, minhas irmãs, meus primos, meus sobrinhos, minha esposa e filha queridas, sou grato por me ensinarem com palavras, exemplos e confiança. Amo vocês. Em especial quero destacar a parceria de vida e intelecto com a minha esposa, professora Dr(a). Vanessa de Oliveira Dagostim Pires. Nossa amizade virou amor e nosso amor é tão cheio de companheirismo que parece exagero. Sou sortudo: Eu achei um tesouro. Parafraseando o que você me disse em tempos terríveis: Amo compartilhar os momentos ensolarados da vida com você, mas não existe ninguém mais adequado e com quem eu queira mais enfrentar a tempestade, a dor, a tristeza, a vergonha e as derrotas do que com a minha companheira. Viver com você me faz mais forte. Obrigado por me apresentar à Leitura Fácil. O guia, em anexo a esta dissertação, utilizou dos conhecimentos dessa técnica para ser elaborado.

Agradeço à Universidade La Salle Canoas, através da professora Dr(a). Lúcia Regina Lucas da Rosa, coordenadora deste Programa de Pós Graduação (PPGMSBC). Obrigado, professora, pela generosidade, empatia e orientações no

desenvolvimento desta pesquisa. Percebo que tive muita sorte em escolhê-la como orientadora e ser aceito nesta jornada.

Agradeço aos amigos que continuam por perto e mesmo aos que estão longe. Colegas de faculdade e mestrado que compartilharam momentos cansativos, mas também divertidos. Obrigado ao amigo e professor Dr. Evandro Santos. Ainda que mais distantes do que na juventude, sei que você me apoia. A amizade está guardada em um lugar seguro.

E, por último, agradeço à Biblioteca. A todas as bibliotecas que me dizem respeito. Trabalhei muito nelas e por elas. Recebi meu sustento delas e me formei como aluno e pessoa graças a elas. Inclusive, este trabalho é sobre uma delas: A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (BPE). Destaco os historiadores do Setor RS da BPE: Fábio Lazzari e Fatima Noronha, colegas de que tenho saudades do tempo em que a convivência era diária. Além de profundos conhecedores daquele prédio, são leitores formidáveis: O que ajudou a me desafiar neste quesito. Agradeço às diretoras da instituição: Morgana Marcon e, atualmente, Ana Maria de Souza pelo apoio. Ambas são exemplos de dedicação ao serviço público e à promoção da leitura. Hoje tenho o meu próprio acervo pessoal de livros a que tenho muito carinho, mas ele é só meu. As bibliotecas universitárias, escolares e públicas impactam muito mais. Elas ajudaram a construir e a mudar o mundo, foram a base de toda a tecnologia que conseguimos construir. Que não percamos o respeito por essas instituições, pois temos muito a perder, como espécie, sem bibliotecas repletas de pessoas e livros.

Porque o amor é forte como a morte, e o
ciúme é cruel como a sepultura.

Salomão

O degli altri poeti onore e lume,
Vogliami il lungo studio e il grande amore
Che m'ha fatto cercar lo tuo volume.

Dante Alighieri
[transcrito da parede da Biblioteca]

RESUMO

Esta dissertação, sob o título *Vestígios da Memória Sobre Dante Alighieri na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*, é um estudo no campo da Memória Social da Linha de Pesquisa Memória e Linguagens Culturais do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC) da Universidade La Salle Canoas. A pesquisa tem a seguinte questão de pesquisa: Quais vestígios de memória os positivistas imprimem na releitura da obra dantesca na constituição do espaço na Biblioteca? Tem por objeto de estudo a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (BPE) em Porto Alegre. O recorte temporal é o período de construção e decoração da BPE, 1912-1922. O recorte temático são os temas recorrentes da obra de Dante Alighieri nos espaços decorados e as repercussões destes temas na literatura produzida pelo poeta e diretor da BPE (1922-1928) Eduardo Guimaraens. O embasamento teórico é fundamentado, principalmente, nos conceitos de memória coletiva de Maurice Halbwachs (2024), memória cultural de Jan Assmann (2016) e de vestígios da memória de Paul Ricoeur (2007). A pesquisa tem como objetivo geral identificar vestígios de memória a partir da obra de Dante Alighieri no espaço da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Como contribuição à instituição, na busca por mais impacto social, foi produzido um guia para visitantes contendo informações da pesquisa em Leitura Fácil.

Palavras-chave: Memória Social, Linguagens Culturais, Memória Cultural, Vestígios da Memória, Dante Alighieri, Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This work, titled *Vestígios da Memória Sobre Dante Alighieri na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*, is a study within the field of Social Memory in the research line Memória e Linguagens Culturais from the Master's program Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC) of the Universidade La Salle Canoas. The research addresses the following question: What traces of memory did the Positivists imprint upon the reinterpretation of Dante's work during the shaping of the Library's space? The study focuses on the Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (BPE) in Porto Alegre. The temporal scope covers the period of the BPE's construction and decoration (1912–1922). The thematic scope centers on recurring themes from Dante Alighieri's work found in the decorated spaces and the repercussions of these themes in the literature produced by the poet and BPE's director (1922–1928) Eduardo Guimaraens. The theoretical framework relies primarily on the concepts of collective memory (Maurice Halbwachs, 2024), cultural memory (Jan Assmann, 2016), and traces of memory (Paul Ricoeur, 2007). The general objective of the research is to identify traces of memory derived from Dante Alighieri's work within the space of the Rio Grande do Sul State Public Library. As a contribution to the institution, in an effort to generate greater social impact, a visitor's guide was produced containing research informations in an "Easy-to-Read" format.

Keywords: Social Memory, Cultural Languages, Cultural Memory, Traces of Memory, Dante Alighieri, Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.....	12
Figura 2 - Busto de Dante Alighieri na fachada da Biblioteca Pública.....	13
Figura 3 - Salão Egípcio da BPE contendo as pinturas de Beatriz e Dante.....	13
Figura 4 - Relevô, no elevador, Canto IV do Inferno.....	15
Figura 5 - Canto XXVI do Inferno, escultura em madeira.....	16
Figura 6 - Comparativos.....	25
Figura 7 - Dante Alighieri.....	26
Figura 8 - Beatriz.....	27
Figura 9 - Guia de Visitação em Leitura Fácil.....	46
Figura 10 - Relevô, no elevador, Canto V do Inferno. Encontro com Paolo e Francesca.....	47
Figura 11 - Relevô, no elevador, Canto XXI do paraíso	49
Figura 12 - Mapa mental Amor profano x Amor beatificado.....	52
Figura 13 - As virtudes teologais, Canto XXIX, Purgatório.....	53
Figura 14 - Relevô, no elevador, Canto IV do Inferno. Detalhe.....	56
Figura 15 - Detalhe do texto sob a imagem de Dante.....	58
Figura 16 - Virgílio (esquerda) guia e apoia Dante (direita). Detalhe.....	59
Figura 17 - Mapa mental de obras, influências, personagens e temas.....	65
Figura 18 - Busto de Beatriz no Setor RS da BPE. Escultura em mármore por Giuseppe Bessi.....	66
Figura 19 - Retrato (estampa) de Madame Clotilde de Vaux.....	67
Figura 20 - Detalhe de decoração no Salão Egípcio. Texto sob esfinge.....	69
Figura 21 - Triângulo retângulo dos poetas segundo Comte.....	72
Figura 22 - Monumento fúnebre a Júlio de Castilhos Cemitério Santa Casa de Porto Alegre.....	76
Figura 23 - Monumento a Júlio de Castilhos (1913), Porto Alegre por Décio Villares.....	77
Figura 24 - Vista da Praça Marechal Deodoro, na foto, da esquerda para a direita, do fundo para o primeiro plano, o prédio da Biblioteca Pública, o Palácio da Justiça e o Monumento a Júlio de Castilhos.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Total por base de dados.....	30
Quadro 2 - Distribuição de ocorrências dos descritores por bases de dados.....	31
Quadro 3 - Total de ocorrências dos descritores nas bases de dados.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resposta ao questionário. Pergunta 1.....	81
Gráfico 2 - Resposta ao questionário. Pergunta 2.....	82
Gráfico 3 - Resposta ao questionário. Pergunta 3.....	82
Gráfico 4 - Resposta ao questionário. Pergunta 6.....	84
Gráfico 5 - Resposta ao questionário. Pergunta 8.....	85
Gráfico 6 - Resposta ao questionário. Pergunta 9.....	85
Gráfico 7 - Resposta ao questionário. Pergunta 10.....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Memorial.....	19
1.2 Contexto.....	22
1.2.1 Questão de Pesquisa.....	28
1.2.2 Objetivos.....	28
1.2.3 Justificativa.....	28
2 BASES CONCEITUAIS.....	33
2.1 Memória Social.....	34
2.2 Paisagem Cultural e Patrimônio.....	41
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	45
4 AMOR PROFANO, AMOR BEATIFICADO E O AMOR COMO VIRTUDE.....	47
5 LEGADO E IMITAÇÃO DO AMOR: VIRGÍLIO E DANTE NA BPE.....	56
6 POSITIVISMO E A BPE: BEATRIZ E CLOTILDE DE VAUX.....	66
6.1 A Federação.....	79
7. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	81
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
5. REFERÊNCIAS.....	91
6. APÊNDICE A: Questionário aplicado.....	96
7. APÊNDICE B: Guia em Leitura Fácil de Obras Sobre Dante Alighieri na BPE....	98

1 INTRODUÇÃO

hora estranha de angústia e de amor olvidado,
ouve a recordação

Eduardo Guimaraens

¹Convido o leitor para fazermos uma experiência em que o encadeamento de referências históricas e literárias nos faça percorrer um caminho que começa em Porto Alegre, hoje, e viaja por cidades italianas na Idade Média. Diversos temas poderiam delinear este passeio mas, aqui, sugiro especificamente o do movimento, da mobilidade cultural através dos recorrentes e diferentes casos de *exílio*. Podemos iniciar nosso percurso tendo em mente a afirmação sobre mobilidade linguística de Valéria Brisolara:

Os escritores exilados discutem a questão da identidade e são forçados a forjar uma identidade entre sua língua materna e sua língua de escritura e frequentemente fazem desse processo de negociação identitária o tema central de sua literatura. (Brisolara, 2010, p. 288)

Iniciamos em Porto Alegre, cidade que teve crescimento exponencial nos começos do século XX. Nesta cidade, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) desenvolveu uma estrutura de poder muito sólida (apesar de ser de questionável legalidade eleitoral), o que lhe permitiu controlar a vida pública por décadas. Através deste poder e de conjunturas econômicas favoráveis, ergueram-se estruturas significativas que até hoje são importantes equipamentos para a cidade (Doberstein, 1992). Nestas construções, foram impressas as convicções político-ideológicas dos detentores deste poder. Um destes prédios é a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (BPE) (Figura 1). Esta edificação, construída e decorada entre 1912 e 1922, contém, além de explícita propaganda ideológica (com figuras e textos que

1 Texto da introdução adaptado de ensaio escrito para a disciplina Mobilidades Culturais do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle Canoas a ser publicado na Revista Memória e Linguagens Culturais

provêm do positivismo comteano), toda uma gama de referências à História, Literatura e Arquitetura. Faz sentido essa decoração diversificada em um espaço que se propõe a apresentar um apanhado do saber humano, da cultura.

Figura 1 - Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Pois bem, estamos na biblioteca mencionada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Nesta encontramos um autor muito referenciado, quer seja por textos, quer seja por estátuas ou por pinturas: Dante Alighieri (1265-1321). Temos o busto dele na fachada do prédio (Figura 2), ladeado por outros representantes do calendário criado pelo filósofo positivista Auguste Comte. Calendário mesmo, porque cada pessoa retratada ali corresponde a um mês no ano, como um patrono. A legenda atribuída a ele na BPE é a que o relaciona à Literatura.

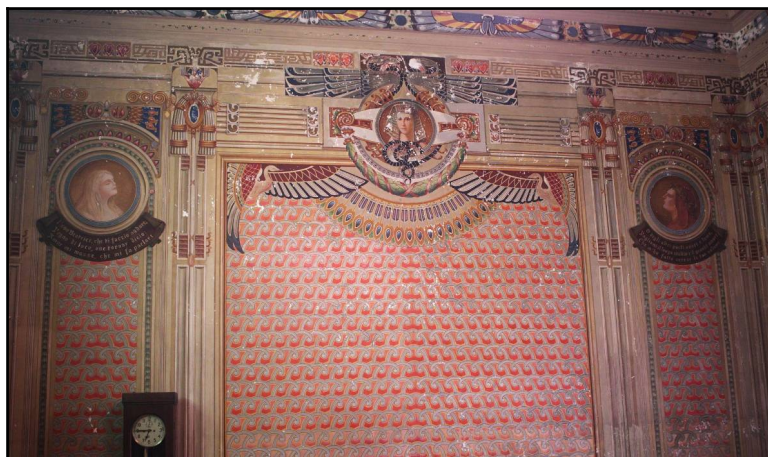
Figura 2 - Busto de Dante Alighieri na fachada da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

O livro mais famoso de Dante é a obra escrita em versos decassílabos *A Divina Comédia* (1321), onde o autor também é narrador e personagem. Sua musa, desde os textos da juventude, Beatriz (Beatrice Portinari) (supostamente teria vivido entre 1266-1290), é uma personagem comumente considerada pessoa histórica. Beatriz foi disposta conjuntamente ao autor no salão egípcio da BPE (Figura 3).

Figura 3 - Salão Egípcio da BPE contendo as pinturas de Beatriz (esquerda) e Dante (direita).



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

A Divina Comédia de Dante é considerada uma das obras mais importantes da Literatura Ocidental. Trata-se de um texto riquíssimo em detalhes, escrito na linguagem vulgar, ou seja, naquela utilizada na região e não no latim. É o toscano, base para um dos italianos falados hoje na Itália. Isso conta muito para a identidade

da língua italiana e é de fato mencionada, já na época, a importância desta escolha².

O livro narra a história de Dante que se encontra meio sonolento e perdido. Provavelmente está sonhando, para Jorge Luis Borges (2011, p. 18), “trata-se inquestionavelmente de um sonho”. Ele vai fazer um caminho que percorre o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Para este projeto, conta com a ajuda de Beatriz, que envia Virgílio para o guiar. Essa sua musa é uma figura esplêndida e, ousadamente, como lembra Borges, ele a alça no nível de beatitude similar ao atribuído à Virgem Maria pelo catolicismo³. O autor cria, no livro, uma arquitetura com círculos concêntricos que mostram no Inferno uma diversidade de níveis de distanciamento do calor/luz de Deus cada vez maior, chegando até ao congelamento onde estão os maiores traidores. Neste lugar há a desesperança, pois não existe maneira das almas danadas saírem. Já no Purgatório também existe sofrimento, porém com este se vê um longo caminho para o alívio eterno. Finalmente, o Paraíso é alcançado por Dante depois de atribuir julgamentos a muitos de seus desafetos nos espaços anteriores.

Sobre a fama de Dante, Erich Auerbach demonstra que é aflorada a admiração a ele em textos de poetas do círculo literário de que fazia parte. Em *Vida Nova* e *Convívio*, Dante faz alusões “à sua fama poética” (Auerbach, 2022, p.50-51) mas é em *A Divina Comédia* que encontramos uma passagem interessante para o estudo das decorações da BPE relacionada a isso:

Em um dos primeiros cantos do “Inferno” [Canto IV], Dante se faz acolher sem reservas pelos grandes poetas da Antiguidade, algo a que só se permitiria um homem que, como ele, sabia que os leitores iniciados não achariam ridícula tal presunção [...] (Auerbach, 2022, p.51)

O canto mencionado por Auerbach é ilustrado no elevador da BPE, em uma das suas quatro faces. No relevo (Figura 4), como no texto, encontramos Homero, Horácio, Ovídio e Lucano recebendo Virgílio e Dante:

2 Para maiores informações da fama de Dante Alighieri escrita em período próximo sugerimos consultar o livro de Boccaccio, 2021, onde o divulgador louva essa eleição do idioma conforme veremos a seguir.

3 Isso também é destacado por outros autores como Harold Bloom (2021), conforme discutiremos neste trabalho.

Figura 4 - Relevo, no elevador, Canto IV do Inferno.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Na sua obra, dentre outros momentos, Dante descreve um encontro infernal no canto XXVI com Ulisses/Odisseu, herói astuto na guerra contra Tróia contada por Homero. Este guerreiro sabe o que é estar longe de casa em viagens de extensa duração. Acompanhamos nas homéricas *Iliada* e depois na *Odisseia* os dez anos de batalhas e também os dez anos de retorno à Ítaca onde seu reino e sua esposa Penélope o esperam.

Ulisses, assim como Dante, visita um reino dos mortos na *Odisseia*, não o da teologia cristã ainda, mas o grego, governado por Hades. No texto de Homero, a história de Ulisses termina com vida no triunfo do retorno ao lar. Já na conversa desenhada por Dante, descobrimos que Ulisses se *autoexilou* algum tempo depois e, com seus companheiros, partiu para novas aventuras até encontrar o naufrágio e a morte que o conduzem ao cenário sinistro.

Neste canto XXVI, Ulisses explica que nem mesmo os amores aos membros da família “me puderam vencer o fervor/ que me impelia a conhecer o mundo”. E ali reconta a frase dita para animar seus companheiros de então. Esta é a mesma frase⁴ que encontramos ladeada por demônios na sala egípcia (Figura 5), uma das

4 A transcrição do texto na escultura: “Considerate la vostra semenza/ fatti non fosti a viver come bruti/ Ma per seguir virtude e conoscenza”. Com exceção das palavras *virtute* e *canoscenza* são idênticas às apresentadas como originais na versão bilíngue do texto de Dante utilizada na maior parte do trabalho que é a da tradução de Italo Eugenio Mauro. (Alighieri, 2022, p. 179)

salas decorada da BPE, no original (aqui na versão traduzida por Italo Eugenio Mauro):

Considerai a vossa procedência:
 não fostes feitos pra viver quais brutos,
 mas pra buscar virtude e sapiência
 (Alighieri, 2019, XXVI, 118-120, p. 179)

Figura 5 - Canto XXVI do Inferno, escultura em madeira



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Jorge Luis Borges explica que esse Ulisses de Dante estava rumando para o ocidente, num empreendimento suicida mas heroico no fim de seu tempo de vida que “prefigura os famosos exploradores” das grandes descobertas na América e Índia. Para Borges, o escritor também se questionaria sobre os riscos teológicos e políticos que sua ousadia na escrita da *Comédia* poderiam lhe trazer. (Borges, 2011, p. 32).

Para a biblioteca, esta frase dita por Ulisses no texto de Dante demonstra a intenção de criar um espaço onde o desenvolvimento intelectual serviria para um progresso social na visão evolutiva do positivismo que classifica as sociedades numa linha ascendente rumo ao progresso. Diferenciam-se desta forma os “brutos”, os selvagens e incultos daqueles supostamente assim como *nós* os *filósofos/governantes* que somos *virtuosos/sábios*. Fica estabelecida a sugestão de quem deveria governar e quem precisa ser governado nesta concepção de mundo. Este elitismo, que tem sua justificação proveniente do *Catecismo Positivista* (Comte, 2000), será devidamente apresentado no capítulo apropriado nesta dissertação (4.2 Positivismo e a BPE: Beatriz e Clotilde de Vaux).

Dante teve uma vida muito atribulada em Florença e sabemos disso por seu propagandista na época, Giovanni Boccaccio (1313-1375). O escritor, também um florentino, escreve no seu *Trattattello*, ou *Vida de Dante* (2021), uma defesa do

ilustre escritor que por motivos políticos foi exilado⁵ de Florença (“república injusta”) para Ravena:

E, embora se pudesse provar as coisas ditas com exemplos evidentes de ingratidões infinitas e inaceitáveis casos de remissão, para menos mostrar nossos defeitos e para chegar ao meu principal intento, será suficiente contar apenas um (e este não será pouco nem pequeno), recordando o exílio do ilustríssimo homem Dante Alighieri. (Boccaccio, 2021, p. 34).

Boccaccio se vê obrigado a denunciar a injustiça do tratamento ao ilustre concidadão e diz que “[...] embora vejamos impunes as coisas mal feitas, além de fugir delas, devemos, a bem cumprir, nos empenhar em repará-las.” (Boccaccio, 2021, p. 35) Ele executa muito bem este projeto e consegue “honrá-lo [...] com pobres letras para tão grande empresa” (Boccaccio, 2021, p. 35). Por sinal Dante é mais conhecido também graças à divulgação feita por ele na *Vida de Dante* e em palestras na época.

O escritor florentino diz que “Morou Dante, então, em Ravena, perdida toda esperança de um dia regressar a Florença”, isto sob tutela de Guido Novello da Polenta, segundo Boccaccio por vários anos “[...] Ele demonstrou com seus feitos que qualquer matéria elevada se poderia tratar com ela [a língua toscana], e glorificou nosso idioma vulgar mais do que qualquer outro.” (Boccaccio, 2021, p. 54)

O próprio Boccaccio é criador de um clássico, no caso em prosa, o *Decamerão*, onde as suas personagens se deslocam juntas desde Florença para sobreviver à peste que assolava a cidade. O ano indicado por ele era 1348 quando “sobreveio a mortífera pestilência” na cidade, matando cerca de cem mil pessoas em cinco meses - diretamente ou devido ao caos sanitário (Boccaccio, 1996, p.16-23). Neste local, as dez pessoas se entretêm contando cem pequenas histórias que, no seu simbólico múltiplo da dezena, dão o título ao livro (*deca*, dez, número tradicionalmente associado à plenitude/perfeição assim como o decassílabo utilizado por Dante para retratar o mundo espiritual).

Portanto acompanhamos o grupo no *Decamerão* que toma a decisão de sair e no seu novo abrigo se entretêm contando muitas histórias uns aos outros:

5 Segundo Perez (2025), o exílio de Dante está inserido no contexto das críticas ao Papa Bonifácio VIII e a disputa entre os Guelfos Brancos e Negros. Dante fazia parte do partido Branco que se opunha às medidas papais. Dante era contra o jubileu estabelecido por Bonifácio VIII. As críticas podem ser verificadas nos seus livros, inclusive na insinuação da alocação de Bonifácio no Inferno. (Dante, 2019, Inferno, Canto XIX) O partido sofreu um golpe dos Guelfos Negros que expulsaram o partido Branco. Dante, estava em viagem oficial para negociar com o papa durante o ataque. Ele nunca mais conseguiu retornar do exílio (Perez, 2025, p.77-83).

[...] não venhamos a cair naquilo de que poderemos escapar, de uma maneira ou de outra, se o quisermos, acho excelente a ideia de deixarmos esta terra [...] vamos honestamente instalar-nos em nossos lugares, nas cercanias da cidade [...] ouvem-se ali os passarinhos cantando (Boccaccio, 1996, p. 26)

O mnemônico do canto dos passarinhos (os rouxinóis no Decamerão) faz lembrar uma outra situação de mobilidade, talvez a mais famosa da nossa literatura brasileira que inspira inclusive o Hino Nacional, aquela do sabiá na “Canção do Exílio” de Antônio Gonçalves Dias⁶.

O poeta escreve “debaixo de céu diverso - e sob a influência de impressões momentâneas”. (Dias, 1846, p. 5) E considera-se um exilado, não forçosamente, mas mesmo que por circunstâncias felizes como estudante em Portugal lamenta a ausência de sua paisagem natal. Ele compõe “nas margens do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez - no Doiro e no Tejo - sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América”. (Dias, 1846, p. 5-6) Ou seja, suas poesias são fruto da heterogeneidade de suas vivências, no deslocamento do Brasil, Coimbra, Lisboa ou viajando pelos oceanos e lembrando do que ficou para trás. O mesmo se dá com Dante, Boccaccio e Gonçalves Dias: o movimento está intimamente ligado à criação literária⁷. É necessário sobreviver ao exílio e formar a identidade numa amálgama de dois mundos diferentes. É natural procurar na memória da terra patrícia as paisagens, os sons, os cheiros e os amores perdidos quando se está em deslocamento.

E a decoração dantesca na BPE, que ainda trataremos mais adiante, foi realizada por um artista moldado pelo deslocamento: O pintor Ferdinand Schlatter, imigrante germânico.

Para compreensão do lugar em que está fundamentado este estudo apresentaremos um capítulo de contexto. Em seguida a questão de pesquisa, objetivo geral e específicos serão apresentados. Depois virão as justificativas com

6 “Minha terra tem palmeiras,/ Onde canta o Sabiá;/ As aves, que aqui gorjeiam,/ Não gorjeiam como lá./ Nosso céu tem mais estrelas,/ Nossas várzeas têm mais flores,/ Nossos bosques têm mais vida,/ Nossa vida mais amores.” (Dias, 1846, p. 9-10)

7 Na escrita em geral, não só da literatura de ficção, temos diversos exemplos disso. O impacto dos deslocamentos/mobilidades pode ser capturado em escritas de fugitivos, reféns, navegadores, etnólogos, ..., e de historiadores. Sobre os historiadores exilados, Paulo Knauss, ao comentar sobre Heródoto e Tucídides, destaca o impacto da experiência de exílio: “há na historiografia fundadora uma manifestação de consciência provocada pela condição política de seus autores e a possibilidade de participar da discussão pública a partir da escrita. Essa condição define uma moral sob a marca do exílio para o estudo da história.” (Knauss, 2008, p. 142)

apresentação do levantamento de pesquisas que dizem respeito ou tangenciam a temática deste trabalho. As bases conceituais de Memória Social e outros campos serão apresentadas na sequência. A metodologia aplicada neste trabalho é explicitada no capítulo seguinte. Os capítulos e subcapítulos seguintes tratarão da análise das imagens, textos e comparação literária concernentes aos nossos objetivos. Em um destes subcapítulos, onde traremos comparações entre o Amor apresentado por Dante e Augusto Comte, falaremos mais demoradamente sobre o Positivismo no contexto dos recortes temporais e temáticos deste trabalho. Traremos um breve capítulo com apontamentos sobre informações contidas no jornal do Partido Republicano Rio-Grandense *A Federação*. Os últimos capítulos antes das considerações finais serão a análise de um questionário que foi aplicado durante a pesquisa e um outro capítulo sobre a técnica de Leitura Fácil utilizada no Guia que produzimos para a Biblioteca.

↪ Na próxima seção apresentaremos um memorial. No memorial pretendemos demonstrar como nossa trajetória profissional e acadêmica nos conduziram até a elaboração desta pesquisa.

1.1 Memorial

Iniciei minha trajetória cursando a Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2002. No decorrer do curso, percebi que tinha muitos outros interesses nos diversos ramos do saber que não poderiam ser supridos apenas pelo curso de História. Boa parte do tempo livre que dispunha gastava na Biblioteca de Humanidades e Letras, estudando os diversos gêneros literários disponíveis na ala de Letras da Biblioteca. Esse interesse pelos livros cresceu com as indicações de professores, principalmente aquelas que não eram obrigatórias. Nunca esqueci a genuína emoção do professor Temístocles Cezar ao falar de literatura russa (em um parêntesis de uma aula que versava de algum outro assunto que esqueci depois de duas décadas). O melhor estava nos parêntesis. Era nessas pequenas pausas de sinceridade. Na declaração de amor a um livro ou autor, de indicações paralelas conectadas ao gosto pessoal de um professor, que eu, aluno, era fisgado pela literatura. Acredito que o melhor aliado para o aprendizado é a emoção. Em particular a emoção da curiosidade. Despertar isso fez

toda a diferença. O acesso livre a uma Biblioteca repleta era o empurrão para a formação de um leitor mais autônomo. Foi ali na Biblioteca que me encantei, por exemplo, pelo teatro de Ibsen e depois de Brecht; pelos romances distópicos e livros reportagens de George Orwell e Aldous Huxley; pela epopeia de Odisseu no seu retorno para Ítaca, pela humanidade de personagens atormentados como Raskolnikov e sua redenção através do arrependimento ensinado por Sônia, uma personagem aparentemente mais miserável do que ele em *Crime e Castigo* e, enfim, por todos os desamparados protagonistas de contos e romances de Kafka. E aqui neste Memorial destaco *A Divina Comédia* de Dante Alighieri pois seu texto é essencial na proposta de pesquisa que apresentarei.

No meio do curso de graduação nos foi solicitado um trabalho que equivaleria a um TCC. Ali escrevi sobre Jean-Paul Sartre comparando os textos *O existencialismo é um Humanismo*, que é uma palestra em defesa da “responsabilidade existencial”, com a peça teatral *As Moscas*, que mimetiza os clássicos helênicos para sugerir a mobilização da resistência no contexto da França ocupada na segunda guerra. Gostava de Sartre não necessariamente pelo apelo espiritual de sua filosofia libertária, mas apreciava a popularização de suas ideias através da Literatura de Ficção, o meio que me apresentou brevemente à Filosofia.

Este novo interesse, então no ramo da Filosofia, me motivou a estudar para o ingresso no Mestrado da matéria na UFRGS assim que me graduei, mas meu conhecimento incipiente da área não foi o suficiente para obter a aprovação para o curso.

Em seguida, no ano de 2008, iniciei meu período de trabalho como professor de História concursado na cidade de Vale Verde com crianças do Ensino Básico. Mas, infelizmente, interrompi a carreira precocemente devido às dificuldades financeiras que o salário no magistério não conseguia suprir. Prestei concurso para o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul) e comecei a trabalhar como caixa no banco até o final do ano de 2010. Em virtude da carreira no banco ingressei no curso de Ciências Econômicas na mesma universidade da primeira graduação. Não concluí esta graduação pois fiz novo vestibular alguns anos depois para Artes Visuais, curso que me possibilitou realizar atividades artísticas (pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia e etc) dentro de ateliês da UFRGS por cerca de 10 anos. No período da pandemia, com aulas apenas virtuais, saí do curso.

Logo percebi que o trabalho no banco não era interessante para mim e fiz concurso para Analista em Assuntos Culturais do Estado do Rio Grande do Sul com a formação de História. Neste cargo atuo até hoje em bibliotecas da Secretaria da Cultura. A maior parte do tempo em que servi a esta secretaria trabalhei na Biblioteca Pública do Estado (BPE-RS). Nesta instituição, além de exercer outras tarefas ligadas ao acervo e ao atendimento ao público, desenvolvi levantamentos técnicos de pesquisas sobre a história e o patrimônio da biblioteca, ajudei na organização de diversos encontros de Clubes de Leitura (Principalmente abordando clássicos da Literatura como *A Divina Comédia*, *Em Busca do Tempo Perdido* e *Dom Casmurro*, por exemplo). Também apresentei visitas guiadas para diversos públicos com interesse na instituição. A alguns anos pedi transferência para a Biblioteca Infanto-juvenil Lucília Minssen onde atendo famílias e seus pequenos leitores, além de atuar no restauro de livros (atividade que tem ligação com habilidades desenvolvidas nas artes plásticas).

No espaço da BPE eu costumava apresentar uma narrativa para os visitantes que me foi legada pelos outros funcionários e pelos textos disponíveis. Aquele espaço apresenta diversos temas inspirados em períodos históricos cronológicos. Mas um dos elementos anacrônicos que chamavam a atenção de todos e que não tínhamos uma boa explicação do porquê de sua escolha era a obra de Dante Alighieri retratada fora de contexto na sala egípcia. Seriam necessários conhecimentos que, acredito, conseguimos construir neste PPG.

A entrada para este programa de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC) veio logo após os eventos climáticos de maio de 2024. Depois de ter a casa devolvida pelas águas da enchente e feito a longuíssima faxina tive a motivação de voltar a estudar. Já estava ciente da existência do curso e aproveitei o incentivo ao ingresso da Universidade La Salle no pós-enchente. Diversos colegas demonstravam as consequências da tragédia climática em seus discursos. Acredito que isso ajudou a criar um grupo unido, com uma identificação bem clara nos seus indivíduos. É muito interessante que isso tenha acontecido em um curso de Memória Social onde aprendemos que a memória está conectada à identidade. Éramos a turma da enchente.

→ Na seção seguinte contextualizamos o espaço e as temáticas que dizem respeito a este trabalho. Daremos as primeiras informações sobre imagens relativas a Dante Alighieri e na Biblioteca.

1.2 Contexto

A Biblioteca Pública do Estado se encontra na região central da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ela é caracterizada como uma construção de estilo eclético e pertence ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. A *paisagem urbana* em que a encontramos é densamente povoada e o prédio é ladeado pela Praça Marechal Deodoro (conhecida como Praça da Matriz) que contém importantes instituições. Alguns dos destaques encontrados nos entornos desta praça são o Palácio Piratini, sede do executivo; a Assembleia Legislativa; o Palácio da Justiça; a Igreja Matriz; a Cúria Metropolitana; o Museu Júlio de Castilhos; o Monumento a Júlio de Castilhos e o Teatro São Pedro. É uma região de alto fluxo de automóveis, mas com os espaços abertos e arborizados da praça consegue ter atrativos aos pedestres. Isso tudo fica em frente ao prédio, na sua face sul, Rua Riachuelo (que já foi Rua do Cotovelo e Rua da Ponte). A outra face do prédio que é voltada para a rua é a da General Câmara (ainda conhecida como rua da Ladeira) que, muito íngreme, desce para o muro do Lago Guaíba (referenciado de forma quase unânime como rio Guaíba).

A Biblioteca Pública existe desde 1871, ocupando espaços em instituições de ensino, mas sua primeira e única sede própria foi a edificação de que estamos tratando. A BPE foi construída no decênio 1912-1922, teve uma primeira inauguração em 1916 e foi entregue completa no dia 07 de setembro de 1922, justamente no centenário da Independência do Brasil. Este prédio foi projetado por Affonso Herbet e Teófilo Borges de Barros, engenheiros do Estado (Jardim, 2002). O diretor/bibliotecário envolvido na construção e seleção dos temas retratados na decoração do prédio foi Victor Silva. Junto a ele trabalhava o poeta Eduardo Guimaraens, que veio a ser o diretor posterior ao falecimento de Victor Silva.

Quando o visitante chega na Biblioteca, se ele for atento ou instruído a atentar-se para a fachada do edifício, perceberá dez rostos esculpidos entre as janelas do primeiro e segundo pavimento. Estes estão dispostos assim pois representam o Calendário Positivista, criado por Augusto Comte. Neste calendário

de treze meses, que não está completo nesta decoração, existe um patrono para cada mês. Os escolhidos são homens tidos por historicamente marcantes em uma visão positivista que descreve uma linha evolutiva da humanidade (Doberstein, 1992). Assim, para cada área e mês correspondente foi escolhido um nome ilustre: Indústria Moderna – Gutemberg; Civilização Feudal – Carlos Magno; Filosofia Moderna – Descartes; Catolicismo – São Paulo, etc. E para a Literatura, ou como foi nomeada Epopeia Moderna, o patrono é justamente Dante Alighieri que também tem seu rosto representado.

Quando este prédio foi construído “havia hegemonia dos grupos republicanos no Rio Grande do Sul, através do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)”. E conforme Claudia Wasserman nos ensina era um partido “autoritário e centralizador” pautado pelo positivismo. Ainda, conforme Wasserman, o projeto hegemônico castilhistas somado às estratégias de fraudes eleitorais manteve Borges de Medeiros (1863-1961) no governo até “os primeiros efeitos da crise do pós-guerra” com relativa estabilidade entre as revoluções no Rio Grande do Sul de 1893 (Federalista) e 1923 (Libertadora: Chimangos *versus* Maragatos) pois os fatores econômicos contribuíam com isso (Wasserman, 2004, p. 273-280).

Mas é mais interessante o que a mesma historiadora nos ensina sobre a edificação dos prédios da época:

A influência positivista no Rio Grande do Sul não se restringiu ao campo político. A ‘ditadura científica’ de Castilhos também foi responsável por uma intensa modernização urbana, em Porto Alegre e nas principais cidades do Estado. Além de uma estatutária típica, colocada nas praças e parques, foram erguidas várias construções suntuosas, os chamados ‘prédios positivistas’, como as Faculdades de Medicina, Direito e Agronomia. (Wasserman, 2004, p. 275)

E podemos afirmar que a Biblioteca Pública se enquadra dentre estes prédios como uma vitrine para a “ditadura científica” positivista do PRR. No seu livro “Estatutária e Ideologia” o historiador Arnaldo Doberstein apresenta a BPE como mais uma das construções apresentadas pelos detentores do poder no Rio Grande do Sul de então como objeto de sua retórica (Doberstein, 1992). Ao explicar a significância para o positivismo de cada um dos bustos da fachada da Biblioteca, o autor destaca o investimento:

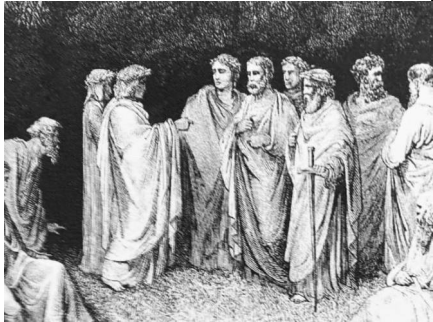
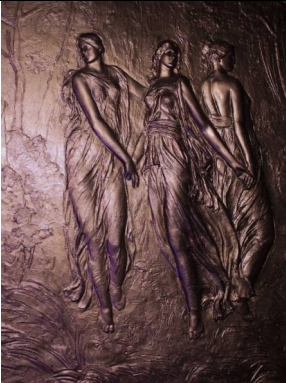
Enfim, tratam-se de bustos trabalhados a rigor e que podem tranquilamente ser incluídos entre os melhores de que dispomos em Porto Alegre. O que demonstra que o governo provincial positivista, alegadamente tão austero e parcimonioso no trato dos recursos públicos, quando era o caso de se utilizar da arte para propagar sua doutrina, não hesitava em cometer *saudáveis extravagâncias*. (Doberstein, 1992, p. 26)

Quando o visitante adentra na Biblioteca ele se depara com diversos elementos que fazem referência a épocas e pessoas que eram representativas para os edificadores e decoradores daquele espaço. As pinturas começam no saguão de entrada junto à escada com o renascimento florentino com animais e flores e passam para o tema mourisco em uma ampla sala no segundo andar. Nesta sala mourisca não existem representações antropomórficas ou zoomórficas nas pinturas, o que diria respeito ao estilo e preceitos característico de povos islâmicos. Mas não significa que seja pobre em decoração. Muito pelo contrário. Os padrões geométricos e botânicos se destacam em cores vibrantes. No entanto, atualmente existem diversas estátuas, dentre elas está a figura de Dante Alighieri, Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos (1860-1903).

Uma outra sala muito interessante é a mais interna: a sala egípcia. Esta sala contém pinturas com escaravelhos, flores de lótus, divindade egípcia e uma passagem que faz referência a Augusto Comte onde a Ciência (positivista) se sobrepõem à Esfinge (o mistério, o oculto).

Encontramos na sala com temática predominantemente egípcia, três trechos do texto de *A Divina Comédia* acompanhados de imagens. Dois destes textos fazem parte de pinturas das figuras de Dante Alighieri (Figura 7) e depois Beatriz Portinari (Figura 8). Um terceiro está em um varal esculpido em madeira guardado por figuras demoníacas, também esculpidas, de ambos os lados. A pintura dos elementos decorativos é atribuída a Ferdinand Schlatter, conforme documentação disponível na Biblioteca (Setor RS da BPERS, 1915). Estas pinturas foram objeto de pesquisa “biográfico-histórica” (Messele-Wieser, 2013), de publicação produzida na instituição (Jardim, 2002) e de veiculação jornalística da época (Silveira, 2024). Existe ainda um elevador de madeira no centro do prédio com relevos dourados em cada lado. Cada uma das imagens faz referência a cenas de *A Divina Comédia*. As imagens são claramente inspiradas nas ilustrações para o livro realizadas por Gustav Doré, conforme comparativo que elaboramos e disponibilizamos a seguir (Figura 6):

Figura 6 - Comparativos

Cena no livro	Relevo no elevador da BPE	Gravura de Gustav Doré no livro
Encontro com poetas. Inferno, Canto IV.		
Paolo e Francesca. Inferno, Canto V.		
Beatriz. Paraíso, Canto XXI.		
As Virtudes Teologais, Purgatório, Canto XXIX.		

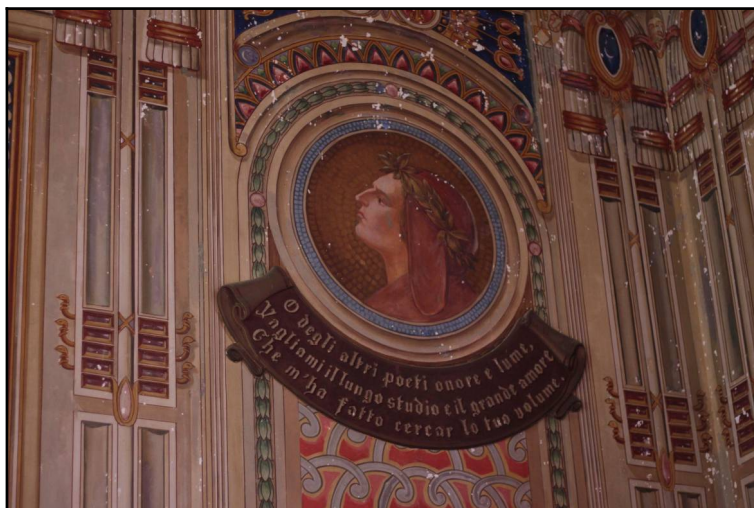
Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor e recortes de gravuras de Gustav Doré (Doré, 2025)

Seguem fotografias nossas, do local, com as transcrições dos textos dispostos nas paredes. O primeiro texto, é uma passagem do início do poema, no

canto I, onde Dante se encontra perdido no caminho e fala ao poeta latino Virgílio, que vem em seu socorro guiando-o no Inferno e no Purgatório:

O degli altri poeti onore e lume,
Vogliami il lungo studio e il grande amore
Che m'ha fatto cercar lo tuo volume. [transcrito da parede]⁸

Figura 7 - Dante Alighieri



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Logo ao lado vem a imagem do rosto atribuído a Beatriz acompanhado de trecho falado por ela mesma no Canto II:

l'son Beatrice, che vi faccio andare,
Vegno di loco, que tornar disio:
Amor mi mosse, che mi fa parlare. [transcrito da parede]⁹

8 Ó de todo poeta honor e lume,
valha-me o longo estudo e o grande amor
que me fez procurar o teu volume.
(Alighieri, 2019, Canto I, v. 82-84)

9 Eu sou Beatriz, que peço que tu vás,
venho de aonde retornar almejo
amor moveu-me, que falar me faz.
(Alighieri, 2019, Canto II, v. 70-72)

Figura 8 - Beatriz



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

No livro *A Divina Chimera*, datado de 1916, Eduardo Guimaraens, diretor da biblioteca e poeta simbolista (Guimaraens, 2025, p. 25), já antes de iniciar os poemas, cita esta passagem: “Amor mi mosse, che mi fa parlare”. Atribuindo assim ao amor a motivação da escrita poética, como também o amor move Beatriz no resgate e na sua fala. A arte de Dante é uma fonte de inspiração tanto nos temas, como nas motivações.

O tema reaparece no livro de Guimaraens, por exemplo, no poema *Quando, longe de ti*:

Ó doloroso Dante,
quero o marfim da tua “Vita Nuova”
ou dos tercetos do teu “Paradiso”
feitos, como os missais da Idade Média,
[...]
(Guimaraens, 2025, p. 43)

Outro exemplo, ainda, está na comparação direta de elementos com a Beatriz de Dante quando diz: “Vinhas como a Beatriz do grande Poema [...]” (Guimaraens, 2025, p. 99) e no poema *Final*: “Noite, que és a Beatriz que inspira [...]”. (Guimaraens, 2025, p. 125).

Neste livro podemos notar que o estilo de Dante que Guimaraens se inspira é o dos textos de sua juventude da *Vida Nova* (Alighieri, 1903). Também afirma isto Lígia Morrone Averbuck no prefácio da edição de *Divina Quimera* (Guimaraens, 2025, p. 129-135).

→ A seguir apresentamos a nossa questão de pesquisa, nossos objetivos com o trabalho que está sendo executado e as justificativas para sua execução.

1.2.1 Questão de Pesquisa

O tema a ser pesquisado está circunscrito na seguinte questão de pesquisa: Quais vestígios de memória os positivistas imprimem na releitura da obra dantesca na constituição do espaço na Biblioteca?

1.2.2 Objetivos

Para este projeto explicitamos um objetivo geral e três objetivos específicos:

Geral:

- Identificar os vestígios de memória a partir da obra de Dante Alighieri no espaço da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Específicos:

- Conhecer o contexto político da construção do prédio da BPE do Rio Grande do Sul a partir da análise dos documentos do período.
- Entender melhor a simbologia envolvida na escolha da obra de Dante Alighieri para o espaço da BPE.
- Produzir um guia de visitação para a BPE, nos espaços relacionados a este trabalho, em Leitura Fácil.

1.2.3 Justificativa

Esta pesquisa se justifica pela valorização do patrimônio construído no Rio Grande do Sul. Voltando o olhar para o prédio da BPE, que é um edifício tombado por lei federal e estadual, podemos ajudar a promover a *paisagem cultural* em que ele se inclui. Também poderemos compreender melhor as relações da *memória* com esta paisagem e com a nossa *identidade* de cidadãos deste lugar.

A Linha de Pesquisa *Memória e Linguagens Culturais*, presente no curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, é o espaço adequado para o desenvolvimento deste trabalho. A “análise de narrativas” em diversos âmbitos possibilitada pela linha de pesquisa citada trouxe o ferramental necessário para discutir apropriadamente a proposta de pesquisa.

O trabalho foi viável por estar enquadrado na especificidade de um recorte temporal, temático e espacial restrito. Respectivamente os recortes são: As primeiras duas décadas do século XX (tempo); as decorações dantescas selecionadas, a produção literária do diretor Eduardo Guimaraens (tema) e o prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (espaço).

A viabilidade de acesso ao local se deu pela livre circulação garantida naquele espaço público e pela autorização e apoio da direção da instituição. Assim também, para o acesso aos documentos públicos presentes no local. No último semestre desta pesquisa o prédio se encontrava fechado para reforma e o acesso se tornou restrito. Isso não criou dificuldades significativas pois a leitura dos documentos e os registros fotográficos já haviam sido realizados antes disso. A seleção e leitura dos jornais utilizados foi realizada através de cópias digitalizadas disponíveis em portal de acesso livre. O questionário apresentado na parte final foi realizado de maneira eletrônica.

Produzimos um guia para intermediar as questões desenvolvidas nesta pesquisa com a visitação do espaço da biblioteca. Acreditamos que disponibilizar este material dará mais impacto social à pesquisa junto aos leitores que se utilizam do espaço.

Realizamos uma busca em bancos de dados de trabalhos acadêmicos com o intuito de apontar a ocorrência de estudos semelhantes.

Diante dessa circunstância, decidimos produzir uma busca de ocorrências das palavras-chave deste trabalho com mínimas variações (palavras no singular e o uso genérico do descritor biblioteca pública). Os descritores utilizados foram: Memória Social, Memória Cultural, Vestígio da Memória, Dante Alighieri e Biblioteca Pública.

Logo abaixo dispomos de três quadros com os dados numéricos das ocorrências dos descritores nas nossas buscas nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do

Repositório do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (PPGMSBC).

As buscas foram realizadas com os seguintes critérios: Ocorrência dos descritores nos títulos dos trabalhos datados entre os anos de 2015 e 2025 no idioma português. Os retornos para o descritor Biblioteca Pública foram considerados apenas nas grandes áreas Ciências Humanas; Ciências Sociais; Multidisciplinar; Linguística, Letras e Artes.

Considerou-se que todos os trabalhos do repositório PPGMSBC correspondiam ao descritor Memória Social, ainda que não ocorressem as palavras no título. Como consequência desta escolha algumas pequenas deformações dos resultados ocorreram. Sendo assim, os descritores Memória Cultural e Vestígio da Memória inflaram o resultado em três unidades para a linha/coluna da tabela de dissertações e em seis unidades nas teses deste repositório. Isso se deve pela contagem com duplicidade desses trabalhos no número total.

Ainda, consideramos o termo *rastros da memória* como sinônimo para Vestígio da Memória na busca do repositório PPGMSBC.

Quadro 1 - Total por base de dados

Base de Dados	Artigos	Dissertações	Teses
Scielo	89	0	0
CAPES	0	6.276	2.586
BDTD	0	11.683	5.388
Repositório PPGMSBC	0	168	47
Total	89	18.124	8.015

Fonte: Tabela produzida pelo autor (2025)

Quadro 2 - Distribuição de ocorrências dos descritores por bases de dados

Base de Dados	Scielo	Capes	Capes	BDTD	BDTD	Repositório	Repositório
Descritores	Artigos	Dissertações	Teses	Dissertações	Teses	PPGMSBC Dissertações	PPGMSBC Teses
Memória Social	25	2499	1171	6436	2979	165	41
Memória Cultural	19	2373	1048	4475	2065	0	2
Vestígio da Memória	0	105	62	209	114	3	4
Dante Alighieri	3	41	23	59	33	0	0
Biblioteca Pública	67	1258	282	504	197	0	0

Fonte: Tabela produzida pelo autor (2025)

Quadro 3 - Total de ocorrências dos descritores nas bases de dados

Descritores	Total nas bases de dados
Memória Social	13.316
Memória Cultural	9.982
Vestígio da Memória	497
Dante Alighieri	159
Biblioteca Pública	2.308

Fonte: Tabela produzida pelo autor (2025)

Diversos trabalhos interessantes para esta pesquisa foram encontrados. Destacamos alguns com mais significância.

Encontramos um grande número de trabalhos sobre bibliotecas e, conforme anunciamos acima, selecionamos apenas os que se encontravam em grandes áreas afins a este trabalho.

A dissertação de Alexsander Cândido de Britto se encontrava dentro dos critérios utilizados no levantamento e tratava especificamente da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. A dissertação intitulada *O imigrante Perfeito: A Atuação de Fernando Schlatter no Rio Grande do Sul (1870 - 1949)* foi defendida em 2022 sob orientação do Prof. Dr. Paulo Cesar Ribeiro Gomes no Programa de

Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste texto Britto apresenta a trajetória do artista que foi o responsável por grande parte das pinturas da Biblioteca. O autor mostra, também, a discussão que questionava as artes decorativas no século XX contextualizando a cobertura de parte destas em meados do século passado na BPE (Britto, 2022, p. 133-137).

O texto de Priscila Kieling Pontin, *A utilização de vestígios memoriais como estratégia para agregar valor à moda produzida nos brechós: o caso do Bendita Traça*, uma dissertação defendida em 2021 no PPGMSB Universidade La Salle, apresenta a aplicação do conceito de *vestígios da memória* para o mercado de moda sob orientação do Prof. Dr. Moisés Waismann e coorientação da Profª Dra. Zilá Bernd.

Um outro trabalho que enriqueceu as reflexões sobre *vestígios da memória e memória cultural* foi a tese de Jucelino Viçosa de Viçosa, *Milongueando memórias: vestígios do negro na paisagem pampiana* de 2022. O trabalho de Viçosa foi defendido neste mesmo Programa de Pós-Graduação em que estamos realizando o presente trabalho sob orientação da Profª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin.

➤ As bases teóricas em que esta pesquisa se firma serão detalhadas nas próximas seções deste texto.

2 BASES CONCEITUAIS

Tendo em vista que pretendemos entender valorações simbólicas dos objetos estudados no recorte apresentado: a saber, as decorações dantescas na BPE e as relações com os *vestígios de memória*, a seguir discutiremos os pressupostos dos quais partiremos para esta exploração.

Nossos objetivos anteriormente apresentados requerem conhecimentos e investigações de diversas áreas. A confluência dos temas em diversas disciplinas das ciências humanas é evidente. Essa é a percepção de Clifford Geertz quando escreve sobre a interdisciplinaridade. Diante de um contexto de discussão das relações de aspectos universais ou particulares dos fenômenos culturais afirma:

O estabelecimento de uma linguagem comum nas ciências sociais [...]. É uma questão de integrar diferentes tipos de teorias e conceitos de tal forma que se possa formular proposições significativas incorporando descobertas que hoje estão separadas em áreas estanques de estudo. (Geertz, 2015, p. 32)

Inclusive, dentro dos estudos da Memória Social, Zilá Bernd (2013) destaca justamente a necessidade da utilização de ferramentas de diversas áreas quando afirma que:

[...] a Memória não é propriamente uma disciplina, mas um vasto campo interdisciplinar. Sua abordagem requer, portanto, que se adote uma perspectiva inter- e/ou transdisciplinar. [...] Como a memória é um conceito que se constrói como processo, é no atravessamento das disciplinas que regras são desestabilizadas e novos conceitos e práticas discursivas são criados. (Bernd, 2013, p. 26-27)

Portanto utilizamos de uma perspectiva *interdisciplinar/transdisciplinar* na construção deste trabalho. Procuramos demonstrar conceitos caros à Memória Social como a *memória coletiva* através de Joël Candau (2023) e Maurice Halbwachs (2024). Discutimos as aplicações dos conceitos de *vestígios/rastros de memória* apresentados por Paul Ricoeur (2007) e esclarecidos por Zilá Bernd (2013) e Sandra Regina G. Almeida (2013). Apresentaremos a ideia de *memória cultural* de Jan Assmann (2016 e 2025). Entendemos, também, que a Biblioteca encontra-se dentro do conceito de *paisagem cultural* nas definições de Luciana de Castro Costa e Juliane Conceição Primon Serres (2016). De maneira complementar na Literatura, serão úteis reflexões sobre a liberdade da linguagem de Roland Barthes (2013), os

atravessamentos da memória e arte ensinados por Sergio Luiz Pereira da Silva (2018) e os de *imitação e influência* de Sandra Nitrini (2021).

→ A seguir traçamos reflexões sobre os conceitos de *memória coletiva* (Halbwachs, 2024 e Candau 2023), *vestígios da memória* (Ricoeur, 2007) e *memória cultural* (Assmann 2016 e 2025) utilizados nesta dissertação e pertinentes ao campo da Memória Social.

2.1 Memória Social

...jamais estamos sós.
Maurice Halbwachs

A visitação ao espaço da Biblioteca, repleta de elementos que fazem referência a temas caros à civilização ocidental, dialoga com as memórias individuais dos visitantes. Os visitantes olham, sentem o espaço e elaboram conjuntamente com um legado que lhes influencia. Influências de um outro tempo podem ser sentidas e vividas ali.

A respeito do que podemos chamar de legado cultural, Maurice Halbwachs (2024) apresenta a sua percepção ligando a memória e o uso dos espaços em um dos trabalhos em que explica o conceito de *memória coletiva*. No livro homônimo, *Memória Coletiva* (Halbwachs, 2024) a sua reflexão diz respeito a uma vivência pessoal. Afirma que as “impressões” que sentiu em uma visita a Londres, lhe faziam lembrar das leituras de Charles Dickens e que compunha pensamentos e lembranças influenciados pelo legado que as pessoas e a cultura deixaram. Ele afirmou: “[...] não posso dizer que estivesse sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo”. A “influência” de fazer parte, momentaneamente de um grupo (arquitetos, escritores, etc), mesmo que não fisicamente, lhe levou, naquela paisagem, a afirmar que teria tido “muitas das ideias e maneiras de pensar” que por si mesmo não “teria elevado sozinho.” (Halbwachs, 2024, p. 31)

Então, pensamentos podem surgir como resultado da relação do indivíduo com a *memória* vivida por um grupo em um lugar e em um tempo (e esse tempo pode ser o legado secular, cultural). Acrescentemos ainda que o legado cultural, no caso o da literatura dantesca, pode ser entendido como *memória cultural* nos

termos explicados por Jan Assmann (2016, p. 118): “Memória cultural é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural”.

Assmann diferencia a *memória coletiva*, definida por Maurice Halbwachs (2024), desta *memória cultural* com a identificação daquela com um novo termo: *memória comunicativa*. Pois a “memória comunicativa não é institucional [limita-se ao] período de três gerações que interagem” (Assmann, 2016, p. 119). Em outras palavras, a memória coletiva (de Halbwachs) é a memória comunicativa (de Assmann). A memória cultural extrapola esses dois conceitos anteriores¹⁰.

A memória cultural é entendida como aquela que pode sobreviver ao fim de diversas gerações. E ela, legado cultural, se inscreve em um tempo percebido como de amplo alcance¹¹. A institucionalização da memória através da construção de bens culturais como a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (BPE), com toda a intencionalidade dos positivistas na sua decoração, poderia ser entendida na classificação do autor:

No nível social, com respeito a grupos e sociedades, o papel dos símbolos externos se torna cada vez mais importante, porque grupos que, é claro, não ‘têm’ uma memória tendem a ‘fazê-la’ por meio de coisas que funcionam como lembranças, tais como monumentos, museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições mnemônicas. Isso é o que nós chamamos de memória cultural. (Assmann, 2016, p. 119)

Assim, no sentido de Assmann, a Biblioteca é entendida como instrumento mnemônico do grupo (dos positivistas) para estabelecer memória. Isso corrobora

¹⁰ O pesquisador alemão explica que a sua divergência da compreensão sobre a memória com a de Halbwachs origina-se no tratamento de diferenciação entre memória e tradição. Para Halbwachs essa diferenciação seria total. Para Assman as fronteiras são flexíveis demais para diferenciar as duas tão categoricamente. Neste ponto, Assmann utiliza o termo memória comunicativa como sinônimo de uma concepção mais restrita da memória coletiva associada a Halbwachs e a diferencia de seu conceito de memória cultural, mais abrangente no tempo e alcance teórico (Assmann, 2025).

¹¹ Neste ponto surge uma oportunidade de comparação entre a duração alongada do conceito de *memória cultural* com as durações no tempo histórico de Fernand Braudel (1958), em especial a *longa duração*, que poderia ser análoga à de Assmann quando usada para tratar da cultura. Ao explicar o conceito de *longue durée*, Braudel mostra uma equivalência das determinações impostas pela geografia, infraestrutura e economia, ao aspecto cultural. Dá diversos exemplos de como a cosmovisão, modelo de raciocínio e concepções artísticas permanecem estruturadas de maneira imutável por séculos: “les cadres mentaux, aussi, sont prisons de longue durée [...] Mêmes permanences, ou survivances dans l’immense domaine culturel.” (Braudel, 1958, p. 731-732) Apesar dos pontos de contato e compartilhamento de temas é importante não perder de vista, no entanto, que história não é sinônimo de memória para os teóricos apresentados aqui. Para maiores explicações sobre essa busca por diferenciação entre história e memória coletiva sugerimos a seção *Memory versus History* no livro de Assmann (2025) e a seção *Memória coletiva e memória histórica* de Halbwachs (2024).

com o entendimento de memória coletiva de Joël Candau (2023, p. 24-25) como um enunciado compartilhado por um grupo:

De fato, em sua acepção corrente, a expressão 'memória coletiva' é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros deste grupo. (...) enquanto [a memória], no que se refere ao coletivo é um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças.

No livro *Cultural Memory and Early Civilization* (2025), Jan Assmann elabora uma teoria que explica os mecanismos da memória cultural em função de estruturas culturais (*connective structure*, estrutura de conexão) que reforçam os vínculos e a identidade dos membros dos grupos. Para o autor, as estruturas estão por trás das narrativas e mitologias associadas ao pertencimento desses indivíduos no grupo (entendemos que o grupo pode ser de diversas naturezas, como nação, religião, partido político, civilização). Isso tudo se perpetua indefinidamente por múltiplas gerações a depender da duração da estrutura. (Assmann, 2025) O reforço dessas estruturas de conexão é realizado com as repetições, os ordenamentos e os rituais. Assmann, como egiptólogo, está teorizando a partir de seus conhecimentos de culturas da Antiguidade, mas ele mesmo generaliza o sistema para todas as culturas:

Every culture formulates something that might be called a connective structure. It has a binding effect [...] It binds people together by providing a "symbolic universe" [...] a common area of experience, expectation, and action whose connecting force provides them with trust and with orientation. [...] This connective structure is the aspect of culture that underlies myths and histories. [...] mixing instruction with storytelling - create a basis of belonging, of identity, so the individual can then talk of "we". What binds him to this plural is the connective structure of common knowledge and characteristics - first through adherence to the same laws and values, and second through the memory of a shared past. (Assmann, 2025, p. 2-3)

O grupo dos castilhistas, no contexto deste trabalho, também tinha manutenções de estruturas culturais possibilitadas por ordenamentos e rituais. O pertencimento ao grupo se dava pela repetição de estéticas e rituais cotidianos. Mais adiante apresentaremos um breve capítulo com a exposição de leituras do jornal do Partido Republicano (A Federação) no período da construção da Biblioteca. Neste jornal, no prestígio dado aos membros do grupo e na edificação da BPE, a repetição dos temas que dizem respeito a este trabalho (Dante Alighieri, Positivismo, Amor beatificado) procura dar coesão aos aliados. Mas para além de uma ação intencional dos castilhistas acreditamos que os efeitos da memória

cultural se dão em um espaço de tempo muito maior. Pois as mudanças e diversidades ideológicas da elite não explicam a continuidade de sua unidade. Existem outros adesivos que são explicados pelas *estruturas de conexão* (Assmann, 2025) que são compartilhadas através de diferentes suportes para a memória cultural. No caso da BPE, os suportes pictóricos e dos textos. Para Jan Assmann, o principal desses suportes é a escrita. Através da escrita a memória cultural extrapola o tempo e o espaço de sua origem. Graças à escrita as retomadas de tradições perdidas se tornam o combustível de reformas e revoluções (Assmann, 2025). Nas palavras do egiptólogo alemão:

Cultural memory coincides almost completely with whatever meaning is circulating within the group. It is only through writing that this external area of communication is able to take on an independent and increasingly complex existence of its own. Only now can a memory be formed to extend the message or meaning beyond the limitations of its original time and its original mode of communication [...] Cultural memory feeds tradition and communication, but that is not its only function. Without it there can be no infringements, conflicts, innovations, restorations, or revolutions. [...] all eruptions [...] through the recalling of the forgotten [...] (Assmann, 2025, p. 8)

Esta pesquisa diz respeito a grupos intencionalmente restritos. Grupos formados por membros que, em seu tempo, compartilhavam posições políticas e filosóficas similares no espaço público. Grupos no plural porque se distanciam no tempo de outros (no caso os artistas como Dante Alighieri e filósofos como Augusto Comte) que são referência destes. Assim, o uso da definição de memória cultural de Jan Assmann é utilizada aqui para explicar que essa memória vivida através do compartilhamento de objetos artísticos se dá em um espaço de tempo relativamente amplo.

No entanto, o alcance dessa memória e identidade na população pode ser reduzido. Segundo Assmann esse elitismo é um processo comum. A memória cultural diz respeito a sujeitos especializados e de alcance restrito. Pois, conforme o autor afirma: “ A estrutura de participação da memória cultural tem uma tendência inerente ao elitismo; ela nunca é estritamente igualitária”. (Assmann, 2016, p. 125)

A memória cultural se dá, no contexto aqui tratado, dentro de um grupo da elite cultural e política na sociedade que geria a construção e manutenção de instituições como a BPE no início do século XX sob comando do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Inclusive destacamos que esse grupo político elitista, positivistas republicanos (castilhistas), estava alinhado política e ideologicamente com o suporte eclesiástico de então na manutenção do *status quo*:

[...]Era o ideal salvacionista de uma elite científica [...] O bem-comum, nessa ótica, seria factível através da obra moralizadora e coercitiva de um poder central forte, que garantisse a consecução de seu projeto, através da continuidade administrativa.[...] Ora, no castilhismo, o interesse maior da coletividade era confundido com a obra legislativa do governante esclarecido, alheio aos interesses individuais, sob inspiração de conservar melhorando. Por outro lado, havia a total acomodação da proposta política do arcebispo à ideia castilhistas de que é necessário uma liberdade sob tutoria para atingir-se o bem público. (ISAIA, 2007, p. 26-27)

Ao se utilizarem de referências e idiomas próprios de uma base cultural supostamente mais elevada demarcaram o alcance do espaço privilegiado que pretendiam estabelecer para seu grupo. Aquele espaço não dizia respeito apenas ao desenvolvimento educacional da sociedade, mas à exposição de um discurso de tutoria intelectual (e, conseqüentemente, política) alinhada com as tendências autoritárias do partido.

Em uma rápida visita ao hoje chamado *acervo antigo* da Biblioteca percebemos que boa parte do acervo das primeiras décadas da instituição era composto por obras escritas em idiomas estrangeiros. Isso logicamente pode ser explicado pelas dificuldades editoriais no Brasil de então e está documentado nas diversas notas de aquisição de acervo provenientes da França. As notas estão arquivadas na correspondência disponível no Setor RS. Porém um outro aspecto deve ser levado em consideração, é o *elitismo* e a *diglossia intracultural* mencionados por Assmann:

Relativamente aos meios da memória cultural, uma tendência mais ou menos pronunciada pode ser percebida em direção a uma forma de diglossia intracultural, [...] uma 'grande tradição' e diversas 'tradições menores', como proposto por Robert Redfield. [...] seja na forma de duas diferentes línguas, [...], variedades linguísticas. (Assmann, 2016, p. 125)

Em uma localidade com altíssimos índices de analfabetismo, no idioma oficial, não parecia existir constrangimento no crescimento desproporcional de um acervo voltado para um grupo extremamente restrito de intelectuais bilíngues. Isso frente a uma necessidade evidente de ampliar o acesso à educação e cultura da população em geral. Não se trata de negar a importância da Biblioteca para a população, mas aqui procuramos destacar indícios de prioridades outras que não humanitárias.

No campo de estudos da Memória Social alguns autores utilizam-se dos conceitos do filósofo Paul Ricoeur (2007) como instrumentos de articulação de memória/esquecimento. Um desses conceitos é o de *vestígios da memória*. No presente trabalho, similarmente, fazemos uso deste conceito combinado com o de *memória cultural* de Jan Assmann (2016 e 2025).

No seu livro, *A memória, a história, o esquecimento* (2007), Paul Ricoeur transita nesse conceito de *vestígio* através da discussão de diálogos de Platão e de estudos de Aristóteles até filósofos do século XX, como Jean-Paul Sartre. Os textos discutidos por Ricoeur versam sobre “a confusão entre a memória e imaginação” (Ricoeur, 2007, p. 27). Este problema foi discutido ao longo da história da filosofia e tem desdobramentos complexos a que não iremos nos ater no presente trabalho por admitida incipiência de arcabouço filosófico. Por hora seguiremos satisfeitos com a afirmação de Paul Ricoeur sobre o dilema memória/imaginação e Memória e História:

Uma fenomenologia da memória não pode ignorar aquilo que acabamos de chamar de cilada do imaginário, na medida em que essa composição em imagens, que se aproxima da função alucinatória da imaginação, constitui uma espécie de fraqueza, de descrédito, de perda de confiabilidade para a memória. [...] A escrita da história partilha dessa forma das aventuras da composição em imagens da lembrança sob a égide da função ostensiva da imaginação. [...] Eu não queria concluir com essa perplexidade, mas com a resposta provisória que se pode dar à questão, que podemos dizer, de confiança e que a teoria da memória transmite à teoria da história. [...] No final de nossa investigação, e a despeito das ciladas que o imaginário arma para a memória, pode-se afirmar que uma busca específica de verdade está implicada na visão da “coisa” passada, do *que* anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. (Ricoeur, 2007, p. 70)

Apesar dessas ressalvas sobre as origens do conceito *vestígios da memória* dentro da discussão (imaginação/memória/escrita da história), afirmamos que o conceito tem utilidade prática na nossa pesquisa. Portanto os vestígios (rastros) do título do presente trabalho entendemos como o conceito de uma “presença de uma coisa ausente, marcada pelo selo da anterioridade.” (Ricoeur, Apud Almeida, 2013, p. 61) Os *vestígios da memória* (na cultura) podem ser utilizados como conceitos viáveis para a pesquisa em Memória Social:

Refletir sobre a literatura cujo eixo fulcral é a memória nos leva à articulação de conceitos operatórios que se desenrolam sob a égide dos rastros, traços, vestígios como chaves de leitura. A memória e os vocábulos a ela associados operam por meio de uma dialética complementar na qual palavras aparentemente opostas se interligam constitutivamente: ausência/presença, memória/esquecimento. (Almeida, 2013, p.62)

Quanto à dialética citada por Sandra Regina G. Almeida ela pode ser intuída na complementaridade entre memória e esquecimento que é um assunto recorrente na Memória Social. Joël Candau (2023, p. 127) afirma que “O esquecimento [...] pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios.”

No mesmo sentido de Almeida, o de categoria operacional dos *vestígios da memória*, Zilá Bernd apresenta uma *estética dos vestígios* (Bernd, 2013). Utiliza desse conceito para articular os esquecimentos que surgem como memória na produção poética. No seu livro ela apresenta um projeto que se utiliza do conceito:

Procuraremos mostrar em *Por uma estética dos vestígios memoriais* como temas-tabu e determinadas figuras que permaneceram à sombra, minimizadas pelo discurso histórico, re-emergem ficcionalmente pela mão de poetas, romancistas e ensaístas, cuja prática artística baseia-se na atenção e na recuperação de rastros, de detalhes esquecidos. (Bernd, 2013, p. 48)

Utilizando a ideia de “vestígios como chaves de leitura” ou *estética dos vestígios* (Almeida, 2013, p. 62 e Bernd, 2013, respectivamente) encontramos na trajetória pessoal de um diretor da Biblioteca, Eduardo Guimaraens, um caminho de apropriação do legado de Dante Alighieri. Eduardo foi o segundo diretor naquele prédio, já nas primeiras décadas do século XX, mas vinha atuando como funcionário ali quando da elaboração da decoração e construção¹². Eduardo conviveu com as pinturas dedicadas a Dante na Biblioteca. Ele foi, também, poeta e sua obra é inegavelmente inspirada em Dante Alighieri (Zilberman, 1980, p. 27) que podia ser lido na sua própria tradução que realizou do *Canto Quinto* de *A Divina Comédia* (Alighieri, 2021). Seus textos, como a *Divina Quimera* (Guimaraens, 1978) e escolha do nome do seu filho, Dante Guimaraens (Guimaraens, 2019, p.19), também são vestígios da conexão que manteve com o poeta florentino.

Pensamos que a visitação ao espaço da Biblioteca repleta de elementos que fazem referência aos temas citados dialoga com as memórias dos visitantes. Os visitantes olham, sentem o espaço e elaboram conjuntamente com um legado que lhes influencia. Influências de um outro tempo podem ser sentidas e vividas ali. E para além dos visitantes, existe a possibilidade de trabalhar os sentidos e identidade

¹² Consta nomeação de Eduardo Guimaraens para auxiliar técnico (interinamente) em ofício datado de 29 de outubro de 1913. (Setor RS da BPERS. Caixa Correspondência 1912-1916. Recebida 1913. Secretaria E. Negócios Inte/Ext. 2ª Diretoria. Nº 2838.). E em 7 de julho de 2016 temos documentação nomeando Guimaraens como sub-bibliotecário (o segundo escalão de comando na Biblioteca) (Setor RS da BPERS. Caixa Correspondência 1912-1916. Recebida e Expedida 1916. Secretaria E. Negócios Inte/Ext. 2ª Diretoria. Nº 762.)

forjados por uma elite cultural e política que construiu e viveu mais intensamente aquele espaço (políticos, diretores, escritores, artistas).

→ Na próxima parte do texto discutiremos alguns outros conceitos importantes para este trabalho.

2.2 Paisagem Cultural e Patrimônio

Sabemos que temos uma Paisagem com limites geográficos mensuráveis e paisagens culturais onde o “patrimônio imaterial e intangível” no âmbito social e da sociedade com a natureza (Costa; Serres, 2016 p. 160) são objetos de elaborações mentais de grupos de indivíduos em um espaço comum. Extrapolamos o raciocínio para um conjunto de formulações intelectuais comumente compartilhadas por uma sociedade que criam uma *memória cultural* (Assmann, 2016) do que se pensa sobre o pós-morte. Neste sentido, traçando uma *cartografia* cultural do Purgatório, o historiador Jacques Le Goff (2017) afirma, sobre o legado do poeta florentino, que “Dante Alighieri [...] confere-lhe para sempre um lugar especial na memória dos homens”. (Le Goff, 2017, p. 509)

Clifford Geertz faz uma defesa da cultura como essência do que significa sermos seres humanos. A constituição do humano se dá coletivamente através da cultura: “A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade.” (Geertz, 2015, p. 33)

Porém esta mesma cultura tem um apelo significativo na coesão social. Podemos lembrar aqui da força da solidariedade mecânica e orgânica durkheimiana como elemento definidor das práticas e limites de atuação do indivíduo dentro da sociedade. Na visão descrita por Geertz a cultura é muito importante como ferramenta de controle social:

[...] a cultura é vista melhor [...] como um conjunto de mecanismos de controle [...] para governar o comportamento[...] o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. (Geertz, 2015, p. 32-33)

Diante dessas percepções de poder e cultura não podemos deixar de lembrar o momento em que a BPE foi construída e dos atores e poderes atuantes naquele contexto. O período era o das duas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre sob controle do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), sob influência da ideologia positivista. Em resumo, a tônica era estabelecer um governo forte onde a participação política era reservada a uma classe política que se perpetuava no poder. Poder não apenas do estado mas com ramificações pelas diversas áreas da vida, inclusive a cultural. E partindo do raciocínio de Clifford Geertz podemos entender que as manifestações culturais representavam esse “conjunto de mecanismos de controle”. (Geertz, 2015, p. 32-33) O sistema não foi composto apenas naquele recorte espaço temporal, mas ele diz respeito a toda a cadeia de pensamentos, identidade (acrescentaríamos memória) e símbolos. Trata-se de legados que são buscados ativamente para significar e qualificar o *status quo*. Nas palavras de Geertz: “Pensar consiste [...] num tráfego [...] de símbolos significantes[...]. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, [...]”. (Geertz, 2015, p. 33)

Portanto a cultura pode persistir em percursos longuíssimos. Esta compreensão corrobora com os conceitos abordados no capítulo anterior sobre Memória Social, onde optamos pelo uso do conceito de *memória cultural* (que se diferencia de *memória comunicativa*, mais semelhante à *memória coletiva* de Maurice Halbwachs (2024) e tem duração para além dos vínculos geracionais) apresentado por Jan Assmann (2016).

Observamos a criação de memória/identidade na criação do monumento biblioteca. Suas paredes e decorações servem a um propósito narrativo específico. O governo sob controle positivista manifestava o padrão de pensamento cientificista que designava uma ideologia e uma classe de intelectuais (alinhados) para ditar os caminhos da sociedade. No mesmo sentido que queremos raciocinar, Sérgio Luiz Pereira da Silva afirma que “[...] a construção de artefatos culturais e visuais fundados na memória coletiva transcende uma representação estética dos grupos e adquire um caráter político de afirmação e reconhecimento identitário.”(Silva, 2018, p. 91)

Enfim, confrontando o que foi dito aqui pelos autores, afirmamos que o “caráter político” da decoração (com temas dantescos) é desenvolvido com o estabelecimento da obra de arte singular. Através de sua “aura” (Benjamin, 1987)

as pinturas contam uma história que empresta significado à memória cultural e por sua vez constitui outras memórias culturais. Esta aura é definida por Walter Benjamin como o valor imanente da obra de arte. Benjamin a empregou ao explicar que a aura, por ser única, se perde na reprodução das obras de arte:

A obra de arte tem sua aura e sua autenticidade, como afirma Benjamin cultivada em sua originalidade e singularidade. Ela nasce como identidade estética demarcada por essa singularidade aurática e com isso se eterniza na memória cultural das sociedades. (Silva, 2018, p. 88-89)

A memória cultural gera uma identidade coletiva ao longo da história. O prédio da BPE foi utilizado como instrumento de criação de memória e identidade através da “aura” das obras de arte disponibilizadas no espaço. E esta manifestação cultural foi utilizada com propósitos políticos e de “controle” social.

Por outro lado, Raquel Alvarenga Sena Venera (2019) apresenta uma discussão sobre patrimônio que julgamos enriquecedora para este ponto. Venera articula o conceito de memória cultural de Jan Assmann (2016) com o conceito de lugar de memória de Pierre Nora (1993) para explicar sua perspectiva de “vida e morte” do patrimônio cultural (Venera, 2019, p. 213 - 226). Ela afirma:

“Em alguns casos, as políticas de patrimônio insistem em manter uma vida que não é mais a vida do ‘lugar de memória’, mas aquilo que ele se tornou pelo trabalho da História. [...] Os lugares possuem um tempo da memória que é finita, enquanto a preservação patrimonial evoca na História a fixação de uma narrativa técnica que justifica a preservação do bem. (VENERA, 2019, p. 216)

A autora marca a difícil relação de finitude do uso social de um aparelho cultural com a tentativa de sobrevida deste através do tombamento e da produção de textos de história. Para o caso do nosso estudo poderíamos deixar um alerta para a construção de significado para o bem cultural que pode refletir ou não no sentido atribuído hoje ao mesmo espaço. Existe uma grande possibilidade de o simples reforço do sentido original não ter nenhuma relação com os usos e apropriações que o público elabora com o lugar.

Além do que foi mencionado, outro item diz respeito ao nosso objeto: poder e liberdade. Iniciamos com as escritas de Dante, que em seu tempo conheceu a posição alinhada ao poder e, ao contrário, subjugado ao poder do exílio fora da Florença medieval. Seiscentos anos o separam de outro momento: a construção de

um monumento ao saber, mas o saber sancionado pelo poder em uma Porto Alegre recentemente “republicanizada” no século XX. Talvez em ambos os casos a liberdade se dá no único campo em que foi possível a resistência ao poder: na criação, na escrita e enfim nos diálogos artísticos com o legado cultural. Acrescentemos neste pensamento a reflexão de Roland Barthes (2013, p. 16): “Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem.”

Ainda, Sergio Luiz Pereira da Silva (2018, p. 91), ao analisar as relações identitárias na construção da memória social através da produção e conservação da arte afirma que “[...] a construção de artefatos culturais e visuais fundados na memória coletiva transcende uma representação estética dos grupos e adquire um caráter político de afirmação e reconhecimento identitário.”

Percebemos e queremos demarcar o uso político/ideológico por parte da classe dominante de então (republicanismo sob ideologia positivista) deste aparelho cultural. E entendemos que existe uma construção de identidade na preparação de obras de arte para esse espaço público. Por ser um ato do poder estabelecido, podemos questionar o grau de liberdade artística que foi possível alcançar na preparação da decoração e nas relações simbólicas que foram feitas com as artes visuais e literárias e o espaço. Pois, citando Silva (2018, p. 88), acreditamos que a “Liberdade [...] e a estética [...], são dois dos elementos que nos permitiriam aproximar a arte como elemento de memória.”

↪ No próximo capítulo apresentamos as considerações relativas à metodologia empregada nesta dissertação.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada foi qualitativa, bibliográfica e de observação. Traçamos uma pesquisa qualitativa com “enfoque subjetivista-compreensivista” pois privilegiamos a busca nos atores envolvidos por “aspectos conscienciais e subjetivos” (Triviños, 2017, p. 117). A investigação confrontou fontes primárias (correspondência oficial da instituição com artistas e o governo), notícias de jornal, pinturas, biografias e textos literários com uso de recursos interdisciplinares nos campos da Literatura, História e Memória Social.

Aprofundamos as pesquisas bibliográficas nos temas relacionados com o nosso objetivo geral e os específicos. Procuramos criar uma base teórica em Memória Social, explicitada detalhadamente no capítulo correspondente. Também foram realizadas diversas leituras sobre o contexto ideológico e político do período de construção e decoração da Biblioteca Pública do Estado. Para tanto, apresentamos neste trabalho o estudo de textos de história sobre o Positivismo e o Castilhismo: Arnoldo Doberstein (1992), Arthur Cesar Isaia (2007), João Ribeiro Junior (1984), José Murilo de Carvalho (1998), Nelson Boeira (1996) e Paulo Pezat (2006 e 2007).

As obras literárias de Dante Alighieri (2005, 2019, 2021), Eduardo Guimaraens (2025), Virgílio (2021) e Augusto Comte (2000) que dizem respeito ao nosso recorte foram confrontadas com as considerações teóricas de estudos literários de Erich Auerbach (2022) e de Literatura Comparada de Sandra Nitritini (2021).

Aplicamos um questionário (disponível no Apêndice A deste texto) a funcionários e visitantes da Biblioteca Pública (BPE) com perguntas relacionadas aos temas pesquisados. O resultado foi confrontado com os estudos realizados. A junção dos nossos estudos com demandas presentes nos questionários foram utilizadas na elaboração de um guia para visita que será disponibilizado ao público da instituição. Este guia contém a estrutura de Leitura Fácil, o que ampliará o acesso à informação.

A Leitura Fácil é uma técnica de escrita “com o objetivo de tornar os textos acessíveis para um grande grupo de pessoas com dificuldades de leitura” (Pires *et al.*, 2023, p. 10). Este modo de escrita se preocupa com a simplificação do texto,

diagramação da página e o uso de imagens. Essa técnica já é utilizada em alguns equipamentos culturais para garantir a acessibilidade cognitiva deles, como o Museo Casa de Ricardo Rojas (Figura 9) e o Teatro Colón, ambos na Argentina. Abaixo podemos visualizar um exemplo da configuração do texto nas regras da Leitura Fácil.

Figura 9 - Guia de Visitação em Leitura Fácil



Fonte: Guia do Museo Casa de Ricardo Rojas.

Escolhemos esta técnica de acessibilidade textual por possibilitar acesso mais amplo às informações e aos usos do espaço da Biblioteca. A Leitura Fácil foi criada originalmente pela federação internacional de bibliotecas, a IFLA (International Federation of Library Association and Institutions) em 1997. (IFLA, 2010)

➔ Apresentamos, nos próximos três capítulos, estudos das relações da decoração da BPE com o tema do amor na literatura.

4 AMOR PROFANO, AMOR BEATIFICADO E O AMOR COMO VIRTUDE

Neste ponto vamos lidar com três cenas encontradas nos relevos do elevador da BPE. As três, por algum aspecto, têm o Amor como tema, mas de perspectivas e valorações distintas. Aqui chamaremos Amor profano, no primeiro caso, e de Amor beatificado, no segundo. A terceira imagem, também no terreno do sagrado, trata das virtudes e uma delas é a Caridade, que não deixa de ser uma espécie de amor.

As imagens serão analisadas diante da perspectiva histórico-literária que encontra pontos de contato na memória cultural dos três autores essenciais para apreender as intenções cristalizadas na decoração da Biblioteca: Dante Alighieri, Eduardo Guimaraens e Augusto Comte.

A primeira ilustração (Figura 10) é a que apresenta uma cena no Canto V, no Inferno. Na imagem que se passa no turbilhão das almas dos luxuriosos vemos os amantes Paolo e Francesca que foram surpreendidos em adultério e condenados a terem suas almas unidas em tormento.

Figura 10 - Relevo, no elevador, Canto V do Inferno. Encontro com Paolo e Francesca



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Eduardo Guimaraens escreveu uma tradução¹³ deste Canto V, que foi comentada à época na imprensa e atualmente está disponível na sua versão fac-símile (Alighieri, 2021):

[...]
 “Virão. - Logo que, juntos, se acercam
 senti, bradei: - *Oh almas desgraçadas,
 falae-nos, se falar vos não vedarem*” -
 [...]
*Amor, que a alma gentil em breve rende,
 fez d’este o escravo da beleza antiga
 que, de um modo perdi - que ainda me offende!*

*Amor, que a todo amado a amar obriga,
 a este enleou-me com prazer tão forte
 que, como vês, de mim se não desliga!*

Amor levou-nos juntos para a morte:
 [...]

Desde que a voz d’essas afflictas
 almas, a fronte, qual se lassa fosse,
 abaixei.
 [...]
*e como errou Amor, que vos merece,
 a tão dubios desejos se entregando? -*

E ella: - *Nenhuma dor maior parece
 que a de lembrar os tempos de feliz
 quando vem a miseria! E isto conhece*

*o teu Doutor. Mas se agora a raiz
 queres do bem que os corações estreita
 saber, farei como o que chora e diz.*
 [...]

*aquele, que terei sempre ao meu lado,
 beijou-me a bocca e pallido, tremia!”*
 (Alighieri, 2021, Canto V, v. 79-136)

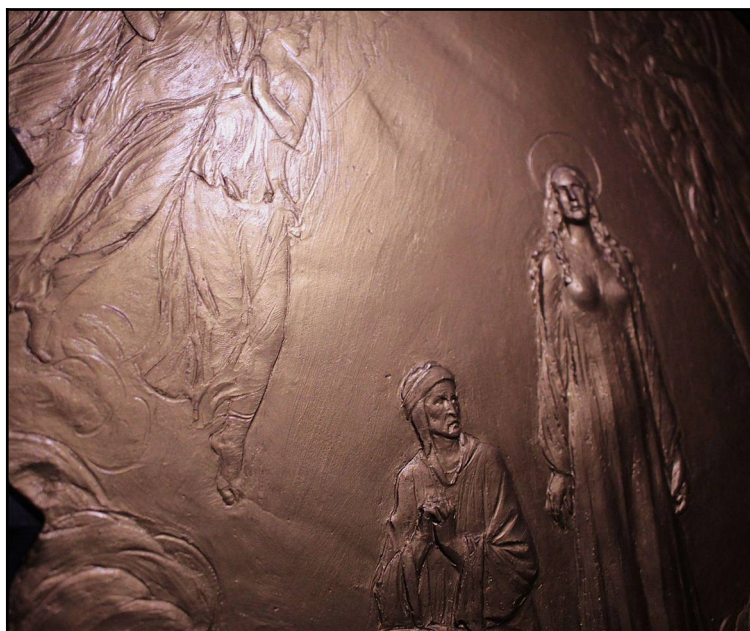
Como bem podemos notar, no texto de Dante, traduzido por Guimaraens, (referenciado na imagem do relevo do elevador) o Amor é o condutor da armadilha erótica que conduz os personagens à ruína. A personagem Francesca diz que o “Amor levou-nos juntos para a morte” e Dante, concordando, criminaliza o Amor, dizendo que este “errou” ao gerar sentimentos censuráveis a quem não tinha direito (Alighieri, 2021). Esse relevo apresentou, então, o amor proibido. O amor mais relacionado aos desejos carnis e que tem a sua punição garantida.

Muito diferente é o segundo relevo (Figura 11) que se alinha melhor com a proposta elevada do estilo novo do qual Dante fazia parte. Percebemos uma

¹³ Transcrevemos aqui a versão disposta no fac-símile mantendo a escrita da época.

conexão muito mais direta desta perspectiva com os ideais de Amor apresentados por Eduardo Guimaraens. A seguir, disponibilizamos a reprodução da outra imagem decorativa do elevador a que nos referenciamos:

Figura 11 - Relevo, no elevador, Canto XXI do Paraíso.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

O relevo (Figura 11) apresenta outra cena de *A Divina Comédia*, mas, desta vez, no Paraíso. Cercados por figuras angelicais estão Dante, ajoelhado, e Beatriz, em pé, com um aspecto majestoso. Ela possui uma auréola na cabeça ressaltando sua dignidade e santidade. É retratada de maneira beatificada, o que faz jus à representação dela na obra dantesca. A figura da amada é afastada da objetificação erótica e é alçada a um nível sobre humano de virtude e pureza.

O teórico da literatura, Erich Auerbach, demonstra a recorrente beatificação da amada nas poesias do estilo novo (Auerbach, 2022). Utiliza-se da comparação de textos dos diversos louvores (à amada) realizados pelos autores do estilo (Auerbach, 2022). Destaca o primeiro poema¹⁴ contido no capítulo XXVI de *Vida Nova*. Como nos outros capítulos, as poesias são precedidas de explicações. Observando mais demoradamente o capítulo destaca-se a afirmação do poeta de

14 “Tão honesta e gentil, ao nos saudar,/ Minha amada aparece em nossa vida,/ Que toda boca treme, emudecida,/ E os olhos a não ousam contemplar./ Ela se vai, sentindo-se louvar,/ Humildemente, de pudor vestida;/ Parece que no céu foi escolhida/ Para à terra um milagre revelar./ Tão amável se mostra a quem a mira/ Que no peito desperta uma doçura/ Que só pode entender quem a conhece;/ E dos seus lábios emanar parece/ Um espírito cheio de ternura/ Que vai dizendo ao coração: ‘Suspira!’” (Alighieri, 2005, p.129)

que existia um carisma magnético da figura, dizendo que “entrou tanto na graça do povo que, ao passar pela rua acorriam para vê-la” (Alighieri, 2025, p.128) e, ainda, que a sua presença era tão impactante que: “[...] quando ela se encontrava perto de alguém, vinha ao coração deste tanta honestidade que não ousava levantar os olhos nem responder à sua saudação”. (Alighieri, 2025, p.128)

Os atributos dignos de uma santa seriam amplamente louvados pelas testemunhas através dos termos apropriados àquele caso: “um dos belíssimos anjos do céu”, ou “bendito seja o Senhor, que tão miraculosamente soube criar”. O poeta afirma que olhar para ela fazia a todos suspirar de maneira miraculosa (Alighieri, 2025, p.129). Existiria um “efeito ético do olhar da dama” que conduzia à correção do espírito (Auerbach, 2022, p. 59).

Observemos que, de modo correlato, Flávio Aguiar (1988), ao apresentar o conceito de *visão* na literatura de Dante faz considerações sobre o olhar em outras passagens de A Divina Comédia, mas que julgamos pertinentes a este encontro de olhares com efeito moralizante entre personagens. Aguiar (1988, p. 318) afirma: “[...] o olhar e o objeto se confundem, se queimam, e um saber se completa e, portanto, se revela. [...] Uma visão nos põe além do mundo do conhecimento, que admite o desconhecido; ela emerge do mundo do saber, que admite o enigma, o limite, o silêncio.”

Voltando a Auerbach (2022, p.49), ele afirma que na literatura medieval e na do círculo literário de Dante:

[...] a fonte da poesia - o Amor - é algo de caráter religioso, e o estilo novo tem a peculiaridade de que sua inspiração religiosa é não só mística, mas também em grande medida subjetivista: seus atributos são a força do Amor como um veículo da sabedoria divina, o vínculo direto da dama com o reino de Deus, seu poder de conceder ao amante os dons da fé, do conhecimento e da regeneração interior, [...]. Essa atitude, [...], uma sublimação fortíssima das doutrinas eclesiásticas, e é algo independente delas, mas que em todo caso ainda consegue encontrar lugar dentro da Igreja, mesmo beirando a heterodoxia.

Harold Bloom (2001), de maneira semelhante destaca similar “heterodoxia” no papel atribuído a Beatriz por Dante:

Talvez Dante realmente fosse pio e ortodoxo, mas Beatriz é figura dele, e não da igreja; é parte de uma gnosis privada, a alteração por um poeta do plano da salvação. (Bloom, 2001, p. 86)

Diante disso, podemos traçar uma comparação com um tipo de idealização do Amor e da amada muito semelhante em Eduardo Guimaraens. Eduardo (2025) apresenta sua amada como um ser misterioso, mas doce, com uso de palavras que são usadas no ambiente religioso cristão como as palavras *divino*, *missal*, *monge*, *Éden*, *Idumeia* (região de Israel/Palestina) da poesia abaixo:

“De onde vieste, afinal? De que imortal paisagem
fugiu, um dia, a forma em flor da tua imagem

fragilíssima, de um doce encanto doloroso,
de um divino palor ardente e luminoso,

como feita à feição de alguma estampa antiga,
de um missal de outro tempo, onde a insone fadiga

de algum monge sofreu? De onde vens? De algum sonho
místico? Do fulgor magnífico e tristonho

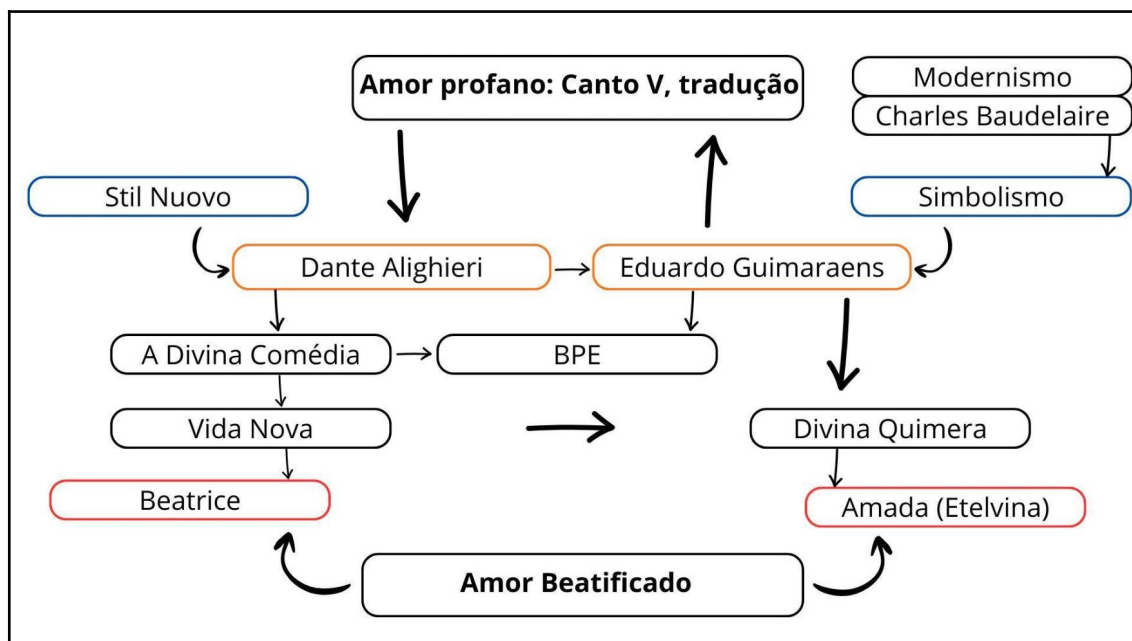
de um Éden sideral de que ainda tens a ideia?
Ou do mistério azul das noites da Idumeia?
(Guimaraens, 2025, p. 41)

Comentamos em outro ponto que Eduardo Guimaraens era um poeta simbolista. O Simbolismo, conforme Regina Zilberman (1980) nos ensina, é uma das escolas literárias que advém do Modernismo na literatura inaugurado por Charles Baudelaire (Zilberman, 1980), inclusive, tendo sido o escritor traduzido por Guimaraens no seu livro *As Flores do Mal* (Baudelaire, 2019). E em suas poesias, Guimaraens “desenvolve uma temática ao mesmo tempo amorosa e espiritualista (Zilberman, 1980, p. 25)”. A musa de Guimaraens também está disposta em um patamar moral elevadíssimo. Comparável ao que demonstramos em Alighieri. Reforçando, Zilberman (1980, p. 25) afirma, ao analisar o prelúdio, numa cena de sono da musa “A mulher configura-se dentro do padrão simbolista: é o ente distante que o poeta não alcança, vindo a ser divinizada, [...], que o indivíduo admira, mas não tem acesso”.

Essa musa é, portanto, sagrada, conforme podemos perceber nos poemas de Guimaraens e na interpretação de Zilberman destes. Separada da “carnalidade e erotismo” do amor, a figura da amada é mais associada ao “encontro fraternal” na elevação religiosa (Zilberman, 1980, p. 26).

Dispomos, a seguir, de um quadro com um mapa mental (Figura 12) para auxiliar na compreensão das relações apresentadas até agora:

Figura 12 - Mapa mental Amor profano x Amor beatificado



Fonte: Autoria própria.

A terceira imagem que queremos tratar aqui apresenta um recorte de uma passagem que está no volume *Purgatório* da *Comédia*. Resumidamente podemos dizer que Dante está saindo do Purgatório e adentra no Paraíso Terreno. Ali ele é ajudado pela jovem Matelda a beber das águas do rio Letes onde a confissão e o posterior esquecimento dos pecados é necessário para avançar. Depois de passar no rio do esquecimento (Letes) ele também beberá do rio da recordação das boas ações (o rio Eunoé). A jovem diz a Dante:

A água que vês [...] tanto verde, pra dois lados aberta.

Para esta parte, co' a virtude desce que cancela a memória do pecado, noutra a das boas ações restabelece.

Este é o Letes, e o do outro lado chama-se Eunoé, mas nada vale antes de um e outro ser provado.
(Alighieri, 2021, *Purgatório*, Canto XXVIII, v. 121-132, p. 187)

Enquanto Dante e Matelda caminham próximo ao Letes surge uma procissão que simboliza a história e o futuro da Igreja. Dentre diversos elementos podemos ver as virtudes. São sete as virtudes ao todo. Na imagem que encontramos no elevador da BPE estão apenas três. Estas são conhecidas como virtudes teologais:

A fé, a esperança e a caridade (Figura 13). As outras quatro, que não aparecem no relevo, estão do outro lado da procissão e são as virtudes cardeais.

Figura 13 - As virtudes teologais, Canto XXIX, Purgatório.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

A diferenciação destas virtudes remonta a Prudentius Clemens (348-415) em sua obra *Psychomachia* que pode ser acessada através de manuscrito do século XIII na biblioteca digital do Vaticano ou através de livros estrangeiros. Neste poema, Prudêncio (sec. XIII) descreve uma batalha entre as virtudes e os vícios/pecados. Essas virtudes também são enraizadas nas doutrinas apostólicas. Estas poderiam ser uma interpretação das cartas de Paulo de Tarso (no primeiro século da Igreja): “permanecem a fé, a esperança e o amor [ou caridade], estes três; porém o maior destes é o amor.” (BÍBLIA, 2002, 1 Co 13,13, p. 1196) Dante continua narrando e descreve as três virtudes:

E três damas dançavam na calçada
direita, em círculo: rubra a primeira
tão que no fogo não seria notada;

outra era tal como se fosse inteira
de esmeraldas; e toda parecia
neve recém-caída essa terceira.

Ora da branca era aparente a guia,
ora da rubra e, pelo canto desta
alentava-se a dança, ou esmorecia.

Outras quatro [as virtudes cardeais], na esquerda, faziam festa,
[...]
(Alighieri, 2021, Purgatório, Canto XXIX, v. 121-129, p. 193)

Dante, neste ponto já não encontra mais Virgílio e recebe de Beatriz a ordem de confessar seus pecados. Com o vislumbre do esplendor de Beatriz, “[...] que ora supera/ ela ainda mais a sua beleza antiga/ que a das outras de quando aqui ela era.” (Alighieri, 2021, Purgatório, Canto XXXI, v. 82-84), Dante desmaia. Quando acorda, Matelda o mergulha no rio Letes o suficiente para que beba de suas águas de esquecimento.

As sete dançarinas (virtudes) continuam com Beatriz e Dante. Beatriz ordena então que Matelda leve Dante ao rio Eunoé para que recorde as boas ações:

que a água do Letes não lhe escondeu” [o que explicara antes a ele]

E Beatriz: “Quiçá tensão mais dura,
que muitas vezes de memória priva,
de sua mente tornou a visão obscura.

Mas veja o Eunoé que lá deriva;
a ele o leva e, como sóis lidar,
o amortecido seu poder reaviva”

[...]

Refeito retornei da onda santa,

[...]

puro e disposto a subir às estrelas.

(Alighieri, 2021, Purgatório, Canto XXXIII, 123-145)

Percebemos como Dante já lidava com a dualidade memória/esquecimento (Letes/Eunoé). Na sua narrativa o esquecimento serve para avançar na purificação, no perdão, mas por outro lado é preciso que reste alguma memória para que o esquecimento total não apague algo essencial. Algo que precisa ser preservado. Paul Ricoeur (2007) reserva uma boa porção do seu estudo para a questão do esquecimento. Na verdade, esse é um tema recorrente nos autores que escrevem sobre memória. Tanto a memória neuro/psicológica quanto a coletiva. (Ricoeur,

2007; A seleção do que será recordado também causa a seleção do que será esquecido, tanto pelo cérebro quanto pelo grupo. Quando Ricoeur (2007) introduz o assunto esquecimento, ele menciona a escrita da história (Heródoto), na concepção de preservação dos grandes feitos e a impossibilidade prática de lembrar de tudo (citando o personagem Funes, de Jorge Luis Borges, que tudo lembrava e nada vivia no presente):

De início e maciçamente, é como dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob este aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento. Heródoto ambiciona preservar do esquecimento a glória dos gregos e bárbaros. E nosso famoso dever de memória enuncia-se como uma extorsão a não esquecer. Porém, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria. Consideramo-la até mesmo monstruosa. (Ricoeur, 2007, p. 424)

➔ Nas próximas páginas desenvolveremos mais comparações sobre o tema do amor. Desta vez, as obras de Virgílio e Dante, que têm muitos pontos em comum, serão confrontadas. Utilizaremos conceitos da Literatura Comparada para aproximar os dois autores, não esquecendo os conceitos dos teóricos utilizados na Memória Social.

5 LEGADO E IMITAÇÃO DO AMOR: VIRGÍLIO E DANTE NA BPE

Conforme anunciamos, na introdução deste trabalho, no espaço do elevador da BPE, observa-se, em um dos relevos, a cena do encontro dos poetas no Inferno (Figura 14). Esta passagem pode ser encontrada na *Comédia* de Dante no canto IV. Naquele espaço, reservado a grandes personalidades que viveram antes de Cristo, e que, portanto, estão cronologicamente impedidas de acessar a redenção cristã (apesar de suas virtudes), conhecemos o grupo que recebe Virgílio e Dante. O grupo é composto pelos poetas Homero, Horácio, Ovídio e Lucano.

Figura 14 - Relevo, no elevador, Canto IV do Inferno. Detalhe.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Acreditamos que em torno desta imagem, e de tudo a que ela se remete, temos uma outra oportunidade de discutir o legado que conduziu a nosso texto nesta dissertação.

Tendo em vista os conceitos de *memória cultural* (Assmann, 2016) e de *vestígio da memória* (Ricoeur, 2007), anteriormente discutidos, observemos o papel de algumas das personagens (que, não esqueçamos, representam pessoas históricas, ou ao menos autores no caso de Homero). Na cena em questão, quanto aos escritores, e sobre suas respectivas obras, podemos utilizar dos conceitos de *influências* e *imitações* literárias conforme aprendemos nos estudos de literatura comparada de Sandra Nitrini (2021). A professora Nitrini nos apresenta esses conceitos da literatura comparada, provenientes do trabalho de Alejandro Cionarescu (1964 e 1966). Em poucas linhas podemos afirmar que ambos conceitos podem diferenciar-se ou confundir-se dependendo da “acepção” e “sentido” ao longo do tempo (Nitrini, 2021). A acepção de influência pode ser a “que indica a soma de relações de contato de qualquer espécie” e uma “qualitativa” em que “se reconhecem” apesar de “independência” artística “os indícios de contato entre seu

autor e um outro, ou vários outros” (Nitrini, 2021, p. 127). Já os sentidos da imitação apresentados pela autora são quatro: “de imitação da natureza”, platônica; “imitação dos grandes autores antigos”, renascentista; imitação por “processo de adaptação”, com título que “remete sempre ao de seu modelo”, da pós-renascença; e “equivalência entre imitação e influência” presente em “emulação de grandes modelos do passado” (Nitrini, 2021, p. 128-129).

A influência ou imitação pode ser observada numa linha cronológica das epopéias: *Odisseia* (Homero), *Eneida* (Virgílio) e *A Divina Comédia* (Alighieri). No quadro também vemos os romanos Ovídio, que escreveu *As Metamorfoses*; Horácio, das *Odes* e *Sátiras* e Lucano, autor de *Farsália*.

A epopéia de Homero, *Odisseia*, conta o final da batalha de gregos e troianos e as aventuras e sofrimentos na volta de Ulisses (Odisseu) para o seu reino de Ítaca. Na *Eneida*, Virgílio conta a fuga do troiano Eneias após a queda de Tróia rumando para estabelecer-se em Roma após lutar com os povos locais. Antes de chegar no seu destino, Eneias, contado por Virgílio, desce aos Infernos. Na *A Divina Comédia* Dante é o autor, narrador, personagem principal e avança conduzido por Virgílio, agora também personagem, no Inferno e Purgatório e por Beatriz no Paraíso.

Neste cenário destacamos a figura de Virgílio. Este autor latino que, no texto de Dante é enviado como guia nas profundezas da perdição. É notável a presença da imitação/influência (Nitrini, 2021) na sucessão desses autores. Dante inspira-se no modelo e nos temas de Virgílio. Virgílio continua a história de Homero, na perspectiva de um herói nacional para os latinos (as pretensões do autor são claramente ufanistas no livro). E na Biblioteca a cadeia de influência finda por cristalizar-se nos livros, nas paredes e objetos decorados com as temáticas dantescas que possuem em si uma milenar influência temática, estilística, literária e artística. São diversos suportes de memória cultural que possuem a própria dinâmica misturando tempos, durações e sentidos.

Além da presença da figura de Virgílio nos relevos do elevador, temos referências a ele no texto que decora a imagem da pintura de Dante no Salão Egípcio¹⁵. Reproduzimos abaixo este detalhe da imagem (Figura 15):

¹⁵Transcrito da parede:

“O degli altri poeti onore e lume,
Vogliami il lungo studio e il grande amore
Che m’ha fatto cercar lo tuo volume.”

Figura 15 - Detalhe do texto sob a imagem de Dante



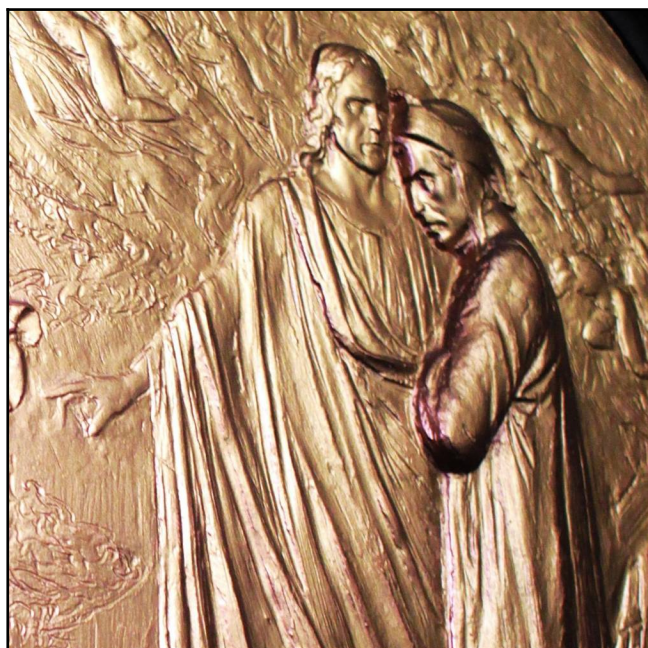
Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Na passagem reproduzida na parede apreendemos a valorização do precursor, que foi conhecido por Dante através dos estudos da *Eneida*. Na passagem Virgílio e sua obra são “honra e luz/*onore e lume*” para “todo poeta [ou os demais poetas]/*altri poeti*” (Alighieri, 2019). Ou seja, o modelo a ser imitado (Nitrini, 2021). A escolha desta passagem para a decoração permite que se estabeleça um vínculo entre os autores e o espaço da Biblioteca, ressaltando justamente o estudo do cânone para a criação de um novo cânone (Figura 16). Essa escolha destaca uma visão positivista da experiência humana onde a evolução da compreensão da experiência humana seria um caminho natural no *estado positivo* (Comte, 2000).

Na tradução:

“Ó de todo poeta honor e lume,
valha-me o longo estudo e o grande amor
que me fez procurar o teu volume. (Alighieri, 2019, Canto I, v. 82-84)

Figura 16 - Virgílio (esquerda) guia e apoia Dante (direita). Detalhe.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Dentre os temas tratados anteriormente, destacamos o amor na literatura dos escritores e na decoração da BPE. Analisamos as diversas ênfases ao amor nas perspectivas de Dante Alighieri e Eduardo Guimaraens. Agora vamos passar a uma abordagem similar do texto da Eneida de Virgílio. Lembrando que Virgílio é o modelo para Dante escrever *A Divina Comédia*.

Em uma passagem, do início da Eneida, lemos os planos de Vênus (chamada aqui de Citereia, seu gentílico) para que o Cupido desperte o amor na anfitriã de Cartago, Dido. Cupido transforma-se no filho pequeno de Eneias, Ascânio, com o objetivo de, ao estar próximo de Dido, despertar sentimentos dela por Enéias:

A Citereia no entanto revolve na mente conselhos
e novos planos, no afã de Cupido trocar de aparência
com o doce Ascânio, no rosto e no gesto, porque se insinue
na alma incendiada de Dido e até aos ossos seu fogo alimente.

[...]

Ora ele se acha com Dido fenícia, que o prende em colóquios
intermináveis. Porém tenho dúvidas sobre a acolhida,
obra de Juno. Decerto esta pensa nalguma vantagem.
Quero vencê-la em seu próprio arraial e inflamar a rainha
de ardente amor, sem que nume nenhum transmudá-la consiga,
e a mim se prenda por meio do afeto que a Enéias eu voto.

[...]

Pois, quando Dido, alegríssima, contra o peito apertar-te
durante o régio festim, o inebriante perfume do néctar,
e te cobrir de dulcíssimos beijos e ternos amplexos,
fogo invisível lhe inspires com teus enganosos venenos
(Virgílio, 2021, p. 121-123, Livro I, v. 657-688)

A rainha Dido é, então, atingida por uma inflamada paixão. Na passagem, o seu amor, no texto um fruto da ação dos deuses visando manipular a humanidade para seus desígnios é retratado como uma espécie de febre que acomete os amantes:

Quanto à rainha, ferida de cega paixão desde muito,
nutre nas veias a chaga e no oculto braseiro se fina,
a revolver de contínuo na mente o valor do guerreiro,
a alta linhagem do herói; no imo peito gravadas conserva
suas palavras, o gesto. De tantos cuidados não dorme.
(Virgílio, 2021, p. 202, Livro IV, v. 1-5)

De início Dido tenta se convencer de que não vai se render ao sentimento depois de ter sofrido a viuvez de Siqueu. Também, lemos que o amor é entendido como uma fraqueza naquele momento de sua vida e também descrito com a presença de sinais associados a enfermidades¹⁶. Na voz de Dido lemos:

Se dentro d'alma já não mantivesse bem fixa e imutável
resolução de não mais me prender com ninguém nas cadeias
matrimoniais, dê que a morte frustrou meu amor inocente;
[...]
a esta primeira fraqueza talvez sucumbir eu pudesse.
[...] O calor sinto agora da chama primeira.
(Virgílio, 2021, p. 202-203, Livro IV, v. 15-23)

E sobre a paixão de Dido, sua confidente, Ana, diz:

geme por ver-se sozinha na sala; no leito se deita
que ele ocupara; na ausência do amado ainda o vê, ainda o escuta,
retém a Ascânio no colo, na imagem paterna se embebe,
(Virgílio, 2021, p. 206, Livro IV, v. 82-84)

No entanto, o envolvimento dos dois não pode prosperar, ele não é do desígnio dos deuses. Então, Júpiter envia Mercúrio para alertar Eneias de que este deve abandonar Dido e ir para o destino na Itália que o aguarda. Dido, quando percebe que não se cumprirá o casamento do casal (que ela já tinha como certo) se revolta com Eneias. Ela duvida da veracidade dos argumentos de sua obediência religiosa e o amaldiçoa:

Oh dor! As Fúrias me abraçam, me arrastam.
[...] até mensageiros
das divindades, esta ordem terrível lhe trazem nas auras!
Como se os deuses cuidassem de nugas e o tempo esbanjassem

¹⁶ Característica da poesia grega arcaica e romana, conforme ensina João Angelo Oliva Neto, comentador nas notas do texto de Virgílio que utilizamos. A tradução, em português, foi realizada por Carlos Alberto Nunes.

do ócio divino! Pois parte! Não peço que fiques, nem brigo.
 Vail Segue os ventos da Itália; procura teus reinos nas ondas.
 Se os justos deuses nos ouvem, espero que um dia hás de a morte
 nas duras rochas sorver e que o nome de Dido mil vezes
 invocarás.
 [...] Pagar-me-ás, miserável,
 essa traição. Hei de ouvir teu clamor desde os Manes profundos".
 (Virgílio, 2021, p. 219-220, Livro IV, v. 376-387)

Enéias sofre mas segue as ordens divinas e utiliza o futuro recordar de Dido como defesa:

[...]“Jamais negaria
 tantos favores, senhora, e outros muitos de que me recordas;
 nem nunca a imagem de Elisa [outro nome de Dido] sairá do meu
 peito, por quanto
 tempo consciência tiver de mim mesmo e com vida eu mover-me.
 (Virgílio, 2021, p. 217, Livro IV, v. 334-336)

O amor transforma-se em rancor, sentimento de injustiça e vontade de vingança em Dido:

Oh dor! As Fúrias me abraçam. me arrastam
 [...] Se os justos deuses nos ouvem, espero que um dia hás de a morte
 nas duras rochas sorver e que o nome de Dido mil vezes
 invocarás. [...] (Virgílio, 2021, p. 219 , Livro IV, v.376-384)

A vingança prometida duraria para além da vida:

Sombra terrível, por tudo estarei. Pagar-me-ás, miserável,
 essa traição. Hei de ouvir teu clamor desde os Manes profundos.
 (Virgílio, 2021, p. 220 , Livro IV, v.386-387)

Ou ainda as futuras gerações realizariam a vingança contra os descendentes de Eneias:

Há de nascer-me dos ossos quem possa vingar-me esta afronta
 com ferro e fogo, quem limpe o meu nome com sangue dardânio.
 (Virgílio, 2021, p. 231 , Livro IV, v. 625-626)

O trágico fim de Dido se dá nos seguintes versos:

[...]
 A Jove Estígio [divindade subterrânea, da região infernal que corre o
 rio Estige] pretendo ofertar sacrifícios solenes,
 [...]

no alto da pira, sacando da espada do chefe dardânio,
 prenda jamais destinada para uso de tanta fereza.
 [...], estas últimas queixas profere:
 “Ó doces prendas enquanto um dos deuses e o Fado quiseram,
 minha pobre alma acolhei e de cruel pesadelo livrai-me.
 [...] torna a falar. “Pois morramos; assim baixarei para as sombras.
 Veja o Dardânio de longe o espetáculo desta fogueira,
 e na alma negra o presságio carregue da minha desgraça.”
 Disse. Mal tinha acabado, as donzelas caída a percebem,
 por próprio impulso, no ferro. [...] ainda Prosérpina não lhe cortara da fronte o cabelo
 louro, nem sua cabeça votara às deidades do Inferno.
 Íris, então, orvalhadas as asas, no espaço desliza,
 sarapintadas as penas com o brilho do sol esplendente.
 Sobre a cabeça de Dido detém-se: “Cumprindo o mandato
 que recebi, te desligo do corpo e a Putão vou levar-te.”
 Assim falando, cortou com a direita o cabelo cor de ouro.
 Foi-se o calor, e nas auras o espírito logo diluiu-se.
 (Virgílio, 2021, p. 231-234 , Livro IV, v. 638-705)

Neste relato de amor podemos traçar algumas diferenças e aproximações às concepções que Dante Alighieri acolheu.¹⁷ A mudança de valores perceptíveis também na literatura da Antiguidade para o Medievo, com continuidades temáticas e de conteúdos (embora com concepções diferentes) traçam uma relação explicada pela memória cultural e os vestígios da memória (Assmann, 2016 e Ricoeur, 2007).

No Livro VI da Eneida, Virgílio descreve uma descida de Eneias ao mundo dos mortos. Conduzido por Sibila, sacerdotisa de Apolo, o herói Eneias encontra personagens de diferentes tempos, demonstrando uma noção de tempo diferente da experienciada no mundo superficial. Traçando um caminho que conduz para a glória de Roma, Virgílio preocupa-se em apresentar uma sequência anacrônica de encontros rumo aos “Fados” de Augusto.¹⁸ As relações particulares do herói com a amada abandonada, Dido, e com o pai, Anquises, são comentadas na sequência de encontros infernais:

Uma só coisa te peço: uma vez que o caminho do Inferno
 começa aqui, na lagoa do rio Aqueronte convulso,
 leva-me logo à presença da sombra do pai extremado.
 (Virgílio, 2021, p. 283-284, Livro VI, v. 106-108)

17 Estas concepções de amor presentes em Dante Alighieri e em Eduardo Guimaraens foram analisadas no capítulo “Amor profano X Amor beatificado” do presente trabalho.

18 O comentarista de Virgílio explica, neste canto: “A descida aos Infernos, ou catábase, evoca elementos da filosofia platônica e das doutrinas órfica e pitagórica: a vida além-túmulo, a existência da alma, seu aperfeiçoamento e a metempsicose, isto é, a transmigração da alma pelos corpos. A atemporalidade do mundo das almas permite ao poeta, na voz de Anquises, pai de Eneias, elidir a diferença fundamental entre figuras míticas grego-latinas e personagens históricas romanas, de modo que o catálogo de personagens visitadas nos Infernos se torna coerente.” (Oliva Neto, 2021, p. 275)

Na argumentação com a profetisa, Eneias apresenta uma lista de anteriores visitantes do submundo: Orfeu, Castor, Teseu, Hércules (Virgílio, 2021). Mas descer não é problema, conforme Sibila:

A profetisa lhe disse em resposta: “De origem divina,
filho de Anquises, Troiano! Descer ao Averno é mui fácil:
sempre está aberta de dia e de noite a porteira do Dite.
Mas desandar o caminho e subir outra vez para o claro,
eis todo o ponto, o trabalho mais duro.
(Virgílio, 2021, p. 284, Livro VI, v. 125-129)

Semelhantemente, para Dante não existe dificuldade em entrar nos infernos, quase acidentalmente ele encontra-se num entre-lugares (Alighieri, 2019, Canto I) e o guia Virgílio vai lhe permitir não só adentrar nas profundezas infernais como sair delas.

Depois de cumprir todas as exigências ritualísticas e já ter ingressado no Inferno, Eneias encontra Dido, mas não obtém uma recepção acalorada daquela amante que tirou sua própria vida ao ver-se abandonada. Ao contrário, o amor se tornou em rancor desde antes dela ser conduzida às profundezas:

Dido infeliz, era então verdadeira a pungente notícia
da tua morte e que o fim encontraste por próprio alvedrio?
Eu, de tudo isso o culpado! Mas, pelas estrelas o juro,
pelas deidades celestes, as forças sagradas do Inferno:
contra o meu próprio querer afastei-me da tua presença.
Pela vontade dos deuses é que eu nestas sombras me arrasto,
[...]
Ordens de cima, imperiosas. [...]
[...]
Com tais palavras tentava o Troiano aplacar a grande ira
daquela sombra irritada. [...]
Ela, porém, sem olhá-lo de frente, olhos fixos na terra,
não se deixando abalar pelas frases melífluas de Eneias,
[...]
Por fim se afasta, irritada, [...]
[...] onde o esposo Siqueu, seu primeiro consorte,
alvo se torna da sua ternura, que em dobro ele paga.
(Virgílio, 2021, p. 299-300, Livro VI, v. 456-473)

Lemos, acima, como o amor é tratado de maneira muito mais colérica e egoística no texto de Virgílio do que no de Dante Alighieri. Conforme apresentamos no capítulo anterior, Dante demonstra uma idealização de amor beato (Alighieri, 2005 e 2019) e um olhar de efeito “ético” (Auerbach, 2022, p. 59) partindo da amada nos textos da juventude (Alighieri, 2005). Tristeza, isso sim, é demonstrada nos

tormentos no círculo infernal dos luxuriosos que Dante aplica ao casal Francesca e Paolo (Alighieri, 2019, Canto V). A beatificação de Beatriz em Dante é, inclusive chamada de “extraordinária audácia, sem par em toda a tradição da literatura supostamente cristã” (Bloom, 2001, p. 80-81). Harold Bloom, continua a demonstrar seu estarrecimento com a ousadia de Dante:

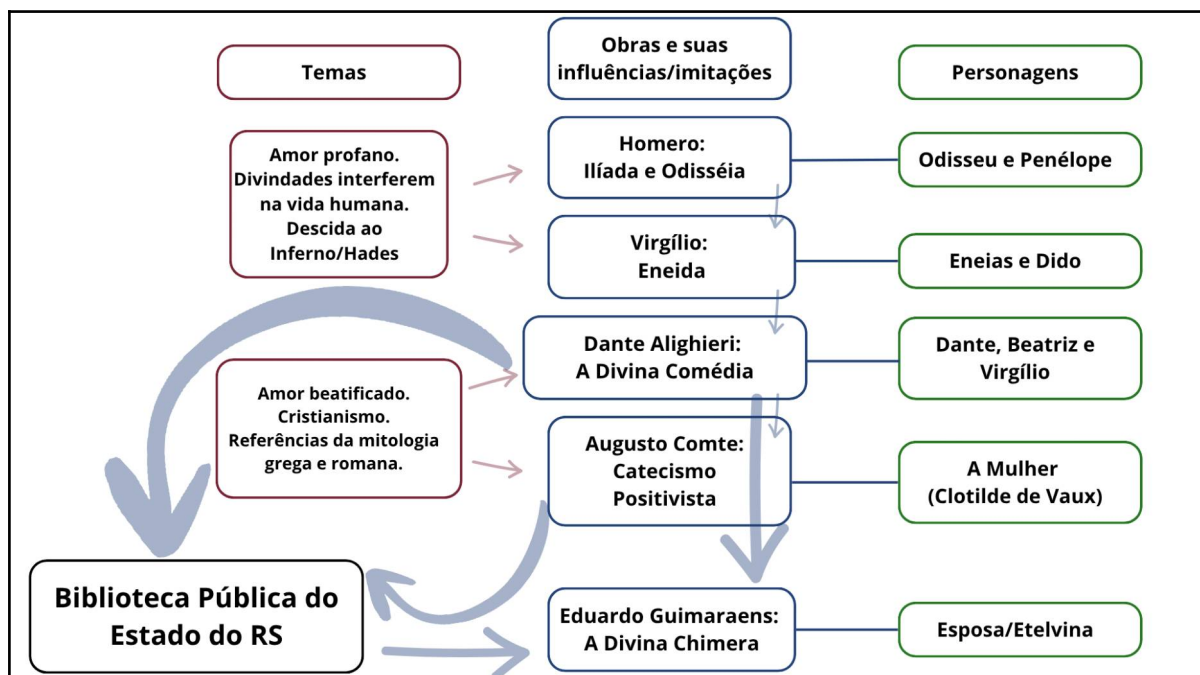
Nada mais na literatura ocidental, no longo período que vai da Javista e Homero até Joyce e Beckett, é tão sublimemente afrontoso quanto a exaltação que Dante faz de Beatriz, elevada de uma imagem de desejo a uma condição angelical, papel no qual se torna um elemento crucial na hierarquia de salvação da igreja. (Bloom, 2001, p. 81)

Enquanto isso verificamos na citação, retirada de Virgílio, que a “sombra” da amada desvia o olhar, despreza, demonstra rancor e raiva. Com seus atos fere os sentimentos de Eneias (Virgílio, 2021).

Enfim podemos pensar que esta é justamente apenas uma “sombra” de Dido, um fantasma, uma referência ao que já existiu. Não é exatamente ela. Representa o que está ausente na vida de Eneias e de maneira sobrenatural se faz presente no espaço destinado à presença dessas ausências. Essa reflexão se aproxima, de maneira estranha e desvinculada da intenção do autor de *A memória a história, o esquecimento* quando lembramos da “aporia do modo de presença do ausente” (Ricoeur, 2007). Neste livro, circulando por textos de Platão e Aristóteles, Paul Ricoeur procura a compreensão da designação filosófica de algo ausente que ao ser mencionado parece presente.

Abaixo, apresentamos um mapa mental para auxiliar na compreensão da relação entre os livros e temas citados ao longo desta dissertação (Figura 17):

Figura 17 - Mapa mental de obras, influências, personagens e temas



Fonte: Autoria própria.

➔ Na próxima seção traremos comparações entre as musas de Dante Alighieri e de Augusto Comte. Este será um caminho para abordar o Positivismo e suas implicações na criação da Biblioteca.

6 POSITIVISMO E A BPE: BEATRIZ E CLOTILDE DE VAUX

Figura 18 - Busto de Beatriz no Setor RS da BPE. Escultura em mármore por Giuseppe Bessi.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Mencionamos na seção anterior que a elevação ao nível de beatitude que Dante faz da figura de Beatriz (Figura 18) é extrema. Conforme críticos literários (Bloom, 2001), apenas a sua abrangente qualidade artística permite a sobrevivência do texto da *Comédia* como cânone na literatura supostamente cristã, apesar de ideias literário-teológicas tão particulares:

A comédia, como todas as grandes obras canônicas, destrói a distinção entre texto sagrado e texto profano. E Beatriz é agora, para nós, a alegoria da fusão de sagrado e profano, a união de profecia e poema. (Bloom, 2001, p. 85)

Neste ponto, da elevação da amada à beatitude, traçamos diversas comparações nos capítulos anteriores, inclusive, com os textos de Eduardo Guimaraens. Porém, falta-nos mencionar a semelhança do tratamento à imagem da amada que o criador da filosofia positivista realiza. Mencionar isto é relevante porque o Positivismo é a base ideológica da classe política dos então decoradores da Biblioteca (políticos e funcionários alinhados com o PRR). O pensador em questão foi Augusto Comte (1789-1857), filósofo que, após traçar um corpo teórico,

procurou realizar, com sua amada Clotilde de Vaux (1815-1846) (Figura 19), um monumento comparável ao que Dante fez com Beatriz em sua obra.

Figura 19 - Retrato (estampa) de Madame Clotilde de Vaux



Fonte: Autoria não identificada, Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

Após ter publicado seus principais textos, *Discurso Sobre o Espírito Positivo* (1844) e o *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842), Comte se separa de sua esposa Caroline Massin em 1842. Augusto Comte conhece em 1844, Clotilde de Vaux e estabelece uma relação de “íntima amizade” (Gianotti, 2000, p. 7) ou “intenso relacionamento amoroso, embora platônico” (Ribeiro Junior, 1984, p. 8). Este relacionamento teve repercussões nas suas concepções e produção:

Comte apaixonou-se perdidamente por Clotilde e pretendeu transformá-la em nova Beatriz, a musa de Dante. [...] A afeição tornou-se ainda mais profunda com a morte de Clotilde, um ano depois. Comte transformou-a então no gênio inspirador de uma nova religião, [...] (Gianotti, 2000, p. 7)

Acrescentemos o que Arnoldo Doberstein afirma sobre essa questão, relacionando Dante, Beatriz e Clotilde a Comte:

Dante, para Comte [...] Como apologista da Mulher era lembrado seu amor por Beatriz (que Comte talvez tenha procurado repetir, um tanto grotescamente, na sua elegia a Clotilde de Vaux). Esse culto à Mulher é visto por Comte como uma culminação da ‘alteração que experimentou o monoteísmo ocidental nos séculos das Cruzadas, quando a Virgem tendia a substituir Deus’ [Comte Apud Doberstein]. (Doberstein, 1992, p. 22)

Antes de seguirmos nesta comparação, precisamos, neste ponto, traçar um breve panorama do Positivismo e seus desdobramentos no contexto de que tratamos neste estudo.

O Positivismo¹⁹ Comteano apresenta uma visão alinhada com as compreensões da então filosofia moderna sobre a razão e a metafísica: a de um limitado alcance de objetos do conhecimento possíveis por meio apenas da razão (Ribeiro Junior, 1984). O Positivismo Comteano:

Doutrinava, assim, que o que é possível conhecer são unicamente os fenômenos e as suas relações, não a sua essência, as suas causas íntimas, quer eficientes quer finais. Estas permanecem impenetráveis, desconhecidas, pois é impossível alcançar-se noções absolutas.

[...] se conclui que o método positivo não assinala à ciência mais do que o estudo dos fatos e suas relações, fatos esses somente percebidos pelos sentidos exteriores. Por isso, pode-se dizer que o positivismo é um dogmatismo físico e um ceticismo metafísico. (Ribeiro Junior, 1984, p. 9)

Para Augusto Comte existe uma trajetória do desenvolvimento da compreensão humana. Defendia a necessidade de “uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano” para compreender sua filosofia (Comte, 2000, p. 22). Ele desenvolveu a teoria dos três estados que explica essa concepção:

[...] três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo. [...] no positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas [...] preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas [...] (Comte, 2000, p. 22)

Comte acreditava que todos os ramos das ciências se encaminharam para esse rumo. E, seguindo a mesma lógica, defende a invenção de uma “física social” para compreender os “fenômenos sociais”. (Comte, 2000, p. 29)

A filosofia positivista aparece textualmente na sala egípcia da BPE (Figura 20), como podemos ver na imagem abaixo. As pinturas ressaltaram uma concepção de história em que é possível se preparar para o futuro através do desenvolvimento de leis provenientes da observação: “Connaître ce qui est, pour prévoir ce qui sera”

19 No aspecto da ideologia social, Silvia Regina Ferraz Petersen (1998) faz uma declaração precisa sobre a colocação do Positivismo no seu contexto de afirmação da burguesia pós-revolucionária. Ela afirma que “a sociologia positivista [...] é uma resposta burguesa aos problemas e contradições sociais provenientes da objetivação do capitalismo na Europa. [...] uma reação conservadora à crítica racionalista que o Iluminismo fizera à ordem social do Antigo Regime e uma justificativa ao triunfo burguês na Revolução Francesa” (Petersen, 1998, p. 34)

[transcrição]. [Conhecer o que é, para prever o que será]. Esta frase está pintada no que seria uma base escultórica com uma esfinge montada por uma figura que segura uma tocha.

Figura 20 - Detalhe de decoração no Salão Egípcio. Texto sob esfinge.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

João Ribeiro Junior afirma que, após a morte de Clotilde, Comte assume um “papel messiânico” e que foi ela “quem lhe fez ver a importância social dos sentimentos sobre a teoria e a praxis.” (Ribeiro Junior, 1984, p. 8). No seu *Catecismo Positivista* (1852), Augusto Comte apresenta um diálogo entre “A Mulher”, que referencia Clotilde²⁰, e “O Sacerdote” onde alcançam uma explicação do que vem a ser a nova religião da humanidade (Comte, 2000).

À “Mulher” parece problemático quando “O Sacerdote” está tratando do sentimento do Amor no Catecismo (Comte, 2000). Isso ressaltaria uma suposta contradição a uma base supostamente positiva, racional e pragmática. Em uma resposta a esta “Mulher”, o sentimento é explicado no corpo filosófico-religioso do positivismo:

O SACERDOTE - Reconheço, minha filha, que o espírito positivo apresentou até aqui os dois inconvenientes morais peculiares à ciência, inchar e secar, desenvolvendo o orgulho e desviando do amor. [...] uma apreciação insuficiente do positivismo, que vós considerais apenas no estado incompleto em que ele ainda se

20 Uma das provas de “A Mulher” do Catecismo ser inspirado em Clotilde de Vaux são os usos de seus textos no discurso. Um destes exemplos é a reprodução de uma frase da novela *Lucie*, escrita por Clotilde em 1845, na fala da personagem feminina do diálogo: “A MULHER - [...] Antes de ser positivista, eu costumava dizer: ‘Que prazeres podem exceder os da dedicação’”(Comte, 2000, p. 270-271)

mostra na maioria de seus adeptos. [...] Mas, completando o estudo real da ordem universal, vê-se o dogma positivo concentrar-se finalmente em torno de uma concepção sintética, tão favorável ao coração como ao espírito.” (Comte, 2000, p. 126)

O filósofo via o Amor como parte deste projeto de sociedade. Através do cientificismo esperava uma organização social idealmente humanista, hierarquizada, altruísta e harmônica. Para João Ribeiro Junior o dogma do altruísmo demonstra que Comte resguarda valores do cristianismo mas este a serviço de uma agenda reacionária “com o autoritarismo dogmático e a disciplina despótica da Religião da Humanidade” (Ribeiro Junior, 1984, p. 42). A figura de um Ser supremo é vinculada a uma Humanidade e a estrutura católica de santos e padroeiros é reformulada com nomes de pessoas ilustres da história em um calendário completo. (Comte, 2000): “A idéia só desse Ser supremo [Humanidade] inspira diretamente a fórmula sagrada do positivismo: *O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim.*” (Comte, 2000, p. 127)

Esse Amor, em Comte, como veremos, caracteriza-se pelo dogma do altruísmo. Compreendamos que, para o filósofo, esse Humanidade, embora com ampla abrangência no tempo²¹, não engloba a totalidade da espécie humana:

[...] a humanidade como o *conjunto* dos seres humanos, passados, futuros e presentes. [...] não se deve compreender aí todos os homens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na existência comum. (Comte, 2000, p. 134)

Comte faz uma diferenciação entre os “filhos da humanidade”: De um lado os que tornam-se “servidores” da Humanidade e de outro os que “permanecem no estado parasitário” (Comte, 2000, p. 134). Para justificar seu elitismo ele cita uma seleção de trechos da *Comédia* de Dante que se encontra no terceiro canto do volume Inferno:

Che visser senza infamia e senza lodo.
[...]
Cacciarli i ciel per non esser men belli,
Nè lo profondo inferno li riceve,

21 Augusto Comte atribui valoração às contribuições de pessoas do passado em diversas máximas do seu texto. Entende que um “servidor da humanidade” tem uma existência “objetiva”, em vida, e outra “subjetiva”, após a morte, como contribuição “no espírito de outrem”. Ligado a este raciocínio está a afirmação: “Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos [...]” (Comte, 2000, p. 135). Uma versão desta frase encontra-se na arte cemiterial de Júlio de Castilhos, um dos principais representantes do PRR. Também encontramos a mesma frase no portão da Igreja Positivista do Rio Grande do Sul (1928), em Porto Alegre.

Ch'alcuna gloria i rei avrebber d'elli.
 [...]
 Non ragioniam di lor, ma guarda e passa.²²
 (Dante Apud Comte, 2000, p. 134)

Na escolha deste trecho Comte está destacando os renegados do Paraíso e do Inferno que não encontram recepção em nenhum dos lados pois não tiveram a firme decisão de se posicionarem em vida. Está falando de fraqueza de caráter, timidez ou covardia. Portanto, quem não se enquadra ativamente no critério de Comte não é considerado como dentro do “Ser” Humanidade. Assim sendo, Comte abre o espaço para a diferenciação (individual e de classes) e a hierarquização da sociedade. Na direção da sociedade estariam os “servidores” mais aptos:

A classe mais importante no Estado positivista é a dos sacerdotes, que não são teólogos, mas sociólogos. São os intérpretes das doutrinas sócio-religiosas do positivismo [...] (Ribeiro Junior, 1984, p.34)

Em outro ponto, adiante no seu Catecismo, Comte menciona novamente Dante ao explicar a seleção que se faz das virtudes dos mortos em detrimento de seus defeitos: “Dante pressentira, a seu modo, essa lei, quando construiu sua bela ficção em que faz o homem preparar-se para a beatitude bebendo primeiro no rio do esquecimento e em seguida no Eunoé, que só lhe restitui a lembrança do bem.” (Comte, 2000, p. 150-151) O rio do esquecimento é o Letes. A passagem mencionada por Comte está na Comédia de Dante, no volume do Purgatório,

22 Para maior compreensão segue a tradução, de Italo Eugenio Mauro, do trecho integral do canto mencionado. A utilização, em outro contexto, demonstra a apreciação do texto dantesco com um propósito moralizante na perspectiva do filósofo positivista. Os recortes coincidentes com os de Comte estão, aqui, destacados em negrito:

E ele: “As almas que vês nesse amargor,
 são dos que têm no mundo - e ora deploram -
vivido sem infâmia e sem louvor.

Co’ aqueles anjos vis agora moram
 que a Deus não opuseram rebeldia
 nem lhe foram fiéis, mas por si foram.
**O Céu exclui-os porque o aviltaria,
 e o fundo Inferno também os proscreeve,
 que tê-los certa glória aos réus traria”.**

E eu: Mas que pena têm, que tanto deve
 pesar-lhes que clamar os faz tão forte?”.

Respondeu ele: “Escuta, serei breve:
 Eles não têm esperança de morte,
 e essa cega sua vida é-lhes tão crassa
 que inveja têm de qualquer outra sorte.
 Lembrança, deles o mundo rechaça;
 misericórdia, e justiça, os ignora.

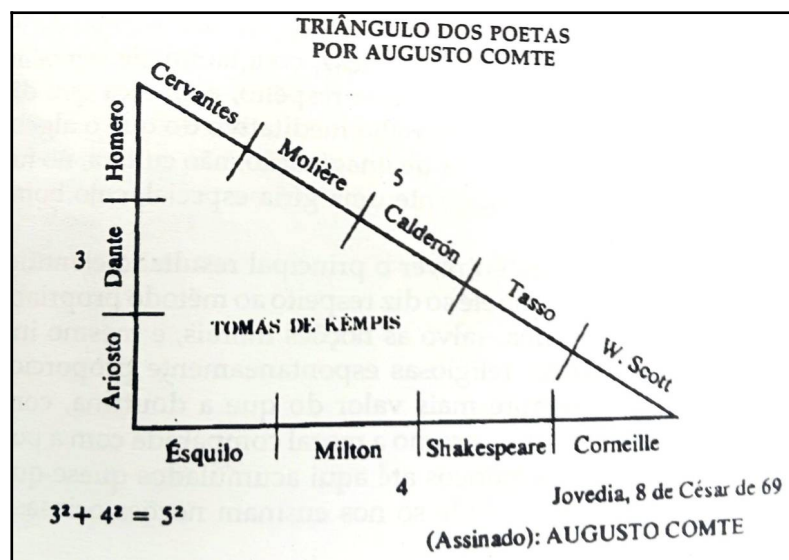
Deles não cuideis mais, mas olha e passa”.

(Alighieri, 2019, Inferno, Canto III, v. 34-51, p. 38-39)

conforme tratamos anteriormente ao contextualizar a imagem em relevo das virtudes teologais.

Para o filósofo, Dante Alighieri, assim como os outros “poetas verdadeiramente grandes”, recebe uma estima semelhante à dos filósofos pois entende que “a natureza intelectual de ambos é em tudo idêntica”. Comte afirma que “Aristóteles teria sido um grande poeta e Dante um filósofo eminente se a situação histórica houvesse sido menos científica para um e menos estética para o outro.” (Comte, 2000, p. 155) Na edição mais comum do *Catecismo*, com notas e tradução assinadas por Miguel Lemos (1854-1917), pode-se ver, acompanhado deste trecho, uma nota com a imagem reproduzida abaixo (Figura 21). A imagem é o desenho de um triângulo retângulo similar a um supostamente utilizado pelo filósofo. No desenho vemos a tentativa de estruturar o legado poético ocidental às leis da Geometria. Essa estratégia procura, em um evidente intuito de legitimação teórica, aplicar a estética da ciência pura Matemática na abordagem da Literatura. O mesmo se deu com o alçamento da Sociologia à uma “física social”. Projeto que aprendeu-se no *Curso de Filosofia Positiva* e no *Catecismo Positivista* (Comte, 2000):

Figura 21 - Triângulo retângulo dos poetas segundo Comte



Fonte: *Catecismo Positivista* (Augusto Comte, 2000)

Quanto ao amor marital, Comte defendeu uma “constituição altruísta do casamento” que visa “ao aperfeiçoamento mútuo dos dois sexos, abstraído de toda sensualidade” mas tendo em vista uma diferenciação dogmática, conservadora e

hierárquica dos gêneros. Para ele: “A superioridade masculina é incontestável em tudo o que diz respeito ao caráter propriamente dito, fonte principal do comando.” (Comte, 2000, p. 275). Para João Ribeiro Junior (1984) no positivismo a humanidade seria formada apenas pelos homens e as mulheres teriam um papel subalterno na sociedade.

Augusto Comte defende, ainda, um critério reprodutivo rigoroso com argumentos de saúde pública beirando a castidade e a eugenia: “a quarta parte das populações ocidentais deveria sabiamente abster-se de toda procriação, para que tal função ficasse concentrada nos pares convenientemente dotados” (Comte, 2000, p. 276). Quanto ao divórcio, advoga a exceção apenas na possibilidade que diz respeito justamente ao caso de Clotilde de Vaux, que não teve sucesso em suas solicitações (Gianotti, 2000):

Verdadeiramente só existe um único caso em que a união conjugal deva ser legalmente dissolvida, e vem a ser quando um dos cônjuges é condenado a uma pena infamante qualquer, que o fere de morte social.” (Comte, 2000, p. 277)

Pudemos notar, e expusemos em diversas passagens anteriormente, como era usual a utilização dos textos da *Comédia* na argumentação de Augusto Comte.²³ Devemos destacar que, por afinidade de valores, existe “simpatia de Augusto Comte pela ordem medieval, [...] pela extrema presença do catolicismo na tessitura social” (Isaia, 2007, p. 25). Desta forma, parece bastante natural que encontremos vestígios desta *influência* temática (inclusive de uma estética dantesca) também entre os discípulos do filósofo francês em Porto Alegre. Intelectuais e políticos positivistas/simpatizantes deste contexto reproduziam essa estética nas suas próprias produções conforme as absorviam ao estudarem textos de Augusto Comte (e de divulgadores). Os textos positivistas, por sua vez, reproduziam elementos de textos clássicos eleitos pela afinidade apresentada.

23 Existem outras referências à *Comédia* no *Catecismo* que tratamos neste texto. Por exemplo, uma delas diz respeito à salvação do Imperador Trajano solicitada pelo papa Gregório Magno (599-604) (Comte, 2000, p. 323) (Alighieri, 2019, *Purgatório*, canto X). Comte tentou demonstrar que os católicos também entendiam o valor dos virtuosos do passado antes do Evangelho. Uma noção que pode ser relacionada com a sua de Humanidade como unidade atemporal e que poderia se inscrever na discussão que apresentamos ao descrever a decoração do elevador da BPE que remete ao encontro de Dante e Virgílio com os poetas da Antiguidade (Na *Introdução* e no capítulo 4.1 *Ainda sobre o Amor: Virgílio e Dante na BPE*, do presente trabalho). Uma explicação das lendas de Trajano e sua salvação pode ser lida em Jacques Le Goff (1995, v. I, p. 211-212) que as tira de *Lenda Dourada* de Giacomo de Voragine (1260).

Paulo Pezat ensina que, no Rio Grande do Sul, o Positivismo, que inicialmente recebia citações na imprensa, até fora de contexto, nos anos 1850' - 1870', começou a ter impacto de associações e publicações de revistas promovidas por alunos da Escola Militar de Porto Alegre e ex-alunos de Benjamin Constant nos anos 1880'. Além disso, estudantes oriundos do Rio Grande do Sul, como Júlio de Castilhos, da Academia de Direito de São Paulo, e outros, retornaram ao estado. Estes fundaram o Clube Vinte de Setembro e o jornal *A Evolução* (1879) onde circulavam ideias positivistas (Pezat, 2007).

No Brasil o avanço do Positivismo caminhou paralelamente ao do Republicanismo. Miguel Lemos foi um dos principais responsáveis pela linha religiosa positivista com a Igreja Positivista do Brasil (1881). Um ano depois, em 1882, é fundado o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) (Pezat, 2007). Os positivistas no Rio Grande do Sul receberam apoio do Rio de Janeiro. Em 1884, o jornal do partido, *A Federação*, começa a circular “textos de caráter doutrinário explicitamente amparados na obra de Augusto Comte” escritos por Júlio de Castilhos (Pezat, 2007, p. 40), político que nos primeiros anos se torna a figura central do partido. Quanto ao impacto do jornal, Antonio Hohlfeldt afirma:

[...] enquanto a imprensa liberal manteve-se presa a tradições conservadoras, *A Federação* soube perceber os novos segmentos populacionais e urbanizados que surgiram, integrando-os a seu discurso e falando para eles e em nome deles. Daí o sucesso do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), ainda que seu domínio da política gaúcha não se deva, evidentemente, apenas a essa prática eficiente; (Hohlfeldt, 2007, p. 323)

Quando da promulgação da Constituição sul-rio-grandense (1891) esta: “manteve-se fiel aos postulados do filósofo, [...] A influência das ideias positivistas na Constituição castilhista também ficou evidente [...]” (Pezat, 2007, p.46) A mesma Constituição está no cerne das disputas políticas que culminam na Revolução Federalista²⁴.

24 Recomendamos o texto de Paulo Pezat (2007) para aprofundamento das disputas políticas no estado, no partido (PRR) e entre divulgadores do positivismo do período. Para inteirar-se da discussão historiográfica sobre o Positivismo, sugerimos um outro texto de Pezat, *O Positivismo na Abordagem da Recente Historiografia Gaúcha* (2006), que traz ricas reflexões que ajudam na superação de preconceitos e simplificações ainda bastante arraigadas no uso do termo positivismo/positivista para textos de história que por vezes não tem ligação com preceitos dessa filosofia: “o equívoco de se conceituar como positivista a historiografia desenvolvida ao longo do século XIX e de boa parte do século XX, pois esse é um rótulo que promove uma homogeneização inexistente na prática, além de atribuir ao pensamento comtiano idéias que são anteriores e muitas que lhe contradizem frontalmente” (Pezat, 2006, p. 259) Também, para a questão da historiografia

Arthur Cesar Isaia (2007) demonstra que os representantes do castilhismo (republicanos positivistas alinhados com o PRR) estavam bem relacionados com o catolicismo no Rio Grande do Sul pós Revolução Federalista: “[...] com o predomínio do PRR vai haver a aproximação entre os governos republicanos e a autoridade eclesiástica” que tinham “um comum antiliberalismo”. (ISAIA, 2007, p. 24). Isaia explica que os castilhistas tinham:

[...] uma concepção elitista e messiânica, que desdenhava da participação popular, pregando o monopólio da ação política a uma minoria, [...] Esse desdém pela participação popular e pela soberania das maiorias marcava uma nítida congruência com a doutrina política defendida pela Igreja Católica [...] Comte pregava a instauração de uma ordem social baseada em ‘ideais impessoais’, frutos do espírito positivo, capaz de abandonar completamente a ‘desordem moral’, própria do liberalismo individualista [...] Tanto o projeto recristianizador do catolicismo quanto o assumido pelo estado castilhista estavam imbuídos de um ideal de regeneração moral da sociedade. (ISAIA, 2007, p. 24-27)

Desta maneira os positivistas do PRR alinhavam-se com o projeto católico, apesar da crença na superação da mentalidade metafísica (teoria dos três estados). Isso era possível pela “aproximação, ou um parentesco espiritual”²⁵ fruto da compartilhada rejeição à mentalidade liberal e ao individualismo posterior à Revolução (Revolução Francesa de 1789) (ISAIA, 2007, p. 25).

Após a morte de Júlio de Castilho, “os positivistas religiosos começaram a se mobilizar. [...] o conflito que se iniciava ocorria em outro plano, sendo disputado com gestos, palavras e monumentos.” (Pezat, 2007, p. 55) Dois destes marcos são a arte cemiterial de Júlio de Castilhos (1907) no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia (Figura 22) e o monumento de 1913 na Praça Marechal Deodoro (mais conhecida como Praça da Matriz) (Figura 23). Foram, os dois, executados por Décio Villares (1851-1931). Ambos contém elementos associados ao Positivismo (Doberstein, 1992 e Pezat, 2007)

positivista, sugerimos o trabalho de Silvia Regina Ferraz Petersen (1998), *Historiografia Positivista e Positivismo Comteano: Origem e desvirtuamento de uma relação teórica*. De maneira similar a Pezat (2006), Petersen traz ressalvas às generalizações sobre essa historiografia. Ela dilata a abrangência dessa historiografia positivista para além do Positivismo e associa à chamada Escola Metódica a identificação dessa historiografia. Além disso, relativiza a crítica à “forma descritiva, narrativa” da historiografia em questão. Demonstra que essa característica não é exclusiva da linha positivista (ou metódica) e que as narrativas foram (e podem) ser utilizadas como estratégia da escrita do historiador e “não fins em si” (Petersen, 1998, p. 46). Este artigo de Silvia Petersen e outros ótimos artigos sobre o Positivismo encontram-se no livro, da Universidade La Salle, organizado por Cleusa Maria G. Graebin e Elisabete Leal (1998), *Revisitando o Positivismo*.

25 Isaia associa esta categoria, “parentesco espiritual”, a Max Weber. (Isaia, 2007)

Figura 22 - Monumento fúnebre a Júlio de Castilhos Cemitério Santa Casa de Porto Alegre



Fonte: Centro Histórico Cultural Santa Casa de Porto Alegre

Paulo Pezat (2007) relaciona a inauguração do monumento na Praça (Matriz, quase em frente à BPE) alusivo a Júlio de Castilhos, com a posse de Borges de Medeiros.

Na eleição ocorrida no final de 1912 a oposição não apresentou candidato à presidência do Rio Grande do Sul, de modo que Borges de Medeiros se elegeu com tranquilidade para seu terceiro mandato, sucedendo a Carlos Barbosa. Não por acaso, o monumento cívico de Júlio de Castilhos elaborado por Décio Villares foi inaugurado no dia da posse, em 25 de janeiro de 1913, de modo a permitir que Borges recebesse o influxo do carisma do líder falecido dez anos antes. (Pezat, 2007, p. 69)

Figura 23 - Monumento a Júlio de Castilhos (1913), Porto Alegre - Décio Villares



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

No contexto da construção do monumento na Praça (Figura 24), Paulo Pezat destaca a construção da BPE e a composição do acervo desta com a influência dos positivistas:

Nessa mesma época, iniciou a construção do prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, [...] os sinais da influência positivista estão presentes [...] em seu acervo com inúmeras obras de Auguste Comte e de seus seguidores [...] (Pezat, 2007, p. 69)

Sobre isso a historiadora Cássia Daiane Macedo da Silveira (2024) demonstra que a Biblioteca estava “participando de certa invenção republicana para a província” e, à edificação, atribui uma função pedagógica: “O edifício passava, ele mesmo, a ser uma ferramenta de instrução por meio das imagens, frases e simbologias” (Silveira, 2024, p. 10).

Figura 24 - Vista da Praça Marechal Deodoro, na foto, da esquerda para a direita, do fundo para o primeiro plano, o prédio da Biblioteca Pública, o Palácio da Justiça e o Monumento a Júlio de Castilhos.



Fonte: Acervo pessoal de fotos do autor.

Boeira (1996) defende que, com a morte de Castilhos, o debate se desloca mais para “uma tradição doutrinária assentada no legado de Castilhos”, inclusive, eventualmente “elogios a Castilhos são acompanhados de uma crítica do comtismo.” (Boeira, 1996, p. 40-41) Depois Boeira (1996) afirma que ocorreu um “aumento estatístico do número de referências diretas a Comte” e outros autores (Boeira, 1996, p. 43), mas apenas como “recurso retórico” (Carvalho, 1998, p. 15) sem necessária coerência entre as citações. José Murilo de Carvalho argumenta que esse uso de recursos de discurso, vocabulário e demais “importações” não é exclusivo do Positivismo no PRR, mas:

O positivismo foi pródigo em produzir expressões e frases de efeito que foram incorporadas ao vocabulário de muita gente que da doutrina sabia pouco ou nada. [...] Além de valores e de filosofias da história, há ainda nesses grandes sistemas, frequentemente, um lado prático, um código operacional. [...] A incorporação desses sistemas muitas vezes é seletiva [...] (Carvalho, 1998, p. 16-17)

Enfim, com o avanço dos anos 1920', a influência do positivismo nos rumos do PRR foi diminuindo significativamente. Quando da construção do templo da Igreja Positivista do Rio Grande do Sul (1928) em Porto Alegre isso já era notável. Aos poucos foi aumentando a lacuna entre os preceitos dos dogmas comtianos e da política castilhista e borgista (Pezat, 2007 e Boeira, 1996). Ainda assim,

permanecem diversas marcas dos vínculos que uma parte da elite gaúcha, nas primeiras décadas da República, teve com as doutrinas de Augusto Comte. Esses vínculos deixaram vestígios que podem ser rastreados nas paredes de lugares como a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

➔ A seguir apresentamos breves considerações sobre a utilização do jornal A Federação como instrumento do Partido e a relação deste com a Biblioteca e Eduardo Guimaraens.

6.1 A Federação

O Partido Republicano Rio-grandense (PRR) dispunha de um jornal, A Federação (1894-1937), que era um aparato de publicidade ideológica. O acervo encontra-se preservado no espaço criado em 1922 como sede do jornal, que hoje abriga o Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa (MuseCom) (Vignol, 2025). Para a pesquisa que realizamos utilizamos o banco de dados da Hemeroteca Nacional que disponibiliza digitalmente o acervo do jornal A Federação. São diversas as ocorrências de assuntos abordados nesta pesquisa. Destacamos, a seguir, algumas delas.

No ano de 1917, em homenagem à visita do ministro francês Paul Claudel, à Porto Alegre e após uma visitação à BPE, Eduardo Guimaraens publicou uma poesia com referências à Dante Alighieri: “o sr. Eduardo Guimaraens, sub-director da Biblioteca Pública, recitou bella ode que abaixo publicamos”. No texto de homenagem declamava “sob o encanto de tua arte immortal que evoca Sophocles e Dante” (A Federação, ano xxxiv, n. 174, 28/07/1917, p.1-2).

Conforme pudemos confirmar, o jornal, em sua coluna social, destaca a participação do diretor da BPE Victor Silva e do, então, sub-diretor Eduardo Guimaraens em recepções do governador Borges de Medeiros. Guimaraens também é citado como palestrante em eventos literários em espaços de prestígio da cidade, geralmente na presença do governador (A Federação, ano xxxiv, n. 264, 16/11/1917, p. 5).

Ainda no *A Federação* encontramos as seguintes considerações, oriundas de Moura Prates no jornal *O Paiz*, sobre a tradução do Canto Quinto por Eduardo Guimaraens:

Eduardo Guimaraens, que me envia de Porto Alegre [...] esplendida tradução desses immortaes tercetos de Dante. [...] Ninguém ignora que traduzir bem um verso é quasi fazel-o de novo. e se esse verso é de Dante. então parecerá impossivel a qualquer poeta. por melhor que seja, vertel-o para a lingua materna, sem collaboração.

O Sr. Eduardo Guimaraens realizou esse milagre: a impressão que fica da sua tradução é a de que logramos ler o proprio Dante no original [...] (*A Federação*, ano xxxviii, n. 30, 1921, 04/02/1921, p. 1)

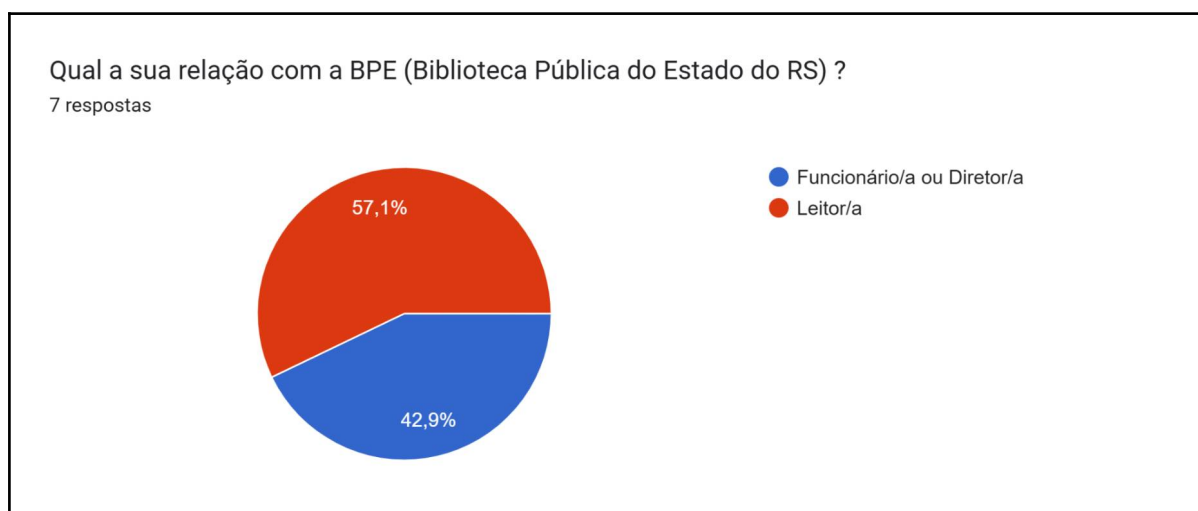
Percebe-se acima, e nos demais textos do jornal, um círculo de apoio e valorização da intelectualidade alinhada com o Partido. Integram-se os diversos níveis das vivências locais na estruturação de uma legitimação do poder: Artes, espaço, ciência, filosofia, legado, moral, narrativas, etc, são instrumentos da manutenção do *status quo* na cidade de Porto Alegre dos inícios do século XX.

7 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

No percurso da pesquisa realizamos um questionário com funcionários e leitores da BPE. As perguntas estão disponíveis no Apêndice A deste trabalho. O número de participantes foi reduzido a apenas 7 pessoas. Portanto acreditamos que uma pesquisa quantitativa não teria um universo suficientemente grande para esse tipo de análise. No entanto traremos aqui algumas considerações qualitativas e reflexões sobre a pesquisa partindo das respostas na ordem em que se apresentavam no questionário.

Dentre os participantes, configurou-se a seguinte distribuição (Gráfico 1):

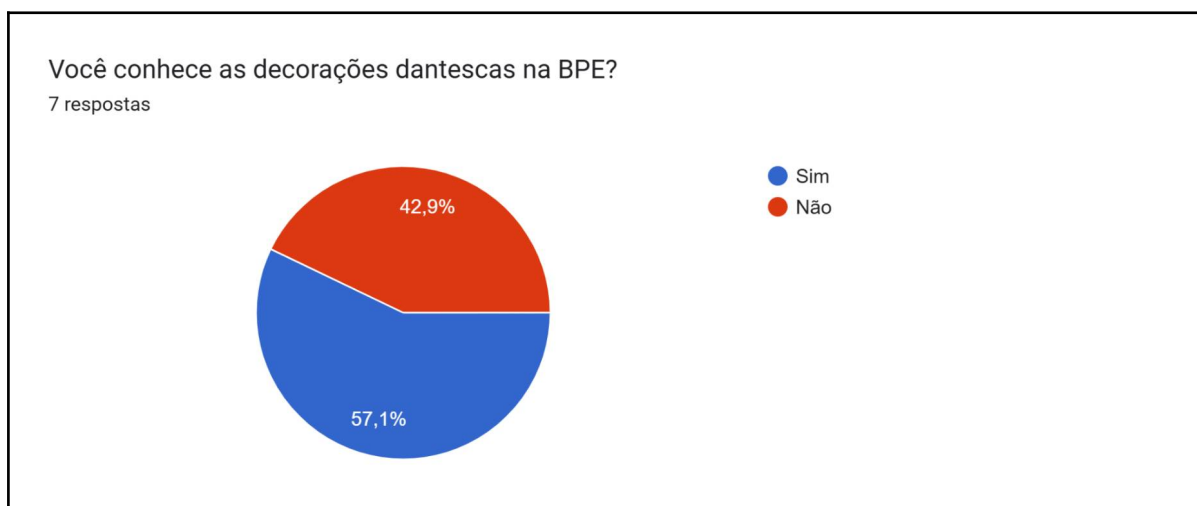
Gráfico 1 - Resposta ao questionário. Pergunta 1.



Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

Procurando perceber a informação dos participantes sobre os temas desta pesquisa seguimos com uma verificação simples sobre o conteúdo (Gráfico 2). Acreditamos que a maioria dos funcionários possuem o conhecimento sobre as decorações, ainda que superficial. Mas para os visitantes eventuais essa informação pode se perder no meio de tantas outras destacadas nos espaços de visitação da BPE:

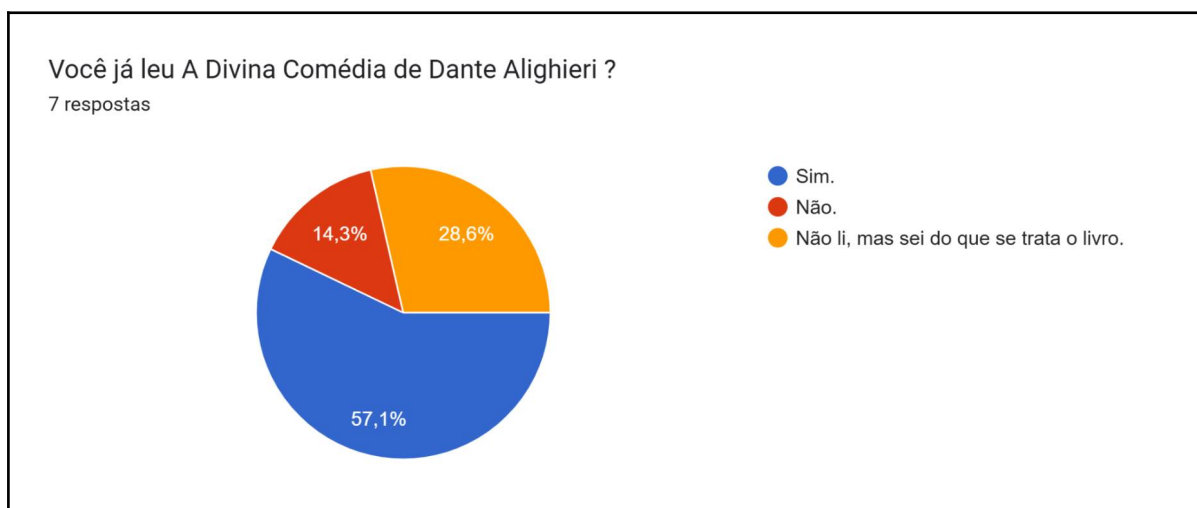
Gráfico 2 - Resposta ao questionário. Pergunta 2.



Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

Na próxima pergunta, sobre a leitura de *A Divina Comédia*, podemos perceber que as pessoas que aceitaram responder o questionário, em geral eram aquelas mais bem informadas sobre o tema. Apesar de diversos convites, tivemos pouca participação. Foi informado que não existiria identificação dos participantes mas percebemos que existia uma certa vergonha em várias pessoas de demonstrar que não conheciam os temas. No gráfico (Gráfico 3) podemos perceber que participou, em geral, quem estava familiarizado com o tema:

Gráfico 3 - Resposta ao questionário. Pergunta 3.



Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

Para quem afirmativamente sobre a leitura de Dante, perguntamos “Se positivo para a pergunta anterior: o que lhe chama atenção no livro?” As respostas

podem ser divididas entre um primeiro grupo que destacou aspectos religiosos como a “difusão da fé cristã”, “salvação” e os três lugares que Dante visita (Inferno, Purgatório, Paraíso) de um segundo grupo onde aspectos literários e históricos da obra geraram suas respostas. Uma das respostas deste segundo grupo seria esta: “Me chama atenção a importância na história da literatura e o reflexo da forma de pensar da sociedade da época, quando as pessoas se preocupavam com a vida pós-morte.” Aqui temos uma reflexão que apresenta um deslocamento da cosmovisão de então na comparação com a atualidade.

Na sequência perguntamos: “O que você percebe da relação entre A Divina Comédia e a BPE?” Aqui apenas uma pessoa afirmava que não sabia responder. Essa é outra demonstração de que os participantes, em sua maioria, eram pessoas que tinham alguma afinidade com o tema e a Biblioteca. Tivemos algumas respostas mais elaboradas que acreditamos que sejam de funcionário(a) com amplo conhecimento do assunto:

"A Divina Comédia" está presente em diversos ornamentos do prédio: paredes, elevador, mobiliário. Muitas referências em diversos espaços, além de exemplares no acervo, com diferentes características de impressão. Existe também a relação da obra com o positivismo, que teve grande influência na concepção da arquitetura e ambientes do prédio da BPE. (Resposta anônima ao questionário da pesquisa)

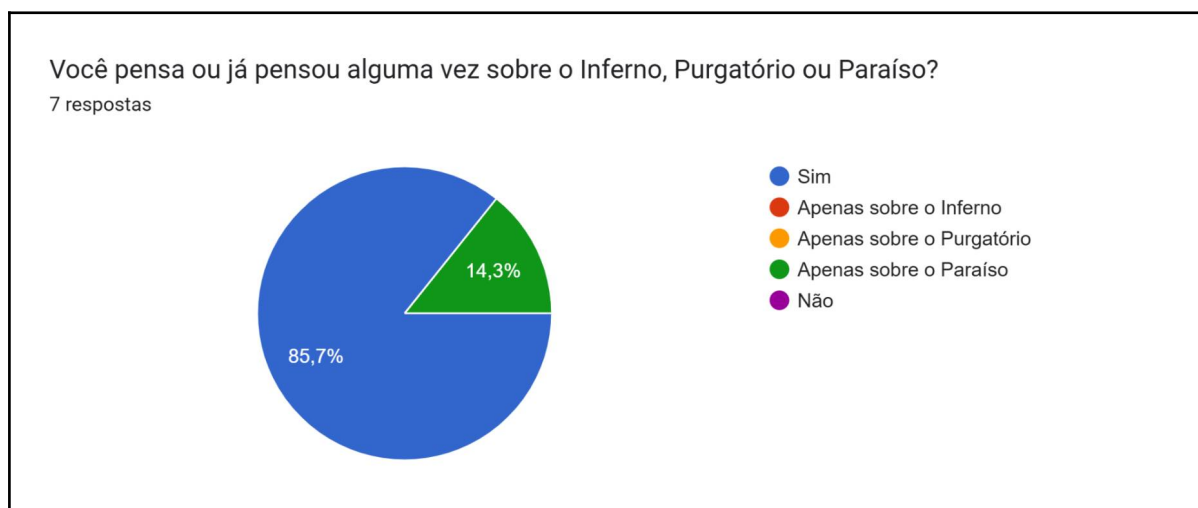
De maneira semelhante, se enquadra nesse perfil a seguinte resposta:

Acredito que tenha uma forte relação, tanto pelo fato do Dante ser um dos bustos do calendário positivista quanto por outros fatores como a admiração do então Presidente do Estado, Borges de Medeiros, pela obra de Dante o que acabou por proporcionar mais elementos da Divina Comédia na Biblioteca. (Resposta anônima ao questionário da pesquisa)

Ao responder, uma das pessoas demonstrou ter sido influenciada pela pesquisa no seu percurso de leitora: “Já pensei em ler o livro. Agora fiquei mais curiosa ainda ao saber da relação com a biblioteca.” (Resposta anônima ao questionário da pesquisa)

A pergunta seguinte era: “Você pensa ou já pensou alguma vez sobre o Inferno, Purgatório ou Paraíso?” As respostas demonstram que ainda é comum a preocupação entre os participantes com o tema do além. Segue o gráfico do total das respostas (Gráfico 4):

Gráfico 4 - Resposta ao questionário. Pergunta 6.



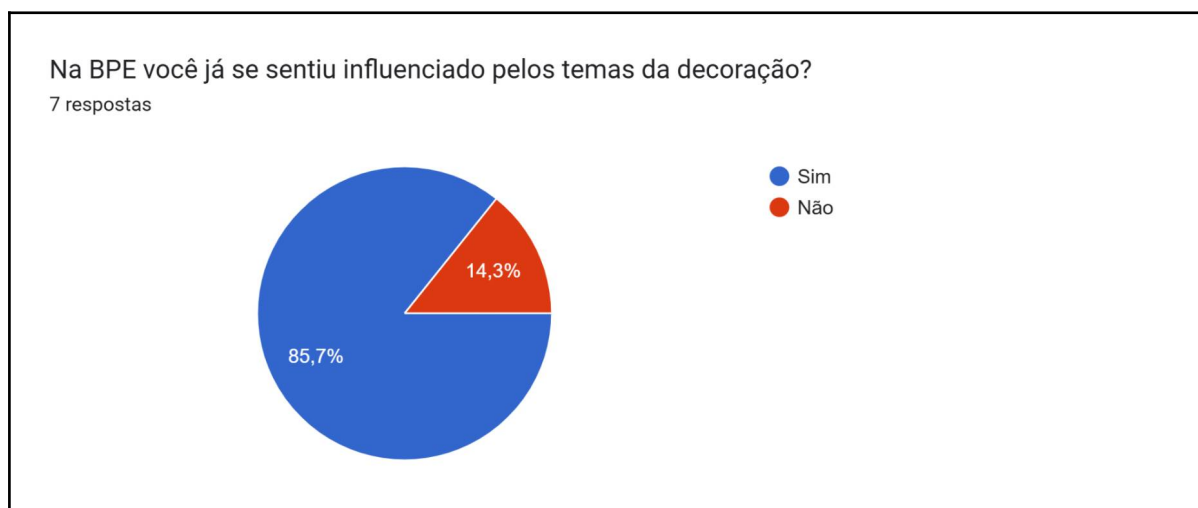
Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

A próxima pergunta era: “Dante demonstrava sentir um amor idealizado por Beatrice [Beatriz] e a inscreveu como personagem no livro. O que você pensa deste tipo de amor?”. As respostas podem ser divididas em dois grupos: O primeiro de que se trataria de uma ilusão ou até um suposto desejo pessoal do ser humano. E o segundo de que era uma característica da época e associa a idealização a uma questão espiritual. Dentre estas respostas destacamos duas muito completas. Uma delas afirma que entende a resposta à pergunta como um “Amor e transcendência em Beatriz que é identificada inclusive com a sabedoria teológica e o amor cósmico e divino”. (Resposta anônima ao questionário da pesquisa). A outra resposta corrobora com esta e com a nossa percepção apresentada no capítulo sobre o amor, nesta dissertação:

Dante tinha um amor platônico por Beatriz. Na obra, a colocou como uma personagem que seria seu guia, uma mulher perfeita, cheia de sabedoria, sendo a ponte entre o humano e o sagrado. Na obra ele teve a oportunidade de “endeusar” Beatriz, transformar seu amor platônico da vida real em um símbolo ao amor, um anjo. Acredito que o amor de Dante por Beatriz é representativo do mais puro amor, amor verdadeiro, amor de contemplação, admiração, uma amor divino. (Resposta anônima ao questionário da pesquisa)

Na sequência temos a resposta majoritária à pergunta: “Na BPE você já se sentiu influenciado pelos temas da decoração?”. Segue o Gráfico 5 correspondente:

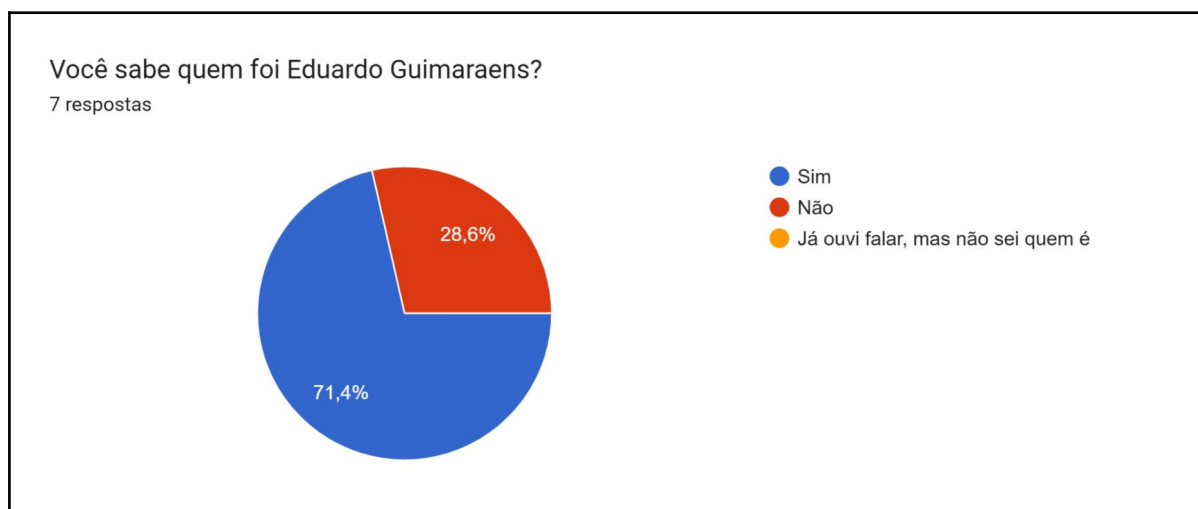
Gráfico 5 - Resposta ao questionário. Pergunta 8.



Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

Aproveitamos para perguntar sobre Eduardo Guimaraens, poeta simbolista e um dos ex-diretores da Biblioteca. Estudamos e analisamos suas ligações com as temáticas estudadas ao longo da presente dissertação. Pelo gráfico pudemos supor que, com poucas exceções, quem respondeu o questionário estava familiarizado com os temas tratados na pesquisa (Gráfico 6):

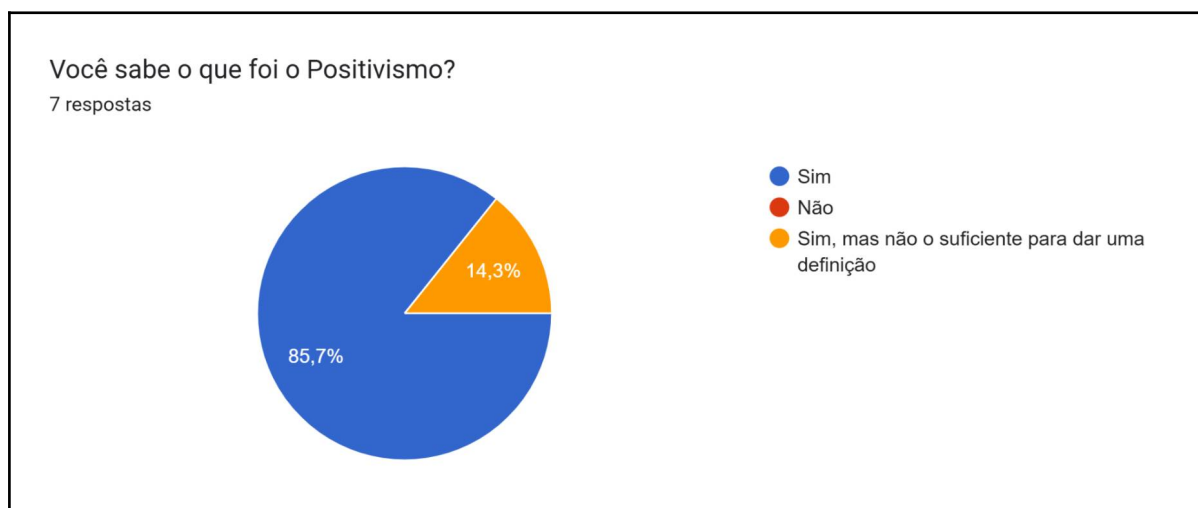
Gráfico 6 - Resposta ao questionário. Pergunta 9.



Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

De maneira semelhante, perguntamos e recebemos respostas sobre o Positivismo (Gráfico 7):

Gráfico 7 - Resposta ao questionário. Pergunta 10.



Fonte: Dados coletados pelo autor. Gráfico produzido no Google Forms.

No encaminhamento final do questionário, abrimos para respostas mais amplas sobre a percepção dos participantes da importância da Literatura com a seguinte pergunta: “A Literatura é importante na sua vida? Caso sim, como?”. Como era de se esperar, de um grupo de participantes como este, todas as respostas foram afirmativas. A maneira como a Literatura se inseriu em suas respostas era a de uma importância no desenvolvimento pessoal e utilitária: [Possibilita] “crescimento pessoal”, “nos permite argumentar melhor, adquirir vocabulário”, [é] “inspiradora” [e de que] “amplia a compreensão”. (Respostas anônimas ao questionário da pesquisa). Outras respostas demonstravam que, ao menos, 3 dos participantes eram estudantes da área Letras/Literatura ou a utilizavam nas suas profissões.

No último item os participantes poderiam acrescentar dúvidas e críticas ao questionário. Dois esperavam maiores informações sobre a ligação de Dante Alighieri com a BPE, inclusive solicitando os significados das decorações. Outros dois demonstraram que possuem curiosidades ainda não satisfeitas sobre a Biblioteca também sobre Dante:

[1]Percebi que não conheço totalmente a Biblioteca. Mas, admiro os detalhes na arquitetura na parte onde frequento para empréstimo de livros.

[2]Tenho curiosidade em compreender melhor como obras clássicas, como A Divina Comédia de Dante Alighieri, continuam sendo reinterpretadas ao longo do tempo.

(Respostas anônimas ao questionário da pesquisa)

Estas últimas respostas aumentaram o nosso interesse em disponibilizar um material informativo para o público visitante da instituição contendo descrições e algumas das informações disponíveis nesta pesquisa. Este intuito foi exposto previamente na banca de qualificação deste trabalho. O material produzido é um guia para visita em Leitura Fácil. Ele constitui uma sugestão sem custos para a Instituição. A escolha da técnica da Leitura Fácil visa atender a dificuldades de diversas ordens na integração de visitantes no espaço das imagens estudadas nesta dissertação. Abrir a possibilidade de acesso a mais pessoas, através de uma reescrita, não impede o acesso ao texto original. Ambos podem coexistir. Cada leitor poderá escolher, de acordo com suas capacidades, qual texto lhe é mais adequado. Ainda, a Leitura Fácil poderá ser um caminho para aproximação de conteúdos complexos para públicos que não estão habituados com a escrita acadêmica. A superação do estranhamento inicial permitirá novos aprendizados para um número maior de interessados. O *Guia em Leitura Fácil de Obras Sobre Dante Alighieri na BPE* também está disponível no Apêndice B desta dissertação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho apresentado acima, procuramos estabelecer um corpo conceitual e uma metodologia que possibilitassem alcançar a resposta ao nosso questionamento inicial. Também, almejávamos completar os objetivos gerais e específicos apresentados no percurso desta pesquisa.

A pergunta que nos conduziu até aqui foi a de *quais vestígios de memória os positivistas imprimem na releitura da obra dantesca na constituição do espaço na Biblioteca?* Acreditamos que sim, respondemos à pergunta. No entanto, ela se torna complexa por ter muitos elementos. Aqui, vamos fracioná-la para expressar o seu real sentido e demonstrar como criamos uma explicação para ela:

A primeira parte é “*quais vestígios de memória*”. Para responder apresentamos a nossa compreensão dos conceitos operacionais no campo da Memória Social que embasam a pergunta. Discutimos os conceitos de *memória coletiva* (Halbwachs, 2024 e Candau 2023), *vestígios da memória* (Ricoeur, 2007) e *memória cultural* (Assmann 2016 e 2025). Então os *vestígios da memória* são os rastros de elementos que são parte da *memória coletiva* e da *cultural*. Estes vestígios, como o nome sugere, não estão sempre explícitos, pois são elementos sobreviventes ao processo de esquecimento. Assim atacamos a primeira expressão da pergunta.

A pergunta continua mencionando que esses vestígios poderiam ser “impressos pelos positivistas”. Para isso apresentamos um panorama que explica o que é o Positivismo criado por Augusto Comte e qual a ligação dessa filosofia e ideologia/religião da humanidade na constituição do espaço da Biblioteca Pública. Isso tudo inserido no contexto do castilhismo nas duas primeiras décadas do século XX.

Demonstramos como existem influências/imitações (Nitrini, 2021) de autores da antiguidade (Homero, Virgílio), passando por Dante Alighieri, Augusto Comte até a escolha de referenciais para a decoração da Biblioteca Pública e a escrita de Eduardo Guimaraens, partícipe do cotidiano da BPE. Com isto alcançamos a resposta à última parte da pergunta: “*releitura da obra dantesca na constituição do espaço na Biblioteca*”.

Portanto, os vestígios da memória impressos pelos positivistas (castilhistas) são as decorações que fazem referência à obra de Dante. Ali, de forma intencional, selecionaram símbolos para expressar uma ética e ideologia que corroborava com os valores de uma elite daquele tempo. De maneira não intencional, transmitiram elementos dentro dessas escolhas que são muito mais abrangentes e longínquos. Através da cultura escrita, as estruturas da memória cultural (Assmann 2016 e 2025) permitiram a conexão secular e milenar, da decoração da BPE, com aspectos perenes da experiência da civilização ocidental (nisso se inclui o tratamento ao tema do amor, da morte, da religiosidade e do além). Ressaltamos que não ocorre uma transmissão direta, mas mediada e deformada de acordo com aspectos que não necessariamente podem ser controlados pela elite (como as ressignificações, acomodações, ações políticas de seus membros, rivais e sub-grupos ao longo do tempo). A realidade sempre vai ser mais complexa do que é possível estruturar em uma explicação de qualquer gênero. No entanto, a constante estruturação de uma explicação didática é o que nos permite dialogar sobre os elementos da pesquisa para explicar a realidade.

O objetivo geral nesta pesquisa era o de compreender os vestígios de memória a partir da obra de Dante Alighieri no espaço da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Isso foi realizado na busca da resposta à pergunta da pesquisa. Pudemos compreender cada um dos elementos decorativos no contexto de sua referência literária e na de sua colocação no momento histórico da construção da Biblioteca. Além disso, pudemos apontar os vínculos com o entorno no aspecto de paisagem cultural (Costa; Serres, 2016) e com as produções culturais (monumentos, jornais, livros) daquele contexto dos anos 1910' e 1920' em Porto Alegre.

Seguiam-se três outros objetivos específicos que eram: Conhecer o contexto político da construção do prédio da BPE do Rio Grande do Sul a partir da análise dos documentos do período. Entender melhor a simbologia envolvida na escolha da obra de Dante Alighieri para o espaço da BPE. E produzir um guia de visita para a BPE, nos espaços relacionados a este trabalho, em Leitura Fácil. Esperamos ter cumprido com estes objetivos específicos e os explicitado suficientemente na dissertação. Após as Referências disponibilizamos uma cópia do Guia em Leitura Fácil no Apêndice B.

Não foi possível realizar um dos objetivos específicos que estavam apresentados na banca de qualificação. Este objetivo versava sobre a compreensão de elementos teóricos da questão do imaginário. Este objetivo foi tocado superficialmente nos nossos estudos e por isso o excluímos do trabalho final. Esta questão fica como uma sugestão para futuros trabalhos e desdobramentos futuros.

Existem diversas outras oportunidades de aprofundamento dos estudos realizados. Outras pesquisas podem versar sobre: Imaginário, outras decorações do prédio, ampliação do recorte temporal e espacial diferente do proposto aqui. Ainda resta a possibilidade de descobrir onde existem mais vestígios sobre Dante e outros cânones na cidade. Além disso, pode-se investigar a partir de perspectivas de outras disciplinas como a da História econômica ou Semiótica, por exemplo. Dentro do Campo da Memória Social existem diversos outros teóricos que possibilitariam outros alcances e outras perspectivas em futuras investigações.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. Visões do Inferno ou o Retorno da Aura. IN: NOVAES, Adauto. (et al.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ALIGHIERI, Dante. **Canto Quinto**. Organizado por Maria Etelvina Guimaraens e tradução de Eduardo Guimaraens. Edição ampliada. Porto Alegre: Libretos, 2021.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- ALIGHIERI, Dante. **Vida Nova**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- ALMEIDA, Sandra Regina G. O legado da rememoração: Traços e Vestígios Memoriais nas Américas. In: **ALEA**. Rio de Janeiro. vol 15/1. p. 15-71, jan-jun 2013.
- ASSMANN, Jan. **Cultural memory and early civilization: writing, remembrance, and political imagination**. Orlando: Cambridge University Press, 2025.
- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. In: **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan/jun, 2016.
- AUERBACH, Erich. **Dante como poeta do mundo terreno**. São Paulo: Duas Cidade/ Editora 34, 2022.
- BAKOS, Margaret Marchiori; Pires, Letícia de Andrade (org.). **Os Escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS/ UFS, 1999.
- BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do mal, de Baudelaire**. Organizado por Maria Etelvina Guimaraens. Tradução e seleção de poemas por Eduardo Guimaraens (tradução de 1927). Porto Alegre: Libretos, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, volume 1, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilé. **Por uma estética dos vestígios memoriais: releituras da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. IN: José Hildebrando Dacanal e Sergius Gonzaga (Orgs), **RS: cultura e ideologia**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

BORGES, Jorge Luis. **Nove ensaios dantescos & A memória de Shakespeare**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

BOCCACCIO, Giovanni. **Vida de Dante**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

BPERS. **Ofícios Do Diretor/Bibliotecário no ano de 1915**. Recebidas 1915. Caixa Correspondência 1912-1916. Porto Alegre. Disponíveis no Setor RS da BPERS.

BRAUDEL, Fernand. Histoire et Sciences sociales : La longue durée. In: **Annales**. Économies, Sociétés, Civilisations. 13^e année, N. 4, 1958. pp. 725-753.
www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1958_num_13_4_2781

BRISOLARA, Valéria. Mobilidade linguística. IN: BERND, Zilá *et al.* **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literaris, 2010.

BRITTO, Alexsander Candido de. **O imigrante Perfeito: A Atuação de Fernando Schlatter no Rio Grande do Sul (1870 - 1949)**. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais UFRGS, 2022.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. 1ª ed. 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

CARVALHO, José Murilo de. O Positivismo Brasileiro e a Importação de Ideias. IN: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; LEAL, Elisabete. (Orgs.) **Revisitando o Positivismo**.

CENTRO HISTÓRICO CULTURAL SANTA CASA. **Jazigo Júlio Prates de Castilhos**. Porto Alegre, [1907]. Informações e imagem disponível em: <https://chcsantacasa.org.br/jazigo-julio-prates-de-castilhos/> . Acesso em: 30 maio 2026.

CIONARESCU, Alejandro. **Principios de Literatura Comparada**. Tenerife: Universidad de la Laguna, 1964.

CIONARESCU, Alejandro. Imitation et influence ou l'insuffisance de deux notions. IN: **Proceedings of the Fourth Congress of the Icla**. Paris: Mouton Co., The Hague, 1966, p. 917-921.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores).

COSTA, Luciana de Castro; SERRES, Juliane Conceição Primon. Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro.

In: **Patrimônio e Memória**. São Paulo: Unesp, v. 12, n. 1, p. 158-178, janeiro-junho, 2016.

DISTANTE, Carmelo. Prefácio de A Divina Comédia. In: Alighieri, Dante. **A Divina Comédia**. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Primeiros Cantos**: poesias. Rio de Janeiro : Eduardo e Henrique Laemmert, 1846.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Porto Alegre 1900-1922**: estatuária e ideologia. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre. 1894-1937. Fundado pelo PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) em 1884. Jornais disponíveis no Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa (MuseCom) e em formato digitalizado no site da Hemeroteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 de maio de 2026.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: Geertz, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2015, p. 25-39.

GIANNOTTI, José Arthur. Vida e Obra. IN: COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores).

GUIMARAENS, Eduardo. **A Divina Quimera**. Porto Alegre: Libretos, 2025.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2024.

HOHLFELDT, Antonio. A Imprensa (1870-1930). IN: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República Velha (1889-1930). Passo Fundo, RS: Méritos, 2007. v. 3, t. 2 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul)

IFLA - International Federation of Library Association and Institutions. **IFLA Guidelines for easy-to-read materials**. Nº 120, 2010. Disponível em <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/publications/professional-report/120.pdf> Acesso em: 16 no. 2025.

ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e Castilhismo. IN: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República Velha (1889-1930). Passo Fundo, RS: Méritos, 2007. v. 3, t. 2 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul)

JARDIM, Jaci Aquino. **Biblioteca**: onde circula o espírito do mundo. Rio de Janeiro: ELAPE Sistemas Educacionais, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MESSELE-WIESER, Sandra. **"Brasilien" : Ferdinand Schlatter : der Lindauer Maler in Rio Grande do Sul = "Brasil" : Ferdinand Schlatter : o pintor de Lindau no Rio Grande do Sul**. Baunach: Spurbuchverlag, 2013.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3ª.ed, 2ª. reimpressão, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, 1993.

OLIVA NETO, João Angelo. Notas da edição. IN: VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo. Editora 34, 2021.

PEREZ, João Pedro Machado. **Jubileu de 1300 : o uso de propaganda na política papal**. Dissertação em História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2025. Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/300936> . Acesso: em 13 jun. 2026.

PEZAT, Paulo. Leituras e Interpretações de Augusto Comte. IN: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República Velha (1889-1930). Passo Fundo, RS: Méritos, 2007. v. 3, t. 2 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul)

PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. **Anos 90**, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 23, p. 255–285, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6404> . Acesso em: 4 jun. 2026.

PIRES, Vanessa de Oliveira Dagostim (et al.). **Manual de Leitura Fácil: para educadores**. Pelotas: Editora IFSUL, 2023.

PONTIN, Priscila Kieling. **A utilização de vestígios memoriais como estratégia para agregar valor à moda produzida nos brechós [manuscrito] : o caso do Bendita Traça**. Dissertação em Memória Social e Bens Culturais – Universidade La Salle, Canoas, 2021. “Orientação: Prof. Dr. Moisés Waismann e Coorientação: Profª Dra. Zilá Bernd”. Disponível em: <https://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/1674> . Acesso: em 13 jun. 2026.

PRUDENTIUS CLEMENS, Aurelius. Psychomachia. IN: **Trium fragmentorum seu codicum silloga: Aurelii Prudentii Clementis carmina nonnulla, miscellanea et canonica praecepta et decretalium epistularum**. Manuscrito. Biblioteca Apostolica Vaticana. Séc. XII e XIII. Disponível em: <https://digi.vatlib.it/mss/detail/Reg.lat.58> . Acesso: em 14 jun. 2026.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é positivismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Sergio Luiz Pereira da. O lugar da arte na memória social e na identidade cultural. IN: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Memória social: revisitando autores e conceitos**. Canoas: Ed. Unilasalle, 2018.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. Uma biblioteca entre a instrução e a memória: a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (1871-1922). **Anos 90**, Porto Alegre, RS, v. 31, p. e2024306, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/137111> . Acesso em: 4 jun. 2026.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2017.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. Ensaio sobre o funcionamento dos discursos de vida e de morte nas narrativas dos patrimônio: desafios da memória. IN: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; VENERA, Raquel Alvarenga Sena. (Orgs.) **Patrimônio e memória: narratividade, rememoração, reminiscência**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2019. (Série memória e patrimônio Unilassale; 11)

VIÇOSA, Jucelino Viçosa de. **Milongueando memórias: vestígios do negro na paisagem pampiana**. Tese de doutorado em Memória Social e Bens Culturais – Universidade La Salle, Canoas, 2022. “Orientação: Profª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

VIGNOL, Ana Letícia de Alencastro. **E tudo começou com uma reportagem : entre um museu da imprensa e um museu da imagem e do som, nasce um museu de comunicação (1973-1975)**. Porto Alegre : Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 2025. Disponível em: <https://biblio.cultura.rs.gov.br/cgi-bin/koha/opac-retrieve-file.pl?id=7ca0a5bfb09ebf26e56b1c4e9e06011d> . Consulta dia 20/05/2026.

VIRGÍLIO (Publius Vergilius Maro). **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2021.

WASSERMANN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. IN: GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (orgs.) **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

APÊNDICE A

Questionário aplicado

Pesquisa: Vestígios da Memória Sobre Dante Alighieri na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul:

Este formulário é parte da pesquisa intitulada acima produzida no Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle Canoas. A pesquisa é realizada pelo mestrando Bruno Silveira Pires e orientado pela Prof^a Dr^a Lúcia Regina Lucas da Rosa. Os dados coletados são anônimos e as respostas geradas não serão identificadas sua autoria. Em caso de dúvida sobre sua participação ou pesquisa entre em contato pelo e-mail brunosilveirapires@gmail.com. Ao enviar este formulário com as respostas, você está autorizando o uso delas para a escrita da referida dissertação. Agradecemos pela sua participação.

1. Qual a sua relação com a BPE (Biblioteca Pública do Estado do RS)?
 - A) Funcionário/a ou Diretor/a
 - B) Leitor/a
 - C) Outra. Qual?
2. Você conhece as decorações dantescas na BPE?
 - A) Sim
 - B) Não
3. Você já leu A Divina Comédia de Dante Alighieri?
 - A) Sim
 - B) Não
 - C) Não li, mas sei do que se trata o livro.
4. Se positivo para a pergunta anterior: o que lhe chama atenção no livro?

5. O que você percebe da relação entre *A Divina Comédia* e a BPE?
6. Você pensa, ou já pensou, sobre o Inferno, Purgatório e Paraíso?
 - A) Sim
 - B) Apenas sobre o Inferno
 - C) Apenas sobre o Purgatório
 - D) Apenas sobre o Paraíso
 - E) Não
 - F) Outra resposta. Qual?
7. Dante demonstrava sentir um amor idealizado por Beatrice [Beatriz] e a inscreveu como personagem no livro. O que você pensa deste tipo de amor?
8. Na BPE você já se sentiu influenciado pelos temas da decoração?
 - A) Sim
 - B) Não
9. Você sabe quem foi Eduardo Guimaraens?
 - A) Sim
 - B) Não
 - C) Já ouvi falar mas não sei quem é
10. Você sabe o que foi o Positivismo?
 - A) Sim
 - B) Não
 - C) Sim mas não o suficiente para dar uma definição
11. A Literatura é importante na sua vida? Caso sim: como?
12. Você tem alguma dúvida, curiosidade ou sugestão relacionada aos assuntos tratados nestas perguntas? Caso sim: qual?

APÊNDICE B

Guia em Leitura Fácil de Obras Sobre Dante Alighieri na BPE

GUIA EM LEITURA FÁCIL

Obras Sobre Dante Alighieri



BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL

Apresentação

A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (BPE) se encontra na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Ela pertence ao governo do Estado.

A Biblioteca Pública está localizada na Praça da Matriz, próxima ao Palácio Piratini, ao Monumento Júlio de Castilhos e ao Teatro São Pedro.

A Biblioteca Pública foi construída entre os anos 1912 e 1922 por Affonso Herbet e Teófilo Borges de Barros, engenheiros do Estado. Os diretores da Biblioteca Pública Victor Silva e Eduardo Guimaraens ajudaram a escolher os temas da decoração.

Apresentação

O Partido Republicano Rio-grandense governava o Rio Grande do Sul nessa época.

Era um partido autoritário que também seguia a filosofia de Augusto Comte, chamada de Positivismo.

A Biblioteca Pública serviu como uma das vitrines para o Partido Republicano Rio-Grandense.

Existem muitas decorações dentro da Biblioteca Pública.

Neste Guia vamos falar apenas das imagens que são ligadas a Dante Alighieri e que estão na decoração da Biblioteca Pública.

A Divina Comédia

Dante escreveu o livro **A Divina Comédia** no ano de 1321.

O livro conta uma história em que o próprio Dante é um personagem.

No livro de Dante ele viaja através do Inferno, Purgatório e Paraíso e recebe ajuda de Beatriz e Virgílio.

Na Biblioteca Pública existem imagens sobre essas histórias do livro.

Estas imagens estão no Salão Egípcio e no elevador da Biblioteca.

Índice

	página
1 - Biblioteca Pública _____	6
2 - Salão Egípcio _____	10
3 - Dante Alighieri _____	12
4 - Beatriz _____	14
5 - Frase de Odisseu _____	17
6 - Elevador _____	20
7 - Os Poetas _____	22
8 - Paolo e Francesca _____	24
9 - Virtudes teologais _____	26
10 - Amor sagrado _____	28

1 - Biblioteca Pública

Existem dez rostos esculpidos
na frente do prédio da Biblioteca.
Os rostos representam
o Calendário Positivista.
O Positivismo foi criado
por Augusto Comte.

Neste calendário existe
um homem para cada mês.
Eles são homens considerados
importantes por um filósofo chamado
Augusto Comte.
Cada um deles representava uma área
de conhecimento e um mês,
como em um calendário.
Isso é parecido com a escolha
de um santo padroeiro.



1 - Biblioteca Pública

Cada um destes homens é importante por um motivo diferente.

Existe uma lista dessas pessoas:

Gutenberg - Indústria Moderna;

Carlos Magno - Civilização Feudal;

Descartes - Filosofia Moderna;

São Paulo - Catolicismo, etc.

Dante Alighieri é o patrono da Literatura.



Dante

2 - Salão Egípcio da Biblioteca

O Salão Egípcio fica no segundo andar da Biblioteca Pública.

Este espaço tem muitas pinturas nas paredes.

A maioria das pinturas do Salão é sobre o Egito.

Podemos ver besouros, flores, aves e deuses do Egito.

Nesse Salão vemos algumas pinturas sobre o livro **A Divina Comédia**.

Em uma parede podemos ver Dante Alighieri e a sua musa Beatriz. Musa é uma pessoa que inspira o artista.

Beatriz

Dante



3 - Dante Alighieri

Salão Egípcio

Podemos ver o rosto do escritor Dante pintado na parede do Salão Egípcio. Junto do rosto existe um texto da **A Divina Comédia** em italiano. A tradução é:

Ó de todo poeta honor e lume,
valha-me o longo estudo e o grande amor
que me fez procurar o teu volume.

No texto da parede Dante está falando com Virgílio.

Dante está comemorando que estudou o livro de Virgílio e dizendo que Virgílio é o modelo para os outros poetas.



4 - Beatriz

Salão Egípcio

A outra pintura nessa parede
é a de Beatriz.

Ela era a musa de Dante e aparece
no livro dele.

Dante amava Beatriz e no seu livro
colocou ela no Paraíso.

Beatriz era uma pessoa santa para Dante.

O texto que acompanha a imagem
de Beatriz também está em italiano.

Em português seria:

Eu sou Beatriz, que peço que tu vás,
venho de aonde retornar almejo
amor moveu-me, que falar me faz.

O que o texto quer dizer
é que Beatriz está falando.
Beatriz se apresenta dizendo
que veio do Paraíso.
Ela só foi até o Inferno por amor
a Dante.
Beatriz está dando uma ordem
para Virgílio.
A ordem é que Virgílio ajude Dante.
Dante está perdido.
Virgílio obedece e ajuda Dante
a entrar no Inferno e no Purgatório.
Depois Beatriz ajuda Dante
a entrar no Paraíso.



5 - Frase de Odisseu

Salão Egípcio

Uma outra obra de Dante nessa sala
é um varal esculpido em madeira.
Se prestarmos atenção, têm demônios
dos dois lados.
Traduzindo, a frase que está
escrita ali é:

Considerai a vossa procedência:
não fostes feitos pra viver quais brutos,
mas pra buscar virtude e sapiência.

Essa frase está no livro de Dante.
Ela é dita por um personagem chamado
Odisseu na parte do Inferno.

Odisseu está falando com Dante.
O personagem está contando
para Dante que convidou seus amigos
para uma viagem perigosa.
Essa viagem era em uma parte
desconhecida do mar.
Odisseu disse que eles deveriam
ter coragem e buscar conhecimento.

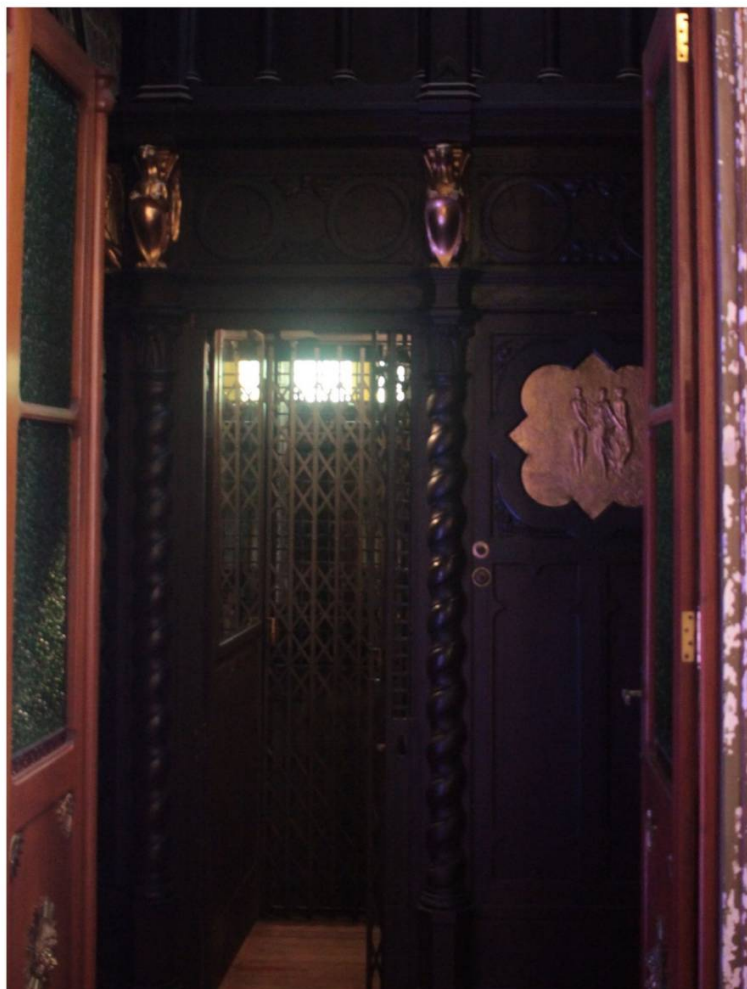


6 - Elevador

Existe um elevador de madeira
no centro do prédio da Biblioteca.
Cada lado do elevador tem imagens
em relevo.

As imagens são de cenas
de **A Divina Comédia**.

No elevador existem quatro cenas
do livro de Dante.



7 - Os Poetas

Elevador

Em uma das cenas vemos Virgílio
e Dante encontrarem outros poetas.
Essa passagem se encontra na parte
Inferno de **A Divina Comédia**.

Os poetas são Homero, Horácio, Ovídio
e Lucano.

Dante está mostrando como ele
é importante por ser recebido
entre os grandes poetas.

A imagem mostra que existe uma ligação
entre os livros de diferentes épocas.

Um livro pode influenciar outros escritores
séculos depois.

É uma ligação ao longo de muito tempo.
Os pesquisadores chamam esse contato
de cultura, legado ou memória cultural.

Dante

Virgílio



Horácio, Homero, Ovídio e Lucano

8 – **Paolo e Francesca**

Elevador

Em outra cena do elevador vemos
Dante encontrar um casal.
A cena acontece no Inferno.
O casal é Paolo e Francesca.
Os dois estão colados para sempre.
Essa é a punição por terem traído
o esposo de Francesca.
A imagem apresentou o amor carnal.
Esse é um amor relacionado
aos desejos.

Paolo
Francesca



Dante
Virgílio

9 - As virtudes teologais

Elevador

Essa cena está na saída do Purgatório, no livro **A Divina Comédia**.

Vemos três mulheres dançando.

Essas mulheres simbolizam a fé,
a esperança e o amor,
que são virtudes.

Virtudes teologais significa
que são divinas, que vem de Deus.

As virtudes serviam para lutar
contra os pecados.

As virtudes estão dançando
em uma procissão que simboliza a história
e o futuro da Igreja.



Fé, Esperança e Amor

10 - Amor sagrado

Elevador

Nesta última cena do elevador vemos a imagem de Dante e Beatriz no Paraíso.

Aqui também é uma cena de amor, mas é um amor muito diferente do amor dos amantes Paolo e Francesca.

Este relevo é mais próximo do amor elevado do estilo de Dante.

Beatriz recebe de Dante um amor puro e de devoção religiosa.

Podemos ver anjos ao redor e a auréola de Beatriz que mostram que o momento é sagrado.

Anjos

Beatriz



Dante

Os livros de Dante influenciaram muitos outros escritores.

Um diretor da Biblioteca Pública, o escritor Eduardo Guimaraens escreveu sobre um amor parecido com o dos textos de Dante .

O livro de Eduardo Guimaraens se chama **A Divina Quimera** (1916).

O filósofo Augusto Comte, criador do Positivismo, também falava de amor e usava o livro de Dante nos seus argumentos.

Esse filósofo influenciou os políticos que construíram a Biblioteca Pública.

Augusto Comte apresentou sua musa de maneira elevada, sagrada.

Nisso ele imitava Dante no seu amor por Beatriz.

Augusto Comte defendia um amor radical pela Humanidade.

Esse amor era o dogma altruísta.

Mas esse amor tinha um lado perigoso.

Ele justificava que os poderosos dominassem o povo.

O lema famoso de Augusto Comte era:

O Amor por princípio e a Ordem por base;
o Progresso por fim.

Este Guia em Leitura Fácil
é um dos resultados da pesquisa
**Vestígios da Memória sobre Dante
Alighieri na Biblioteca Pública do
Estado do Rio Grande do Sul.**

A pesquisa foi realizada durante
o curso de Mestrado
do Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Bens Culturais
da Universidade La Salle – Canoas.

Mestrando:
Bruno Silveira Pires

Orientação:
Prof(a). Dr(a). Lúcia Regina Lucas
da Rosa

Revisão em Leitura Fácil:
Vanessa de Oliveira Dagostim Pires

2026